

LARA FÉLIX

O Que Escondemos na Luz



*
cultura

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM

LARA FÉLIX

O Que Escondemos na Luz



“

Tentei fazer perguntas sobre ti, queria muito ver-te... Só me davam respostas vagas, mas insisti tanto que acabaram por me dizer a verdade. Os teus pais tinham morrido com a explosão. Desatei a chorar e a gritar por ti. Eles abraçaram-se a mim e disseram-me que tinhas desaparecido. Assim, sem mais nem menos...

O Que
Escondemos
na Luz

LARA FÉLIX

O Que
Escondemos
na Luz


cultura

© Lara Félix e Cultura Editora

A presente edição segue a grafia do novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Título: *O Que Escondemos na Luz — A Vida Dela só Começou Quando a Amiga de Infância Morreu*

Autoria: Lara Félix

Revisão: Marta Pinho

Paginação: Ana Gaspar Pinto

Capa: Vera Braga

ISBN: 978-989-577-125-7

1.ª edição em papel: junho de 2024

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, fotográfico, gravação ou outros, nem ser introduzida numa base de dados, difundida ou de qualquer forma copiada para uso público ou privado, sem prévia autorização por escrito do Editor.

Cultura Editora é uma chancela


infinito particular

Criatividade à medida

info@particular.pt | www.particular.pt

Nasci, cresci e fui educada no distrito de Leiria. Todos os espaços que são abordados nesta narrativa são reais. São locais pelos quais passei, que me proporcionaram muitas memórias, pelos quais tenho grande estima.

Todavia, é importante referir que, apesar de esta história conter muitos aspetos de ficção, nomeadamente o romance, o drama e a ação em si, muitos vestígios aqui presentes fazem parte da minha vida pessoal.

Para ti, que lutas diariamente pela tua felicidade.
Para ti, que não deste importância nenhuma à frase anterior,
por não acreditares que lutas, *verdadeiramente*,
pela tua felicidade.



Prólogo

Tudo aquilo que conhecia destruiu-se.

Quando acordei permiti-me acreditar que o dia iria ser feliz. Era o teu dia, como poderia não ser o melhor? Depois percebi que não seria bem assim.

Ouvi o vidro das janelas a partir-se.

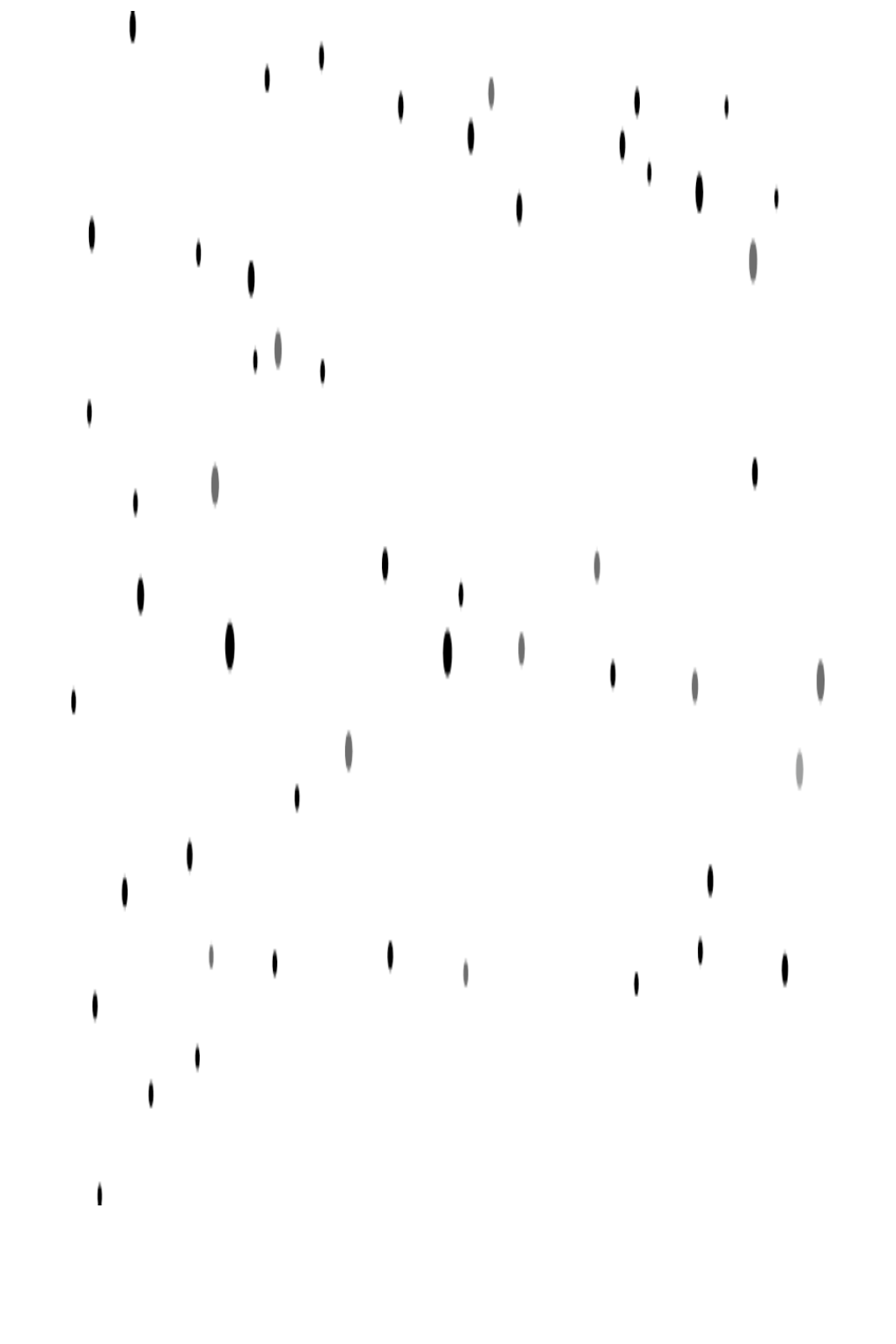
O cheiro a fumo começou a invadir as minhas narinas.

Tudo à minha volta saltava, mas não era de alegria.

Tudo à minha volta gritava, mas não era de contentamento.

Todo o meu corpo se retesou em modo de fuga ou luta. Algo não estava bem.

Vi a minha melhor amiga estendida no chão. Todo o meu universo parou naquele momento, mas apesar da dificuldade em respirar, consegui reparar em algo que me atormenta...



Primeira Parte





Segunda-feira, 19 de setembro

Acordo de repente entre o susto e a alegria fugaz de te ver, ainda que em sonhos. Há muito tempo que não sonhava contigo... Aquela noite mudou a minha vida por inteiro e criou uma espécie de fronteira: antes e depois de ti.

Estou a olhar para o teto de um edifício completamente desconhecido para mim, mas és tu que estás na minha cabeça, no meu pensamento.

A porta branca do meu quarto, neste momento encoberta pela sombra da noite, acaba de se abrir sozinha.

Medo.

Quem será?

— Solange, peço desculpa por acordá-la a esta hora, mas chegou a sua companheira de quarto.

A responsável pela residência de estudantes desvia-se para deixar entrar uma rapariga de cabelo pelo meio das costas, vestida de cores garridas, e ainda refere que vem de Timor-Leste.

— *Hello. How are you?* — pergunta-me a rapariga com um olhar feliz.

Ai, pelo amor de Deus. Quero dormir, só me faltava agora ter de falar em inglês.

— *Hello. Don't you speak portuguese?* — Tento parecer o mais simpática possível.

— Um *'cadito*. — responde envergonhada.

— *Hello!* — Outra voz esganiçada. O que é que uma quarta voz está aqui a fazer?

— Quem é que está aí?

A responsável acende a luz do quarto, cegando-me temporariamente.

— É a amiga da sua colega de quarto. Elas têm medo de estar sozinhas e, por isso, tencionam dormir juntas. Pelo menos esta noite.

Aceno com a cabeça, mesmo contrariada, e reparo, enquanto elas entram por aqui dentro, envergonhadas, que não vestem o pijama e que acabam, ao fim de uns segundos, por se deitar por cima da roupa da outra cama,

utilizando um cobertor para se taparem. Não seria mais prazeroso dormirem aconchegadas no quentinho que os lençóis emanam? Talvez, mas estou tão cansada que não quero saber.

Acabam por adormecer antes de mim e, num rebate de consciência, penso que nem sequer lhes perguntei o nome.

Viro-me para o outro lado e tento dormir.



Acordo com um barulho ensurdecedor. Será um trator prestes a passar por cima de mim? Tenho um olho colado e o outro semiaberto e percebo, finalmente, do que se trata. As minhas novas «amigas» abriram os estores.

— Vocês são malucas, ou quê? Baixem já essa porcaria! — grito.

— *Oh, too much?* — A minha companheira de quarto parece genuinamente surpreendida, mas eu mal consigo olhar para a cara delas.

— Não vês que eu ainda estou a dormir? — Olho para o relógio do telemóvel para ver as horas. — São seis da manhã!

— Gostamos de acordar cedo. — Mostra-me os dentes branquíssimos num sorriso genuíno que não me comove.

— Da próxima vez que acordares assim tão cedo, saís do quarto e deixas-me dormir. Está bem?

Antes que eu possa pedir desculpa, ou, pelo menos, ganhar alguma noção, pela minha agressividade, elas desaparecem porta fora.

Ainda tenho duas horas para dormir, mais duas horas para interiorizar o que será a minha vida nos próximos três anos.

Talvez tenha sido um pouco dura.

Talvez por estar tão nervosa com esta nova etapa da minha vida. Ou por ter sonhado contigo. Connosco.



Minha Lua,

Voltei a sonhar contigo. Algo que não acreditava ser possível que acontecesse novamente, principalmente nesta fase da minha vida, no dia em que cheguei à universidade. Estou feliz porque saí da nossa terra e entusiasmada por saber que vou conhecer caras novas. Estranho, eu sei. Tu sabes que eu tenho dificuldade em ser sociável, no geral, mas há uma parte de mim que simplesmente não consegue sorrir. Está enterrada lá no fundo e não lhe consigo chegar.

Embora não queira que este sonho me afete ainda mais, sei que é impossível evitar que isso aconteça. Preciso que saibas que me recordo perfeitamente daquela quinta-feira terrível. Horripilante. Distante. Um dia que ficará, para sempre, na minha memória.

Era, à partida, um dia supernormal, com aquelas aulas chatas que tínhamos todos os dias. Mas, ao mesmo tempo, sabia que não era um dia qualquer. Simplesmente não era. Aperltei-me toda para celebrarmos o teu décimo aniversário, apesar de saber que iria passar mais tempo de pijama do que propriamente com aquela roupa espalhafatosa, visto que ficaria a dormir em tua casa. Lembro-me perfeitamente da incerteza que a minha mãe sentia em deixar-me ir à tua festa. Era um dia de semana e no dia seguinte tínhamos aulas. Pensávamos nós...

Mas ela sabia que eras tu...

E tu não eras uma pessoa qualquer...

No fim do dia, berravas comigo para eu me despachar a vestir o pijama, porque já estava na hora de jantar. Continuo a rir-me ao recordar-me de como eras rezingona. Sei que não fazias nada com maldade, porque era, acima de tudo, algo que fazia parte de ti. Tanto tu como os teus pais não sabiam falar baixinho. Era tudo em grande e sempre com enorme entusiasmo. Ninguém imaginava como aquele ambiente caloroso me fazia sentir em casa. Não é que não me sentisse assim na minha, mas sempre foi diferente.

O teu pai era a pessoa mais divertida que alguma vez conhecera. A tua mãe, a mais querida. Já os meus pais eram... e são... tu sabes...

Nessa noite, todos se riram com o facto de eu ter derrubado o frasco de pipiri na mesa. A minha cara começou a arder de tanta vergonha, mas eu sabia que não se riam com o intuito de me envergonharem. Riam-se, apenas, por gostarem de mim e por sentirem que fazia parte da família.

Não me esquecerei seguramente do momento em que fomos acordadas pelo barulho e saíste disparada do quarto para tentar perceber o que se passava.

Quando voltaste... Não sei o que me assustou mais...

Não sei se foi o pânico que se espelhava pela tua cara ou o estrondo que ouvi no segundo a seguir...



Segunda-feira, 19 de setembro

Fechei a porta. Com mais força do que deveria, provavelmente.

Mas quem é que quer saber, na verdade?

Porque eu não quero.

Viro-me, para ficar frente a frente com a porta, mais uma vez, com o intuito de voltar a isolar-me, mas arrependo-me assim que toco com a mão na maçaneta. Não posso e não quero ser uma cobarde. Ainda que a minha vontade seja mínima, tenho de enfrentar aquele que será o meu primeiro dia. O primeiro dia numa universidade. O primeiro dia a cruzar-me com pessoas com as quais não tenho ligação nenhuma. O primeiro dia a fingir que não sou uma anormal.

A minha barriga começa a fazer uns barulhos estranhos. Detesto quando isto acontece, principalmente em momentos nos quais desejo e imploro aos céus para que não aconteça. Tenho a sensação de que todas as portas deste longo corredor me conseguem ouvir neste momento.

É agora.

Dirijo-me à cozinha e reparo que estão algumas raparigas a ocupar a única mesa ali existente.

— Bom dia! — Espero, espcada a olhar para elas, que me respondam; estão tão entretidas na conversa que nem me ouvem.

Tento disfarçar o meu embaraço abrindo o frigorífico, onde arrumei a comida que trouxe da casa dos meus pais, e decido tirar uma banana.

— Olá, bom dia! — Uma delas decide finalmente responder-me ao fim do que me pareceu ser meia hora. É morena, de olhos castanhos e cabelo encaracolado. É muito bonita. Mas o que se destacou mais, assim que olhei para ela, foram aquelas bochechas enormes. Dá vontade de apertar, como costumam fazer os mais velhos no Natal, não poupando uma criança que se atrevesse à sua frente.

Sorrio para ela.

Está na altura de ir andando, este vai ser um longo dia.



Lua,

Hoje é o dia.

É o primeiro dia do resto da minha vida.

Confesso-te que estou numa pilha de nervos. Estou a tentar controlar-me, mas é bem mais difícil do que imaginei.

Ontem os meus pais trouxeram-me até Leiria. Gostaria de poder dizer que foi uma viagem curta, mas não foi. Foram os trinta minutos mais longos da minha existência. Sinto até que passou uma vida inteira por mim. Eles tentaram conversar comigo para desanuviar o ambiente, mas não lhes dei hipótese. Não conseguia falar. Ainda tentei parecer animada, mas não consegui. E tu sabes... que não faz parte de mim fingir.

Quem me dera que tivesses visto... A minha mãe olhava, maravilhada, para todos os prédios. O meu pai, embora mais contido, lá no fundo, também se sentia animado. Por outro lado, senti que estavam ansiosos por se irem embora, sabes? Abriram o porta-bagagens com imensa rapidez... só desviei os meus olhos por uns segundos... e quando voltei a olhar para eles, já estavam mais do que prontos para entrarem no local que seria a minha residência nos próximos tempos.

Depois de ter tratado da papelada que estava em falta e de receber a chave do meu futuro quarto, lá subimos até ao quarto andar. Lua... quarto andar! Estás a imaginar-me a subir e a descer estas escadas todos os dias durante três anos? E muito provavelmente mais do que uma vez por dia? Podes ter a certeza de que ainda estou a assimilar esta ideia... e está a custar imenso!

Estou muito pensativa, sabes? Mais do que o costume.

Ontem os meus pais aproveitaram para me dizer algo que nunca tinham dito:

«Sabemos que estes últimos anos têm sido muito complicados para ti, Solange. Para nós também, acredita. Muito mesmo. Achamos que o facto de te distanciares de casa vai ajudar bastante na tua evolução pessoal. Só queremos que consigas crescer num ambiente muito mais tranquilo. Queremos que estejas, mas que, principalmente, sejas feliz. Aqui em Leiria, ninguém te reconhecerá. Vai ser bom para ti, para que o teu dia a dia possa ser passado da melhor maneira possível.»

Acreditas que fiquei sem saber o que dizer? Não estava à espera de ouvir algo assim saído da boca do meu pai. Do meu próprio pai! Eles são sempre tão sérios e praticamente nada comunicativos. Não costumam, de todo, mostrar as suas emoções.

Tudo o que senti naquele momento foi expresso no maior abraço que alguma vez dei a alguém. Só espero que eles tenham percebido como preciso e gosto deles.

Olha... quero que saibas que não segui o curso de medicina veterinária... Não vou cuidar

dos animais, tal como os mil e um gatos e cães que tenho em casa cuidam de mim... Para os meus pais, cuidar dos animais como os médicos cuidam das pessoas não é, de todo, a melhor escolha de profissão. Então, acabei por vir estudar gestão. Não tem nada a ver uma coisa com a outra, mas nem tudo segue segundo o esperado, claramente... Caso contrário, ainda aqui estarias, ao meu lado. Por isso, aqui estou eu.

Sinto que os meus pais não conseguem esquecer tudo o que aconteceu. Por um lado, isso magoa-me... muito, mesmo... Mas numa outra perspetiva, compreendo-os melhor do que ninguém. Nunca, em qualquer circunstância, irei desprezar o dia que mudou toda a minha vida. Não só por mim, mas por todos aqueles que contribuem, diariamente, para a minha (quase) felicidade. Contudo, questiono-me imensas vezes, Lua... Será que não tencionam esquecer? Ou não querem deixar-me esquecer?

Porque o que realmente preciso, no meio disto tudo, é de saber o que te aconteceu...



Segunda-feira, 19 de setembro

Estou a olhar para o maior lanço de escadas que já vi. Acabei agora de descê-las e sinto-me como se tivesse acabado de correr uma maratona. Na minha opinião, deveria ficar assim por ter de subir quatro andares, não por descer.

Adoro andar, mas com este calor infernal, acho que não me aguento. Na confusão inicial de ser caloiria nem sequer sei as horas dos autocarros, mas tenho de tentar descobrir. À minha volta, só vejo trajados, pontos negros no relvado, sempre em movimento, que ainda não tenho coragem de abordar para perguntar seja o que for. Sinto-me, de algum modo, perdida.

Sinto uma grande pontada nas costas quando reparo que a única rapariga, lá em cima, que se dignou a desejar-me «bom dia» abre apressadamente a dita porta pela qual saí minutos antes. Maldita a hora em que fiquei ali especada a apreciar toda aquela azáfama.

— Porra! — Sai-me. — Isso doeu!

— Desculpa! Estás bem? Estou com pressa para...

Aproveito a deixa para tentar obter informações, enquanto descemos as escadas, sobre o que preciso de saber, custe o que custar.

— Sem *stress*. — Nem a deixo terminar o seu raciocínio. — Sabes se há algum autocarro para ir para a Faculdade de Gestão?

— Há um *mobilis*, sim. Tens um daqui a dois minutos. — Acelero o passo e ela tenta acompanhar-me. — Se quiseres, vamos juntas.

— Sim... claro! — Fico atrapalhada, não esperava tanta amabilidade.

Será que, por aqui, são todos assim? Simpáticos e calorosos?

— Ainda não me apresentei, mas sou a Catarina. — Sorrio, enquanto os seus caracóis balançam desajeitadamente.

— Eu sou a Solange, obrigada pela ajuda!

— Não tens de agradecer. Não leves a mal a minha pergunta, mas és caloiria, certo? — Ainda se ri mais para mim.

— Sim... Nota-se muito?

Ela ri-se:

— Um bocado, mas não te preocupes, porque não és a única. — De certo modo, sinto-me mais aliviada por saber.

Deixo de me focar na nossa conversa, quando reparo em alguns caloíros, suponho eu, a correrem de um lado para o outro, com os seus cabelos totalmente oleosos devido à substância dos ovos partidos que se encontram, à vista de todos, nas suas cabeças.

— Tenho de admitir — ela aproxima-se mais de mim, como se quisesse partilhar um segredo — que aquilo que me deixa mais desconfortável é a ideia da praxe. — Espera que eu lhe responda, mas continuo em silêncio absoluto. — E tu? Qual é a tua opinião sobre o assunto?

Queria dizer que, na realidade, não tinha assim tanto interesse em fazer parte das praxes e dessas «boas-vindas» discutíveis aos novatos, mas decidi calar-me. Soltei um sorriso amarelo e o *mobilis* apareceu para me salvar.



Minha Lua,

Os últimos dias, as últimas horas, os últimos minutos têm sido momentos de recordação. Desde que cheguei a Leiria que não consigo parar de pensar em ti.

Nunca mais conseguirei tirar aquele dia fatídico da minha cabeça, sabes? Nem os dias que se seguiram. De um certo modo, isso deixa-me aterrorizada, porque não quero reviver todas aquelas memórias vezes sem conta. Mas se não fossem estes rasgos de lembranças, não me sentiria tão ligada a ti. Eu preciso disso... mais do que gostaria de admitir... E quero sobretudo que saibas o que se passou comigo desde aquela noite...

Senti-me perdida na manhã seguinte. Tinha uma dor de cabeça de todo o tamanho. Queria abrir os olhos e mal conseguia. Eu devia estar no teu quarto... ou no teu quintal... já não tinha a certeza.

Lembro-me do instante em que conheci uma senhora muito simpática (percebi, mais tarde, que era enfermeira) que estava a cuidar de mim, de todas as minhas dores, não só das físicas. Ela tentou perceber como me sentia, mas nada disso importava. Eu só queria saber de ti. Então, de repente, tudo fez sentido na minha cabeça. Estava no hospital.

Ela quis saber se me lembrava de alguma coisa da noite anterior. Lembrei-me de que estava contigo no quarto e de que, de repente, tudo mudou. Tinha certas memórias de ter visto a tua casa a arder, mas não sabia bem o que era real ou parte de um pesadelo.

Enquanto esperávamos pelos meus pais e pelo médico, ela explicou-me que eu tinha sido gravemente ferida por algumas pedras, por isso, estava com uma ligadura à volta da cabeça, e também que tinha sido operada a uma perna assim que chegara ao hospital.

Quando os meus pais apareceram, contei-lhes o pouco de que me lembrava. A minha mãe fartou-se de chorar e disseram-me que eu tinha sido encontrada no teu quintal. Não sei como fui lá parar. Não consigo lembrar-me, a minha cabeça está muito desorientada.

Tentei fazer perguntas sobre ti, queria muito ver-te... Só me davam respostas vagas, mas insisti tanto que acabaram por me dizer a verdade. Os teus pais tinham morrido com a explosão. Desatei a chorar e a gritar por ti. Eles abraçaram-se a mim e disseram-me que tinhas desaparecido. Assim, sem mais nem menos... «Os bombeiros procuraram a Luana, mas ela desapareceu» são palavras que ecoam na minha cabeça até hoje.

A Luana desapareceu...

Tu... que serás, para sempre, a minha Lua... tinhas desaparecido.



Segunda-feira, 19 de setembro

Assim que o *mobilis* chega, distraio-me com a possibilidade de participar nas praxes. Tenho alguma curiosidade, por mais ínfima que seja, e se não o fizer agora, não terei mais oportunidades, certo?

O *mobilis* para e tento entrar no meio dos encontrões dos rapazes. Parecem crianças. São tantos estudantes que nem consigo ver caras para mais tarde as recordar.

Exceto uma.

Consigo sentir as energias negativas que vêm de um deles, o único que não queria encontrar. Só queria seguir em frente, continuar com a minha vida, mas sinto que ele não me deixa.

— Se faz favor! — Acordam-me dos meus devaneios, esqueci-me do local em que me encontrava.

— Tem de passar o passe aqui nesta maquineta para poder seguir viagem.
— É um homem muito calmo a falar, mas bastante assertivo.

— Eu não tenho passe... Cheguei a Leiria há pouco tempo... — Faço um sorriso envergonhado e rezo para que o Bruno, aquela cara familiar entre os passageiros, não repare nesta confusão. Tratei de tantas coisas relativas à universidade e esqueci-me completamente de algo tão simples como isto.

— Então, se não tem o passe tem de começar a tratar disso. Sendo assim, são 60 cêntimos para ir até ao Leiria Shopping. Normalmente é mais caro, mas os estudantes têm desconto.

Claro que me esqueci da carteira. Consigo vê-la, abandonada no meu quarto e não na mala, onde deveria estar.

É a Catarina que me salva.

— Quanto é um bilhete de ida e volta? — pergunta ela.

— Um euro — responde o motorista.

De passe em punho, a Catarina vira rapidamente a mochila, abre a carteira e dá-me o salvador euro de que eu precisava para poder entrar no autocarro.

À medida que avanço pelo corredor apinhado, sinto os olhares da maioria

das pessoas virados para mim. Sempre tentei passar despercebida, ou até ser invisível e nunca, em toda a minha vida, me senti tão exposta como agora. Sinto que estão a olhar para todos os meus detalhes, como se estivessem a ler a minha alma.

Quem me chama mais a atenção são três rapazes. Um deles é totalmente bronzado. Salta-me à vista, porque o tom da sua pele é mesmo muito parecido com o da minha. Está abraçado a duas raparigas, mas a sua atenção desvia-se para mim. Ele tenta criar contacto visual, mas sinto-me absolutamente desconfortável, por isso, continuo a olhar em frente. O segundo rapaz, apesar de não ser tão atraente como o primeiro, chama-me ainda mais a atenção. Neste caso, pela positiva. Está a ler um livro, ao contrário de toda a gente que está aqui. Viro a cara, muito discretamente, para conseguir ver o título do que estava nas suas mãos. É um livro de Dale Carnegie, *Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas*. Como consegue concentrar-se com toda esta azáfama à sua volta? É incrível como, ao aproximar-me, ele para o que está a fazer. Tem o cabelo rapado e os olhos transmitem uma luz que me dá vontade de me sentar ao seu lado, mas não consigo perceber se o lugar está ocupado ou não. Vou-me aproximando cada vez mais e vejo que estou num dia de sorte. O lugar ao lado dele está vazio. Faço um sorriso e pergunto:

— Olá, posso... — Sou empurrada brutalmente, e reparo que o lugar deixa de estar desocupado.

Fica ocupado por outra rapariga qualquer. Devem conhecer-se. Sortuda.

Começo à procura de outros lugares e não sou bem-sucedida, portanto, decido ficar em pé.

Olho para eles: estão à conversa. Acho que o rapaz se sente um bocado desconfortável com a atitude dela, mas pode ser da minha cabeça. Noto que já tentou dizer-me alguma coisa mais de duas vezes, mas a rapariga é tão faladora, que ele mal respira. Começo a sentir-me cada vez mais incomodada com a situação, por isso tento olhar para todo o lado para me distrair, mas não consigo resistir e olho, mais uma vez, para eles. Admiro-me pelo facto de ele já estar com os olhos postos em mim e questiono-me se estará a pedir-me desculpa com o olhar.

No meio de tudo isto, tento não olhar para *ele*, o que me provoca más vibrações só de pensar em quem ocupa a parte de trás do autocarro. O Bruno. Tento fingir que não está aqui, e como toda a gente voltou às suas conversas rotineiras, tenciono fazer o mesmo.

— Muito obrigada por me teres ajudado! — Dirijo-me à Catarina, apesar

de, momentaneamente, me ter esquecido por completo de que ela estava ao meu lado.

— Não precisas de agradecer. Acho que devemos estar sempre aqui uns para os outros, não achas? — Reparo que está sempre com um sorriso na cara. Isso agrada-me.

Tencionava responder-lhe, mas o meu raciocínio é interrompido.

— O que é que achas, Solange? Achas que devemos estar sempre aqui uns para os outros? — Não acredito que *ele* estava atento à nossa conversa.

Não lhe vou dar importância.

— Não lighes. — Finjo um sorriso, mas ela vê que eu não estou lá muito animada.

— Conheces? — Ela tenta falar baixinho, mas não adianta.

— Sim, Solange. Conheces-me? — Não respondo. — E eu, conheço-te a ti? — Parece um maluco a gritar.

Agora sim, despertámos a atenção de todos.

— O que é que tu queres?! A sério... não me canses o juízo.

— Porque é que não voltas para a terrinha? A tua vida por lá era assim tão má que tiveste de fugir?

Cala-te! Meu Deus, cala-te! Ninguém tem de saber nada sobre a minha vida!

A minha expressão facial deve ter traduzido completamente o que estou a pensar, porque ele acha-lhe piada, como sempre. Abre a boca para continuar o massacre, mas não deu tempo.

O *mobilis* para e todos começam a levantar-se. Chegamos, finalmente.

Furiosa, tento sair em primeiro lugar, visto que sou das poucas pessoas em pé. Percebo que não é possível, pois recomeçam os empurrões e fico para trás. Eu e a Catarina.

No meio da confusão, reparo que os dois rapazes que observei durante o caminho são amigos do Bruno. Cumprimentam-se com um aperto de mão e começam a rir, enquanto conversam. Fico dececionada por um rapaz que gosta de ler se dar com um otário como aquele.

Assim que soube que entrei no curso e na universidade a que me tinha candidatado fiquei superfeliz, mas, ao mesmo tempo, pensativa. Não vim para muito longe da minha família pelo simples facto de não me sentir bem longe deles. Preciso deles na minha vida. Preciso deles perto de mim, apesar de saber que a nossa relação tem altos e baixos.

Ao vir para Leiria, achei que teria um recomeço. Uma nova fase que me permitisse esquecer ou, pelo menos, reinventar-me. Nunca pensei que estaria perto de alguém que fizesse parte do meu passado, um passado que não quero

recordar. O Bruno e muitos outros que já passaram pela minha vida são pessoas que quero bem longe.

Assim que regresso à realidade, percebo que já tenho espaço suficiente para sair do *mobilis*. Posso ir à minha vida e não voltar a olhar para aquelas caras assustadoras.

— Obrigada pela companhia, Catarina! Assim que te voltar a ver devolvo-te o euro que me emprestaste! — Estou com tanta pressa que mal olho para a cara dela para me despedir e, por isso, nem ouço o que responde. Só espero que ela não ache que estou a descartá-la. Sei que voltarei a vê-la.

Começo a acelerar o passo cada vez mais.

Surge o som de uns passos atrás de mim. Não me apetece olhar, porque podem ser apenas vários estudantes que se dirigem ao mesmo lugar que eu; mas alguém começa a puxar-me levemente pelo ombro. Fico tensa e viro-me imediatamente para poder ver quem é.

Para minha surpresa, vejo o rapaz leitor que me interessou e desinteressou no espaço de segundos.

O que quer ele?



Lua,

Naquela altura, pensava que a situação não podia piorar. Estar deitada numa cama de hospital, sabendo que tinhas desaparecido, sem saber se irias voltar... sem saber absolutamente nada de ti.

Estava enganada.

O médico e a enfermeira que há uma semana cuidavam de mim disseram que precisavam de falar comigo sobre algo importante. Naquele instante fiquei a tremer dos pés à cabeça.

Primeiro garantiram-me que iria ter alta muito em breve e que teria de começar a fazer fisioterapia. Embora não quisesse, eu sabia que, muito provavelmente, iria precisar.

Depois de me sossegarem, continuaram a falar:

«O teu pai telefonou-nos há bocado para nos dizer que amanhã terá uma visita. Dois colegas do trabalho dele precisam de falar urgentemente contigo. Precisam de esclarecimentos acerca do que aconteceu naquela noite. E não há melhor do que falar com a única testemunha que existe.»

Senti-me desiludida, sabes? Senti-me traída pelo meu próprio pai. Ele nem me perguntou se teria vontade de falar com eles...

Tentei saber mais detalhes, mas não obtive respostas.

Sabia apenas que teria de esperar pela tal conversa...

Só não fazia a mínima ideia do que poderia vir dali...

No dia seguinte, falei com eles e tentei mostrar a minha melhor cara, fingindo estar calma, ainda que deitada numa cama de hospital, mas senti que eles estavam tão nervosos quanto eu.

Inicialmente, lamentaram a situação e afirmaram que estavam ali para mim, para tudo o que necessitasse. Fiquei emocionada, precisava de ouvir aquilo, de tal forma que nem consegui organizar as ideias. Só consegui acenar-lhes com a cabeça e esperar que conseguissem ler-me os pensamentos para perceberem como me sentia agradecida.

Depois foram diretos àquilo que os levava ali, ao assunto que não podia ser evitado. Pediram-me que lhes contasse tudo aquilo de que me recordava. E a verdade é que a conversa nunca mais foi esquecida. Lembro-me tão bem como se tivesse sido ontem:

«— Conta-nos o momento em que sentiste que alguma coisa estava errada.

— Eu estava a dormir na mesma cama que a Luana. De repente, despertámos com o barulho causado pelos pais dela e reparámos, de imediato, que a luz da cozinha estava acesa. Perguntei-lhe se ela sabia porquê.

— E o que é que ela respondeu?

— Que devia ter sido o pai a ir ao quintal. Acontecia algumas vezes, segundo ela. E depois...

— E depois o quê? Podes continuar.

— Ela começou a assustar-me...

— Como assim?

— Desapareceu do quarto e voltou a aparecer logo a seguir. Nunca a vi assim...

— Assim, como? Como é que ela te parecia?

— Aterrorizada.

— Imaginas porque terá ela ficado nesse estado?

— Não cheguei a saber... não tive tempo.... Queria que ela me contasse a razão que a deixara em pânico... Mas já devem imaginar o que aconteceu a seguir.

— Então, e de que te lembras mais?

— Bem, ouvi uma explosão e a partir daí não me lembro do que aconteceu. Devo ter perdido os sentidos, porque assim que acordei, estava no lado de fora da casa.

— Não fazes ideia de como lá foste parar?

— Apesar de achar que fui salva por alguém, não tenho a certeza de nada e não sei como é que fui lá parar.

— Quem é que achas que poderia ter-te salvo?

— Não sei... Estava só a supor.

— Neste momento, tudo o que sabemos é que tiveste mesmo muita sorte. Se estivesses na outra ponta da casa, muito provavelmente não terias sobrevivido. O problema surgiu na cozinha da casinha ao lado da dos pais da Luana.

— A sério?

— Sim. Sabemos que foi devido a um problema de gás. Assim que o Joel acendeu a luz, aquilo explodiu.

— Como é que é possível?

— Solange... acreditamos que não tenha sido um acidente.»

Foi assim que descobri que o último momento que vivi contigo não foi um acidente...



Segunda-feira, 19 de setembro

— Precisas de alguma coisa? — Movimento a minha mão direita de um lado para o outro, mesmo à frente dos seus olhos. Ele parece estar em transe. — Sim?

Ele olha para mim como se eu fosse a primeira pessoa em que tivesse posto a vista em cima. Não é que não me sinta lisonjeada, mas isto é das coisas mais estranhas que já me aconteceu.

— Alô? — Não me responde. — Se não tens nada para me dizer, podes, por favor, afastar-te?

Ele continua com cara de parvo a olhar para mim. Acho que só com um grande empurrão é que poderá voltar ao seu estado normal. Devo ou não devo?

— Desculpa. — Acordou para a vida, finalmente. — Não quero que penses que sou um tarado qualquer. — Sorri com o que acabou de dizer, um sorriso tão meigo que me deixa embaraçada. — Deixaste cair qualquer coisa.

Que coisa? Ele afasta-se e leva a mão ao bolso das calças.

Oh, meu Deus! Vejo o meu colar a brilhar. Duas mãos unidas que serão, para sempre, inseparáveis. Eram. Nem acredito que se não fosse este rapaz esquisito, teria perdido algo tão importante para mim.

Sinto-me muito ansiosa e não quero sentir-me assim à frente dele. Nem dele, nem de ninguém.

Arranco-lhe aquilo da mão sem pensar duas vezes.



Lua,

Quando chegou o dia de sair do hospital, confesso que senti um misto de emoções.

Estava contente por poder voltar para o meu quarto, para a minha cama, para aquele espaço em que não era incomodada a todos os instantes, ou assim pensava eu.

Estava quase a entrar no carro dos meus pais, quando percebi que era impossível. Estava encurralada. Tantas pessoas. Tantas vozes. Tantos flashes de jornalistas a cegar-me. Tantas dúvidas sobre como seria a minha vida a partir daquele momento. Tanto medo de não conseguir ultrapassar o meu sofrimento.

Depois de vários minutos, que mais pareceram horas, a observar tudo o que acontecia à minha volta, consegui, por fim, ir-me embora. Consegui olhar para trás e manifestar o meu adeus a um local que me manteve segura por algum tempo.

Nesse exato segundo, os meus pais partilharam comigo que tinham algo para me dar. As suas vozes eram sombrias. Tentei, então, dar-lhes toda a atenção que mereciam:

«— Nós sabemos que não queres falar sobre o assunto, e respeitamos-te, mas na noite do desastre a Luana perdeu um objeto. Foram os inspetores Costa e Lopes, que tu conheceste no outro dia, que o encontraram. Eles acharam que to deveriam devolver. Por isso, vieram falar connosco.»

Perguntei o que era e quando vi, comecei a chorar, Lua. Não consegui controlar-me... Tentei, mas não consegui. O nó na minha garganta engrossou de tal maneira que se desatou com uma rapidez que nem tive tempo de conter.

Eles entraram em pânico e pediram-me, por tudo, para que parasse.

Foi então que a raiva que me consumia chegou às últimas palavras que dirigimos uns aos outros naquele dia, palavras de que não me esquecerei:

«— Não se lembram disto?

— Sol...

— Não me chamem isso!

— Solange...

— É o colar que comprámos para lhe oferecer no aniversário! É a porcaria do colar que eu lhe dei poucas horas antes... antes... Vocês sabem! Não quero estar sempre a repetir o mesmo... Está aqui! E não devia... Devia estar com ela!

— Filha, a única coisa que podes e deves fazer é guardá-lo bem junto a ti... Ela será sempre a tua melhor amiga. Estarão sempre unidas, independentemente da distância que vos separe. Lembra-

-te disso.»



Segunda-feira, 19 de setembro

— Desculpa! Desculpa ter-te arrancado isto da mão com tanta força. Não foi por mal... nem pensei no que estava a fazer.

— Sem problema. Na verdade, não me conheces de lado nenhum. — Ele sorri.

Retribuo, é a minha forma de lhe agradecer.

Devo dizer mais alguma coisa?

Parece-me que a conversa terminou, por isso, viro costas e começo a andar.

— Mas se queres um conselho, se calhar devias relaxar um bocado... — Pelos vistos, não acabou. — O *stress* vai dar cabo de ti, miúda.

Miúda?

Parei, sentindo o sangue subir-me à cabeça.

Mas ele conhece-me de algum lado para me chamar *miúda*?

— O que é que me chamaste... *miúdo*?! — falo igualmente alto.

Ele abre a boca, mas inicialmente não sai nenhum som. Percebo que ficou envergonhado.

Bem feita!, pensei orgulhosa.

— Estava só a meter-me contigo. — Começa a diminuir a distância entre nós. — Não precisas de levar as coisas tão a peito. Para a próxima, se quiseres, chamo-te senhora, só para te mostrar toda a educação que tenho pelas pessoas. Nomeadamente, as mulheres. — Pisca-me o olho.

— Ah, ah. Tens muita graça... — Rio da forma mais forçada que existe, revirando-lhe os olhos.

Ele aproxima-se ainda mais de mim, toca na minha mão e acaba por pegar nela. É um toque suave, seguro e confortável que me aquece e percorre o corpo todo.

— Porque é que levas o colar na mão e não o pões ao pescoço? — pergunta-me.

Será que ele me pode largar? Não consigo concentrar-me em mais nada.

Ao fim de segundos, que parecem minutos, ele percebe que estou a olhar

para as nossas mãos, sendo que a minha contém o colar que ele me devolveu. É então que me solta e deixo, enfim, escapar o ar que sustive nos pulmões.

Como é que não reparei que deixei de respirar?

— Tenho de ir andando. Obrigada por me devolveres aquilo que me pertence. — Tenho de voltar à realidade rapidamente.

— Espera! — Olho para trás. — Em relação às bocas daquele rapaz... Queria dizer-te para não dares importância às parvoíces que ele diz. — O seu humor mudou. Está muito mais sério.

Adorava saber como é que este rapaz começou a fazer parte da vida do Bruno. Ou é mais parecido com ele do que me está a parecer, ou, neste caso, os opostos atraem-se mesmo.

— Sim, eu sei. O Bruno não é grande coisa.

Está admirado por eu saber o nome dele.

— Conheces o Bruno?! Pensei que ele se estava a meter contigo por seres tão... bonita. Desculpa, não quero faltar-te ao respeito.

Não sei qual dos dois fica mais atrapalhado com este comentário, mas sei que o meu corpo começa a transpirar como se não houvesse amanhã; e a minha cara, se tivesse capacidade para isso, explodiria de tão vermelha que está.

— Não quero ser intrometido, mas como é que se conhecem? — continua — Nunca te vi por aqui... Além de que tenho a certeza de que se te tivesse visto não me esqueceria. — Mesmo envergonhado, não para de lançar charme.

— Se não queres ser intrometido, então não te intrometas.

Trocamos olhares.

Ele não me responde.

Mas antes de virar costas e de me ir embora definitivamente, não posso deixar de lhe transmitir o que ainda tenho entalado na garganta.

— Já agora, porque é que tu te dás com ele? — sai-me mais calmamente do que eu esperava.

Sinto-me triste por este rapaz ter algum tipo de relação com o Bruno. Sei que não o conheço, e que não tenho nenhum tipo de razão aparente, mas é assim que me sinto: desiludida.

Mais uma vez, olha-me diretamente nos olhos e não me responde.

Acabo por virar as costas ao seu silêncio. É desta que me vou finalmente embora, já estou a perder muito tempo com ele.

Tenho vontade de olhar para trás, para perceber se ele continua a olhar para mim ou se também já voltou à vida dele, mas não o faço. Tenho de

encontrar a Faculdade de Gestão.

Vamos lá, Sol. Não deve ser assim tão difícil.



Lua,

O dia em que fez um ano que desapareceste foi um dos mais tristes da minha vida.

Não estava sozinha, sabes?

Os meus irmãos e os meus pais estavam à minha volta, a insistirem comigo para comer, e por mais que tentasse agarrar numa garfada de arroz, só desejava que me deixassem em paz.

Todos se calaram quando a jornalista do telejornal começou a falar.

«Boa noite a todos os telespectadores. Faz hoje um ano que Luana, a menina de dez anos da Nazaré, desapareceu depois de os pais terem sofrido um acidente fatal. Luana faria hoje onze anos. Segundo fontes oficiais da Polícia Judiciária, apesar de continuarem à procura de pistas, não há novos desenvolvimentos.»

Calada estava, e calada fiquei.

Fechei-me para o mundo. Sentia-me confusa, abandonada, sozinha.

Acredito que a minha família achasse que sabia como me sentia terrivelmente mal, mas não estava sequer perto de saber a verdade. Tinha apenas nove anos quando aquilo aconteceu, Lua. E ninguém fazia ideia de como fora gozada no último ano. Não podia continuar a permitir que os miúdos da nossa escola me apontassem o dedo, como se eu tivesse culpa do que te aconteceu, do que nos aconteceu...

Sei que éramos todos garotos, mas custava-me. Custava-me muito.

Mas sempre me custou ainda mais não saber de ti.



Querida Lua,

Lembras-te da Aida? A nossa ama? Aquela que cuidava de nós enquanto os nossos pais trabalhavam?

Quando tu desapareceste, ela continuou a levar-me todos os dias à escola, mesmo não tendo eu vontade nenhuma. O primeiro dia em que decidi voltar à minha rotina, ou que fui obrigada, deixou-me de rastos.

A professora mandou o Bruno ao quadro e, como sempre, ele começou a protestar e a dizer que não queria ir e que devia ir outra pessoa. Então, virou-se para mim. E tu sabes como eu adorava ser o centro das atenções, certo? Não te esqueças de como gosto de ser irónica.

Todos os olhares se cruzaram com o meu.

Em vez de desviar o olhar e ficar calada, respondi torto. Começámos a discutir, a professora teve de intervir e obrigou-o a pedir-me desculpa.

Nesse mesmo dia, acabei por descobrir o que se passava. Ele estava apaixonado por ti. Tratava-me mal, porque, de certa forma, me culpava por eu ter sobrevivido e tu teres desaparecido.

Podes pensar que era apenas uma paixoneta de criança, mas a verdade é que hoje continua igual, continua a tratar-me como fazia há tantos anos.

O pior é que, de certa maneira, tudo me lembra de ti, mas também descobri que... não estou sozinha. Há mais alguém neste mundo que me quer bem.



Segunda-feira, 26 de setembro

— Solange, queres vir jantar comigo?

Que pergunta tão pequenina e tão simples, mas, ao mesmo tempo, tão difícil de responder.

Olho para a cara da minha colega de quarto, a Dilivia. O seu português melhorou muito e sinto-me orgulhosa. Não tive nada que ver com isso, mas não consigo evitar.

Ela abre a porta do quarto e continua a olhar diretamente para mim. Sinto que não vai desaparecer até lhe dar uma resposta, mas ainda não sei que resposta lhe dar.

Arrisco tudo e começo a viver ou continuo no meu canto sem saber o que é a vida? Quem sou eu e que pensamentos são estes?

— Vou à cozinha beber um copo de leite e quando voltar quero uma resposta! — Vira costas e vai-se embora.

Quem é que ela pensa que é para me fazer ultimatoss?

Ela não percebe que o destino depende de cada decisão que tomamos?

Apesar desta sensação agri-doce, sei que a nossa relação tem vindo a melhorar com o passar dos dias. É bom saber que quando saio das aulas não volto para um quarto vazio. Dou-me bem com ela, sem darmos muito de nós, e isso deixa-me feliz.

É bom estarmos a entender-nos.

É bom para mim e, sem dúvida, bom para ela.

Esta última semana que passou foi bastante cansativa. Apresentações, praxes, caras novas quase todos os dias.

Algumas delas sobressaíram pelas suas personalidades, nomeadamente o professor Cláudio, que me pareceu ser muito afetuoso perante mim e os meus colegas, deixando-me muito mais tranquila. Não me esquecerei de como foi atencioso comigo quando me levantei, quase obrigada, para falar sobre algo que me é tão difícil partilhar — a minha vida. Com este professor, senti-me verdadeiramente à vontade, e as palavras que me dirigiu, à parte, no fim da

aula, deram-me o conforto de que tanto necessitava naquele dia.

A rapariga que conheci no primeiro dia, a Catarina, é da minha turma e não se cala um bocadinho, mas ainda bem, porque assim não me dá espaço para falar. Para a maioria das pessoas isso seria um ponto negativo, mas não para mim. Quanto menos falar, quanto menos souberem de mim, melhor.

Os meus pensamentos são interrompidos pelo movimento da porta a abrir-se. Que susto! Estava completamente absorvida neles.

— Assustei-te? Já acabei de beber o leite. — Nota-se que está satisfeita.

— Estava distraída, apenas. Correu tudo bem com o micro-ondas?

— Sim! Bati-lhe algumas vezes... quer dizer, muitas vezes, e ele trabalhou. Se te perguntarem porque é que aquilo está meio amolgado não digas que fui eu.

Começo a rir às gargalhadas. Esta rapariga, por mais incrível que pareça, afasta-me das minhas trevas.

— Que livro estás a ler? — Nota-se que quer conversar comigo.

Até me esqueço de que tenho um livro no colo, agarrado pelas minhas próprias mãos.

— *9 de novembro*. É de uma das minhas autoras favoritas, a Colleen Hoover.

— Não gosto de ler, sabes? Prefiro a realidade...

Esta última frase tem muito que se lhe diga, mas prefiro não continuar esta conversa. Prefiro mil vezes viajar dentro das inúmeras histórias que leio diariamente a encarar a minha vida.

— Já tomaste a tua decisão? Sempre queres vir jantar comigo?

Como não dei resposta à conversa anterior, ela volta a perguntar aquilo a que não tenho muita vontade de responder.

Olho para o teto e respiro fundo. Reparo que já estou com o meu pijama e robe favoritos vestidos. Ambos têm o padrão de chita. É mesmo a condizer.

O que poderá correr mal?



Segunda-feira, 26 de setembro

— Estás a gostar do jantar? — questiona-me a Dilívia.

Não, não estou.

Ela pergunta-me como se tivesse sido ela a fazê-lo. Mas não, muito pelo contrário. Nem eu nem ela fizemos o jantar. Em vez disso, estamos a comer uma pizza de supermercado, aquecida num micro-ondas, no edifício principal das residências do IPL.

Todos os estudantes têm permissão para entrar neste edifício, principalmente para estudar ou para conviver com outros estudantes. Por isso, não estamos sozinhas. Estamos rodeadas pelos seus amigos esquisitos... Porque não me disse ela que íamos estar acompanhadas? Eu acho que ela não está a perceber a gravidade desta situação.

Eu estou de pijama... Acho que não fui suficientemente explícita. Eu estou de pijama. Forço o meu cérebro a entrar em telepatia com o dela. *Olha para mim, se faz favor. Compreende a mensagem que te quero passar.* Estou a escorrer em água. Literalmente ensopada.

Eu tentei. Juro que tentei. Mas, por mais que tente, ela não percebe como me sinto constrangida.

— Sim, estou a adorar — ironizo.

O problema é que ela não percebe a ironia, ou então finge simplesmente que não entende.

— De certeza? — pergunta-me um amigo dela. — Não pareces muito animada.

Este rapaz consegue falar muito melhor a língua portuguesa. Não tenho ideia nenhuma de qual será o seu nome, mas também não faço questão de saber.

Claro que não estou animada. Sinto que cada traço do meu corpo está a ser avaliado, deixando-me inteiramente desconfortável. Como se o meu pijama fosse de tecido transparente que permite visualizar cada detalhe de mim. Todos os olhares desajustados que existem, inevitavelmente, à minha volta,

deixam-me envergonhada por estar assim vestida, quando para mim é a roupa com a qual mais me sinto à vontade e descontraída. Sinto que não faço parte deste meio.

Mas faço.

— Estou muito animada. — Junto os dentes e afasto os lábios para forçar um sorriso. — Não se nota?

O olhar dele torna-se assustador. Em poucos segundos, transforma-se num olhar enojado. Agarro no telemóvel e vejo-me ao espelho. No espaço de uma hora, deixo de ser a esquisitona do pijama para passar a ser conhecida como a badalhoca do pijama. Estou carregadinha de comida nos dentes. Melhor trabalho do que este é impossível. Afasto as pessoas sem esforço nenhum. Começam a rir-se à minha volta. Também começo a rir-me para tentar disfarçar o meu constrangimento. Adorava meter-me dentro de um buraco e não sair de lá. Apesar de não ser boa a manter relações interpessoais, não gosto de ser gozada a torto e a direito.

A minha cabeça é muito confusa. Parece que nada me agrada, que nada me deixa verdadeiramente feliz. Às vezes gostava de ser de outra forma, mas por outro lado, também sei que se assim fosse, não estaria a ser eu própria.

Todos os risos à minha volta param por um único motivo.

O meu raciocínio deixa de funcionar por um único motivo.

Ouço um barulho que vem da entrada do edifício, mas ainda não consegui perceber ao certo o que é.

Todos viram a cara na direção do ruído que se aproxima cada vez mais.

— Queres comprar uma rifa? — Ouço a voz de um rapaz.

— Não.

— E tu? Queres comprar? É cinquenta cêntimos.

— Não.

— Então e tu? Estás mesmo com cara de quem precisa de uma rifa na vida para ser feliz!

— Não.

Coitado. Ou está sem sorte nenhuma, ou todos os seus potenciais compradores estão tesos que nem um carapau.

Abre a porta da sala que me está a provocar mal-estar.

Por favor, mantém-na aberta.

Preciso.

De.

Ar.

Tentei, com toda a minha força, estabelecer telepatia com a Dilivia, sem

sucesso. Com este rapaz bastaram meros segundos, sem esforço nenhum, para que ele deixasse a porta aberta; tal como lhe pedi.

Estou, finalmente, a vê-lo.

É o rapaz que me devolveu o colar.

Ele olha para mim no momento exato em que tento baixar a cara para ele não me encontrar, mas já não fui a tempo.

Oh, meu Deus.

Ele está a aproximar-se.

Olho para trás com esperança de ser a pessoa a quem ele se dirige.

Não está aqui mais ninguém.

Gaita.

— Boa noite! — Ele não se dirige diretamente a mim, mas sim à mesa em geral. — São vocês que vão fazer a minha noite valer a pena? — Somos quatro pessoas. De certeza que terá sorte com algum deles. Comigo não, mas com eles acredito que sim.

— Sim, claro. — Afirmam todos aos mesmo tempo.

A Dilivia e os seus colegas de turma tiram o dinheiro das carteiras, dão ao rapaz e recebem os papéis das rifas, para verem se lhes calha a sorte grande. Ou não.

— Então e tu? — Mando-lhe um olhar desafiador. — Tenho a honra de obter cinquenta cêntimos teus para um bem maior?

Reviro os olhos.

Está a tentar provocar-me. E está a conseguir.

— Dilivia, vou andando, está bem? — Quero despachar-me daqui para fora. — São 23h00. Já está a fazer-se tarde e amanhã tenho de me levantar cedo. — Ela tenciona responder, mas eu não deixo. — Obrigada pelo convite. Voltaremos a repetir. — Não, não voltaremos, mas eu quero terminar da forma mais simpática possível.

Levanto-me.

Merda!

Lembrei-me agora, mais uma vez, de que estou de pijama, e de que estou frente a frente com o rapaz. Não sei porque me sinto mais nervosa e envergonhada do que o normal, sendo ele igual a todas as outras pessoas. Não tenho motivos para estar assim. Estou desleixada e despenteada com muito orgulho.

Ou talvez não, mas vou fingir que sim.

— Sim, claro. Vai lá. Entretanto, também já vou para o quarto. Obrigada por teres vindo! — Dilivia sorri-me e abraça-me.

Fico atrapalhada, porque não estou habituada a este tipo de afeto, principalmente com pessoas com as quais não tenho grande ligação.

Sorrio-lhe de volta.

Está na hora de me ir embora.



— Espera!

Foda-se.

Está um frio de rachar! Quem é que me está a pedir para continuar na rua a morrer ao frio?

Assim que me afastei do grupo, saí porta fora e tentei chegar o mais depressa possível à entrada do meu dormitório, tentando ignorar quem me chamava.

Toco com a mão na maçaneta da porta.

— A sério, espera!

Viro-me.

— Precisas de alguma coisa?

Percebo que estou a ser muito educada, a partir do momento em que não estou a mandá-lo para um sítio que eu cá sei.

— Quero pedir-te desculpa pela minha apresentação no outro dia. — Fico sem ar. — Não queria intrometer-me na tua vida, mas não me controlei e comecei a perguntar coisas que não devia.

Estou parva. Nós não somos nada um ao outro. Porque é que ele me pede desculpa?

— Não tens de pedir desculpa por nada. Foi uma conversa sem jeito nenhum...

Ele faz um ar ofendido.

— A nossa troca de palavras foi breve, é verdade, mas para mim, tudo tem um significado, independentemente do grau de intensidade.

Deixa-me sem palavras e acabo por lhe responder da única forma que encontro:

— Estás mais do que perdoado, embora continue a achar que não existe nada para perdoar. Mas agradeço-te teres vindo falar comigo.

Sorrio-lhe, desta vez de forma genuína.

Ele aproxima-se.

Por favor, não. Não faças isso.

Faz.

Não.

Faz!

Não!

Ele posiciona a mão de modo a ser possível darmos um aperto de mão.

— Então... podemos começar de novo?

Não. Talvez não devamos...

Não sei...

Quem é que eu quero enganar?

CLARO QUE SIM!

— Sim... Devemos começar tudo de novo. — *Que ousada, Sol.*

Apertamos a mão um do outro.

Tento ter a minha de volta, mas ele ainda não a largou. Não é que me esteja a queixar, mas não posso passar a noite toda nisto.

— Para acreditar nisso, temos de selar o nosso acordo!

— Não é para isso que o aperto de mão serve?

— Inicialmente, era essa a intenção... mas não chega...

— Então, e o que é que estás a pensar?

— Tens de comprar uma rifa!

Desato a rir-me à gargalhada.

— A sério?

— Sim! Podes não acreditar, mas isto vai servir para ajudar os estudantes que passam mais dificuldades, principalmente aqueles que vêm de outros países... e não só.

Sentido de humor: ☒

Jeitoso: ☒

Humano: ☒

Se a lista de elogios continuar a aumentar, estou tramada.

— Convenceste-me — digo-lhe.

Arranjo os cinquenta cêntimos, porque o que me vale é que tenho dinheiro dentro do robe.

Eu: robe e pijama.

Ele: lindo de morrer e cheiroso.

Não é justo. Não estamos numa posição igualitária.

Tento não permitir que estes pensamentos negativos ganhem, e escrevo o meu nome e o meu contacto na rifa. Assim, ele ficará a saber como me chamo, mas eu continuo sem saber o seu nome.

— Bem... Eu vou andando para cima...

Ele acena com a cabeça com um brilho no olhar.

Viro costas para seguir o meu caminho.

— E obrigada! — diz ele. — Obrigada por teres sido a pessoa que fez com que a minha noite valesse a pena, *Solange*.

Volto a virar-me, repentinamente, de frente para ele. *Ele leu o meu nome*. Não consigo evitar.

— Como é que te chamas?

Ele volta a sorrir com o coração para mim e desaparece.



Lua,

Inicialmente tinha a sensação de que, depois do que aconteceu, quando fui parar ao hospital, aquele foi o primeiro lugar em que acordei. Algum tempo depois, tive a certeza de que não foi bem assim.

Eu desmaiei. Perdi os sentidos no exato momento em que não podia, no instante em que tinha de estar lá para te acudir.

Quando acordei não conseguia acreditar no que estava a acontecer.

A catástrofe. O caos. O pânico.

A minha cabeça parecia estar prestes a explodir, não conseguia manter o foco. Só pensava que tinha de encontrar o interruptor da luz para poder encontrar-te. Mas só conseguia concentrar-me no que não me ajudava.

As chamuscas. A casa estava rodeada por chamuscas.

Eu tentava chamar por ti. Juro que tentava.

Não sabia o que fazer. Não sabia por quem gritar, para além de ti. Por isso, tinha a certeza de que não partiria dali sem te ter ao meu lado.

Estava com tanto calor. Todo o meu corpo parecia derreter.

Quando te reencontrei, corri na tua direção, sabes? Assim que cheguei ao pé de ti comecei a abanar-te com toda a minha força, como se fosses uma boneca de papel. Dei-te uma estalada com tanta violência, que é como se ainda sentisse a minha mão dormente.

Quando finalmente despertaste, todos os meus outros sentidos despertaram contigo e percebi que não estávamos sozinhas, que alguém se aproximava. Pensei que seria a tua mãe. Lembro-me de sentir alívio. Estávamos salvas!

Estava enganada, completamente enganada.

Era a voz de um homem... e não era a do teu pai...



Terça-feira, 27 de setembro

— AJUDEM-ME! Tirem-me daqui! Tirem-me daqui!

A minha cabeça levanta-se automaticamente, em sobressalto.

Não sou capaz de ver nitidamente. Não consigo parar de olhar de um lado para o outro. Quero tentar perceber se ainda estou a sonhar, ou se já voltei à vida real. Quero saber onde estou.

Alguém me toca no braço, mas tenho o olhar tão desfocado que nem percebo quem é. Abro mais os olhos com esperança de conseguir ver como deve ser. É a minha colega de quarto. Todo o meu corpo se descontraí e eu suspiro, aliviada.

— O que é que se passa? Estás bem? — pergunta-me.

Senta-se ao meu lado e começa a agarrar-me. Agarra-me com toda a força que tem. Estava à espera de que, ao fim de alguns minutos, me largasse. Mas não. Ela não me liberta, nem por um segundo.

Já não me lembrava do que isto era. Já não me lembrava de como precisava de um abraço muito apertado, capaz de me esmagar os ossos. Com carinho.

— Obrigada... — digo-lhe, exausta, sentindo o meu braço a humedecer. Quando comecei a chorar? Em que momento deixei de sentir as lágrimas a escorrerem-me pela cara abaixo?

Quem me dera ter um sensor dentro de mim, identificado como «não chorar em público», que me socorresse em tempos de crise. Um sensor que desejaria acionar mil vezes antes de perceber que isto poderia vir a acontecer. Usá-lo-ia indefinidamente.

Sempre me disseram que não devemos ter vergonha de chorar à frente das outras pessoas. Eu não tenho vergonha. Apenas não quero que os outros olhem para mim. Não quero que olhem com pena. Não quero que me tratem de forma diferente só porque não estou bem.

— Não tens de agradecer. Assustaste-me. Não paravas de gritar e de pedir ajuda. Queres que vá buscar alguma coisa à cozinha?

Dou um salto na cama inconscientemente, porque alguém bate à porta. A Dilívia levanta-se e vai abrir. Fico nervosa, ansiosa e tudo acabado em *osa*.

— Tem calma. Vou só ver quem é. — Dizerem para eu ter calma é a mesma coisa que ativar ainda mais o meu sistema nervoso.

Olho para o relógio e vejo que são 3h30 da manhã. Ela abre a porta devagarinho, mas não por completo. Não deve querer que me vejam neste estado. Agradeço-lhe imenso por isso.

— Está tudo bem? — É a minha colega de turma. — Eu e a minha colega de quarto acordámos com os gritos e percebemos que o som vinha daqui. Só queria saber se precisam de ajuda com alguma coisa...

Enquanto elas falam, vou tratando de secar a minha cara lavada em lágrimas. Ela encosta-se mais à porta e começa a espreitar cá para dentro. Os nossos olhares cruzam-se.

— Solange, está tudo bem? Queres ajuda com alguma coisa?

A Dilívia vai responder à pergunta, mas eu adianto-me.

— Sim, Catarina. Está tudo bem. Desculpem ter-vos acordado. Estava a dormir e, do nada, caí da cama. Para ajudar à festa, alejjei-me no braço, mas a dor já está a passar. — *Sou mesmo aldrabona.*

— De certeza? — Olhamo-nos nos olhos. Começo a sentir-me constrangida com o seu olhar avaliador. Sinto que está a tentar ler-me a alma.

Ela acaba por sorrir para mim, por isso, tento devolver-lhe o sorriso. Parece que fui suficientemente convincente, uma vez que ela me faz sinal com a cabeça e vai embora.

— Todas as nossas colegas de piso estavam no corredor a tentar olhar cá para dentro — afirma a Dilívia.

O quê? Acordei esta gente toda? Tenho de começar a dormir com uma mordça. Algo que surta efeito.

— Espero que se esqueçam disto rapidamente... Não consigo suportar a ideia de ficarem a olhar para mim na cozinha, amanhã de manhã.

— De certeza que amanhã de manhã já ninguém se lembra de nada — diz ela. — Queres que te vá fazer um chá? — Está a tentar mudar de assunto.

— Se não te importares...

— Não tem problema. Não dá trabalho nenhum.

Acena com a cabeça e desaparece, enquanto, por outro lado, as minhas memórias regressam.



Luana,

Quem me dera não ter ficado inconsciente, mais uma vez.

Quem me dera ter visto a cara do homem que te levou sem dar justificações a ninguém.

Quem me dera ter feito alguma coisa para o impedir.

Eu acredito que tudo acontece por um motivo e que o facto de andar a refletir bastante sobre o que aconteceu é um sinal. Um sinal que poderá, ou não, ter algum significado.

Sonho tanto contigo. Muito mais, ultimamente.

Será que me salvaste, antes de teres sido levada por aquele homem?

Será que, na verdade, não te queria mal?

Será que ainda estás viva?

Não consigo imaginar o que tens passado nestes últimos anos.

Não me lembrava deste homem. Não me lembrava de que tinha aparecido alguém que não fazia parte do nosso meio. Consigo perceber que, na realidade, sabia da sua existência, mas não conseguia recordar.

Nunca houve confirmação por parte de ninguém, mas todos acreditam que morreste, que o céu te levou. Foi criado um espaço, no cemitério, para as pessoas poderem chorar por ti, fazer o luto, despedirem-se. Eu saía de casa todas as noites só para te ir visitar. Para me sentir mais perto de ti.

Estou tão feliz por me ter lembrado daquele homem!

Será que estás mesmo viva?

Gostava de partilhar isto com o meu pai, mas ele é muito negativo. Sempre se sentiu bastante frustrado, desde o início, por não conseguir chegar a nenhuma conclusão.

O facto de estas memórias terem regressado não significa que me levem a algum lado, mas saber que existe outra pessoa envolvida nesta situação deixa-me esperançosa.



Quinta-feira, 29 de setembro

Hoje é a noite mais falada do ano, a noite académica. Todos os jovens da minha idade devem estar a aperlaltar-se para ir para o Anubis. Dizem que é o bar mais conhecido da zona e o mais frequentado pelos estudantes. Eu não sou fã destas coisas. Nunca fui a um bar ou a uma discoteca, mas acho que seria bom experimentar, pelo menos, uma vez na vida.

Alguém bate à porta. Tencionava levantar-me, mas a Dilívia acaba por ser mais rápida. Quando a porta se abre, vejo que é a Catarina. O que quer a estas horas da noite? Não estou com muita paciência para socializar, aliás, já estava a preparar-me para ir dormir. Sim, eu sei, são apenas 21h00...

— Olá, meninas. Não vos queria incomodar, mas queria falar contigo, Solange. Posso entrar? — Vem toda sorridente.

A minha colega de quarto olha para mim; sinto que me está a pedir autorização.

— Sim, claro. Entra.

Endireito-me na cama para me sentar de pernas cruzadas.

A Dilívia volta à vida dela.

— Quero saber se gostavas de vir comigo e com algumas colegas da nossa turma beber café.

Primeiro, eu não bebo café. Segundo, que outras colegas? Eu não me dou com muito mais pessoas além dela. Na verdade, nem me dou assim tão bem com ela. Mas é um gesto bem simpático, tenho de admitir.

— Hum... Não sei... Até já estava a...

— Vá lá... — interrompe-me. — Não digas que não. Vai ser divertido sairmos um bocadinho! Vai ser bom podermos conhecer-nos melhor.

Sinto a minha cara a fechar-se. Não gosto de compromissos espontâneos.

— Eu sei que é um bocado em cima da hora, normalmente, não sou assim. Gosto de combinar as coisas com antecedência... Mas podes ficar descansada que não chegamos tarde. — Está a fazer-me olhinhos como se nos

conhecêssemos há décadas e soubesse que esse olhar de Gato das Botas seria infalível.

Paro uns segundos para pensar... No fim, acabo por ceder.

— Está bem! Convenceste-me, vamos lá. — Sorrio para ela, só mesmo para acabar com o suspense.

— Ah, que bom! Eu sabia que aceitavas! — Sou esborrachada contra as suas mamas pelo abraço que me dá apenas por ter aceitado o seu convite. Ela é mesmo esquisita, mas de uma esquisitice boa.

Larga-me, finalmente, para eu poder voltar a respirar.

— Às 21h30 estou pronta. Posso ir ter contigo ao quarto? — pergunto-lhe.

— Sim, claro. — Começa a dirigir-se para a porta. — Veste uma coisa bonita. Até já! — Sai do quarto com um sorriso na cara maior do que o prédio em que estamos.

Uma coisa bonita? Mas onde é que nós vamos, afinal? No entanto, tenho de admitir que até tenho vontade de me arranjar. Apenas um bocadinho. Não quero que se note que me esforcei demais. Sei que tenho alguns vestidos, mas não sei se será o ideal. Por outro lado, adoro calças de ganga. São espetaculares, porque me assentam que nem uma luva. E o melhor de tudo é que são bastante confortáveis. Não existe segunda melhor peça de roupa na vida, isto porque os pijamas terão sempre o meu coração.

— Acho que devias levar esse vestido que tens na mão. — Olho para trás. — Esse azul-turquesa vai ficar-te a matar.

— Achas? Estava mais inclinada para umas calças de ganga e uma T-shirt simples.

A Dilívia revira-me os olhos. Detesto que me façam isso.

— Tu és muito elegante. Confia em mim, leva o vestido.

Vou tentar confiar. Agradeço-lhe a ajuda com um meio sorriso e levo o vestido para a minha cama. Apresso-me a despir o pijama, porque não me sinto totalmente à vontade para deixar outra pessoa ver o meu corpo. Só quero despachar-me, portanto quanto mais depressa o fizer, mais cedo voltarei para casa.



Bato à porta do quarto da Catarina. Estou com um humor de cão, sobretudo porque estou habituada a deitar-me cedo. Espero bem que ela já

esteja pronta. Já estou farta de estar à espera. Nem lhe dou um minuto para abrir a porta. Quero bater na mesma, novamente, mas também não quero parecer insuportável. Para minha satisfação, como se me ouvisse os pensamentos, a porta abre-se repentinamente.

— Solange, que bom, já estás pronta! — Está admirada. — Estás tão gira! — Fico envergonhada com o seu elogio.

Ela dá-me espaço para eu entrar e acabo por obedecer.

— Obrigada! Tu também estás muito bem. — Do que mais gosto nela é aquele cabelo espetacular que ela tem, todo encaracolado e tão bem definido.

— Olá, Solange. Estás boa? — É a Margarida, a sua colega de quarto e futura madrinha de curso.

Nos últimos dias, ela e todos os nossos colegas de turma só têm falado em madrinhas e padrinhos. Nas praxes avisaram-nos que temos de escolher uma pessoa para ocupar esse papel, para podermos ser «batizados». Sinceramente, acho que sou a única pessoa que não tem noção de quem é que irá convidar. Não tenho confiança com ninguém.

— Olá, Margarida. Está tudo bem e contigo? — Sorrio para ela.

Segundo a Catarina, ela licenciou-se em Educação Básica, mas continua a estudar, porque só tem permissão para exercer quando terminar o mestrado. É mesmo simpática. Não me admira nada que a Catarina goste tanto dela.

Reparo que a Catarina põe a mala ao ombro.

— Até logo! Espero que se divirtam bastante, caloiras. — A Margarida despede-se.

Rimo-nos.

A minha colega de turma deita-lhe a língua de fora e saímos.



— Quem é que vem ter connosco? — pergunto.

Será que são muitas ou poucas colegas? A verdade é que não me sinto muito à vontade no meio de tantas pessoas.

— Então... — A Catarina agarra no queixo com o intuito de se pôr a pensar. — Em princípio, vem a Andreia, a Eva e a Rita. — Não somos assim muitas. É um bom sinal.

— Sabes se demoram muito?

Não sei se me vou divertir, mas não tenho vontade nenhuma de passar a

noite inteira fora da residência.

— A Andreia mandou-me mensagem há bocado. Disse que já estava a sair de casa. Deve demorar uns vinte minutos.

— Certo. E as outras? — perguntei.

— As outras ainda não me disseram nada. Devem estar quase a chegar.

Uma empregada dirige-se à nossa mesa.

— Boa noite, meninas. O que vão desejar?

Não sei se a Catarina quer esperar pelas outras.

— Boa noite. Eu quero uma vodka preta com *Coca-Cola*.

Também tenho de pedir alguma coisa, não é? Sinto-me sempre pressionada quando venho a estes locais. Não quero pedir café. Eu detesto café.

— Boa noite. Eu quero uma sidra de maçã.

— É tudo? De certeza que não quer mais nada?

— Sim, é tudo. — Se não acrescentei mais nada ao pedido, é porque é tudo.



As outras já chegaram e ainda não parámos de rir. Quem diria que, afinal, até tenho alguma piada.

De repente, o barulho aumenta. Vem na nossa direção. Um grupo de rapazes instala-se numa mesa mesmo ao lado da nossa. Com tantas mesas por escolher, tinham logo de optar por aquela. A tranquilidade desaparece quando vejo que o mais barulhento é o Bruno. Era o que mais me faltava.

Eles aproximam-se e, pelos vistos, o rapaz que ainda não consegui decifrar se merece a minha atenção ou não, também veio. Teve a indecência de me mandar uma mensagem depois daquela noite. Uma indecência que se tornou logo muito decente. O mais engraçado é que estava numa aula de Tecnologias de Informação e Gestão a pensar nele no exato momento em que me mandou a mensagem. Adorei que ele tivesse guardado o meu número através da rifa que me vendeu, apesar de, ao mesmo tempo, achar que ele passou dos limites. Por outro lado, por mais estranhos que estes meus pensamentos sejam, sinto que ele é diferente. Só não lhe respondi, porque não me sentia capaz depois do pesadelo com a Luana. Tudo passou para segundo plano. E, sinceramente, nunca mais me lembrei. Espero mesmo que ele não esteja ressentido comigo.

— Boa noite, meninas — dizem eles.

Sinto-me observada, enquanto as minhas colegas pensam, apenas, que se estão a meter connosco, a engatar-nos. Podem ter sorte com elas, mas não comigo. Elas riem-se, mas não respondem. Continuam a conversar entre elas. Continuam a conversar comigo. Já nem sei do que estão a falar. Deixei de prestar atenção.

— Solange, qual é o teu Instagram?

Ótimo...

— Hum... não tenho. — Estou bastante rígida.

— Não tens? — Para elas, o mundo está a acabar. Para elas, é um grande choque. — Como é que *tu* não tens *Instagram*?

— Eu também não tenho — diz a Catarina.

Já simpatizo mais com ela.

— Então dá-nos o teu Facebook, para nos começarmos a seguir umas às outras.

— Também não tenho. Se querem saber, a verdade é que não tenho nenhuma rede social — digo tudo de uma vez, antes de voltarem a fazer perguntas desnecessárias.

— Porquê? — perguntam todas em uníssono.

Como lhes vou explicar isto sem elas ficarem a pensar que sou uma anormal?

— Sim, Solange, porquê?

Porque é que o Bruno está sempre a meter-se nas minhas conversas? Decido ignorar a sua existência. Decido ignorar o facto de ele estar mesmo ali ao lado. Ele, por outro lado, não consegue fazer o mesmo. Elas olham para os rapazes que estão ao nosso lado, com cara de desconfiadas. Já eu ignoro-o e continuo com a conversa que estávamos a ter.

— Não gosto. Não tenho necessidade de mostrar a minha vida a pessoas que não me são nada.

— Então e as tuas amiguinhas sabem porque és assim? Sabem a verdadeira razão que te leva a não teres cabeça para este tipo de coisas?

O seu humor muda. Já não é o gozão do costume. Ele faz-me sentir sempre da mesma forma: uma merda. Não posso continuar a admitir que ele me continue a tratar assim.

— Cala-te, pá! — Estou possessa. — Deixa-me em paz! — Coragem, Solange. — Vê se cresces e apareces.

Está de queixo caído. Não estava à espera que eu lhe respondesse à letra. Das duas opções, uma está correta: é bom sinal ou mau sinal. Estou tramada.

— Já que estás com tanta vontade de falar, porque não lhes dizes para se afastarem de ti? — Vira-se para elas. — Acreditem em mim quando vos digo que se querem ter sorte na vida, deviam afastar-se dela. Ela é o azar em pessoa. Por onde quer que passe, existem sempre desgraças.

Elas olham para mim. Vejo incerteza nos seus olhares. Será que têm medo de que seja verdade?

A Catarina agarra-me na mão. Eu não preciso da pena de ninguém, por isso, afasto a minha mão da dela.

Chega. Para mim não dá mais. Só me apetece gritar e dizer um monte de asneiras, mas eles não merecem que eu grite por eles. Por isso, expludo por dentro.

Vão todos para o caralho!



Quinta-feira, 29 de setembro

Estou a tremer.

Saí dali o mais rápido que consegui, nem sei bem como.

Sinto-me mal por ter deixado a Catarina perto de um rapaz que transforma a minha vida num inferno. Como foi ela a convidar-me para sair, sentia a obrigação de voltarmos juntas para a residência. Claro que não foi uma regra que ela me ditou, mas sinto que lhe devia isso. Não quero que ela volte para casa desamparada. Eu própria não me posso esquecer de que estou a andar pelas ruas estreitíssimas de Leiria, sem qualquer tipo de companhia, o que torna a situação ainda mais pavorosa.

A Andreia e a Rita não deixarão que ela volte sozinha. Elas sabem, certamente, que é perigoso. Além de que têm carro, por isso, ela não virá pelos seus próprios pés, o que me deixa muito mais aliviada.

Vamos lá, Solange.

Menos pensamentos e mais ação.

Quanto mais depressa andares, mais depressa chegarás à cama.



Já cheguei, mas não vou voltar para o quarto, pelo menos, para já. A minha cara deve deixar transparecer tudo o que estou a sentir neste momento, e a Dilívia iria perguntar, de certeza, o que se passa comigo. Não estou com cabeça para arranjar desculpas esfarrapadas. Sento-me nos bancos que tenho à minha frente. Não sei porquê, mas sinto-me tão mais bem-disposta quando estou neste espaço. Estou no meu mundo e ninguém está aqui para me chatear. Ninguém está aqui para me deitar abaixo.

Olho para o céu. Somos meras formigas, insignificantes perante a quantidade de estrelas e planetas que existem na galáxia. Reconforta-

-me saber isso.

Os meus pensamentos são interrompidos pela vibração do meu telemóvel e quando o encontro, olho para o ecrã. É a Catarina. Não quero atender a chamada, não quero explicar o que aconteceu. Vou mandar-lhe uma mensagem a dizer que está tudo bem e que já estou prestes a deitar-me. Não quero que ela se preocupe comigo.

Sinto alguém a aproximar-se de mim.

— Encontrei-te!

É ele.

— O que é que queres?

Nem acredito que ele está aqui.

— Não gostei da forma como o Bruno te tratou. Não me senti bem. Quis vir-me embora, assim que te levantaste, para perceber como é que estás...

Ele parece meio encavacado, mas pode ser impressão minha.

— Estou a ver...

Senta-se ao meu lado. Nem perguntou se podia, aproximou-se de mim e pronto.

— Não percebo porque é que ele é tão idiota contigo. Com o resto das pessoas é bastante cordial. Contigo, transforma-se.

Nem sei bem o que lhe responder.

— Não nos damos bem. Aconteceram algumas coisas durante a nossa infância que fez com que deixássemos de conseguir lidar um com o outro...

— Percebo o que queres dizer... São coisas do passado, que, por vezes, nos marcam até aos dias de hoje, não é? Talvez as coisas venham a mudar... Quem sabe...

Decido ignorar as suas palavras.

— Foi por isso que me seguiste?

— Sim. Embora não tenha sido a única razão...

Ai não?

Não quero parecer muito interessada, mas não consigo enganar-me a mim própria.

Decido, então, continuar com a conversa.

— Que razão é essa?

— Eu mandei-te uma mensagem no outro dia. Não sei se viste, mas tenho de confessar que fiquei um bocado desiludido por não teres respondido.

Meu Deus... ele é demasiado direto. Nem sei o que pensar. Não é que não queira conversar com ele, porque quero. Só não me sinto bem.

— Porque é que copiaste o meu número da rifa para o teu telemóvel?

Porque não me perguntaste se podias ficar com ele? Naquela noite, tiveste muitas oportunidades...

Está novamente envergonhado.

— Porque não consegui resistir à tentação. — Começo a sentir um friozinho na barriga com as palavras dele. — Mas se quiseses eu apago-o já.

— Não! — Foda-se. — Não é preciso! Só quero perceber porquê... E eu só não te respondi, porque passei mal a noite e, durante o dia, não tive paciência para mais nada.

— Então... — Chega-se mais a mim — Da próxima vez que te mandar uma mensagem, não me vais ignorar?

Merda.

Como é que faz com que qualquer coisa seja a mais atraente de sempre?

— Não volto a ignorar-te. Prometo. — Ele fica feliz. Eu fico feliz. — Mas antes de isso acontecer, quero falar sobre um assunto que não entendo, que não para de andar às voltas na minha cabeça...

Ele ri-se.

— E que assunto é esse?

— No dia em que me devolveste o colar, disseste para eu não ligar às provocações do Bruno. Hoje, dizes-me que não gostas da forma como ele me trata. E, por isso, volto a perguntar-te o mesmo: porque é que te dás com ele?

Ele parece surpreendido, ao mesmo tempo que a sua boca se abre num grande sorriso. Estará ele a gozar comigo? Porque não estou a achar piada nenhuma.

— Eu não gosto das atitudes que ele tem contigo. Não gosto mesmo. Afeta-me de uma maneira que ainda estou a tentar entender. Mas comigo ele foi sempre impecável. Só gostava de perceber por que razão ele é tão duro só contigo...

Será que ouvi bem? Ele disse que esta situação o afetava? Não quero admitir em voz alta, mas agrada-me. Muito.

Ele começa a olhar para mim, sério, como se me estivesse a analisar.

— Eu sei que não me perguntaste nada, mas sinto, desde o primeiro dia em que te vi, que te conheço. A tua cara não me é estranha...

Como assim? Como é que ele me conhece?

— Deves estar a fazer confusão. Podes ter a certeza de que eu nunca te vi...

— Acho que já sei... — Por favor, não. — Não és a miúda que sobreviveu àquela explosão que foi tão divulgada na televisão?

Foda-se. Foda-se. Foda-se.

Tirem-me daqui.

As minhas mãos tremem. Agarro nas pernas com muita força para controlá-las. Ele agarra-me no braço. Quem é que lhe deu autorização?

— Não precisas de responder... Já percebi que toquei num tema sensível para ti... Se não te sentires bem, não falamos deste assunto.

Eu quero que ele entenda. Gostava de conseguir confiar em mais alguém, além dos meus pais, mas não sei se será ele, se será a pessoa certa. Tenho medo de ficar desiludida, mas se não experimentar abrir-me com alguém, nunca saberei o que poderá acontecer.

— O colar era dela. Foi por isso que fiquei tão alterada. Estava imensamente feliz por não o ter perdido, mas totalmente fora de mim por isso quase ter acontecido.

Ele continua sem perceber a minha conversa.

— Eu perdi a minha melhor amiga naquela explosão. Todos os anos, no seu aniversário, passam notícias sobre a rapariga que sobreviveu e a rapariga que, inicialmente, desapareceu e que depois foi dada como morta. — O ambiente entre nós torna-se tenso. — E é isto.

Surge um brilho no seu olhar.

— Não sabia. Isto é, não me lembrava, ao certo, dos pormenores. Agora que me falas disso, lembro-me de tudo. Lamento, genuinamente, que tenhas passado por isso.

— Não te sintas mal... Sempre tive noção de que poderia ser reconhecida por algumas pessoas, mas peço, todos os dias, que isso não aconteça. Mas sei que não posso impedir que as pessoas me reconheçam... — Ele volta a olhar para mim como se estivesse a conhecer-me pela primeira vez. — Ela era a pessoa mais importante do mundo para mim. Desde aquele dia que vivo apenas um dia de cada vez.



Sexta-feira, 30 de setembro

Já passa da meia-noite e ainda não nos calámos. Depois daquele tema sensível, começámos a falar de tudo e mais alguma coisa. Conversas sem fim. Eu quis saber o que ele faz e o que deseja vir a fazer na sua vida. Contou-me que estava no segundo ano de Educação Social, na ESECS, que, por acaso, não é a minha escola, o que acaba por ser uma maravilha para ele, porque, dado que ele também vive nas residências, só demora dois minutos a pé até à universidade.

Disse que faz voluntariado e o seu trabalho de sonho é ser educador social numa prisão. Quer reeducar aqueles que, em certas fases das suas vidas, se perderam.

É tão bom chegarmos a um ponto da nossa vida e sabermos o motivo por que nascemos. No caso dele, nasceu para mudar a vida dos outros. Acredito que saiba isso melhor do que ninguém.

Quem me dera sentir o mesmo. Quem me dera ter a mesma confiança que ele. Gostaria de ter a certeza do que quero fazer na minha vida. Gostaria de saber qual o propósito de eu ter nascido, mas ainda não tenho uma resposta.

Toda esta conversa faz-me gostar ainda mais de estar com ele. Mas por mais que eu queira continuar a falar, sei que não posso.

A minha vida não é isto.

— Bem... tenho de ir andando. — Olho para o relógio. — Tenho de ir dormir, tenho aulas às oito da manhã.

— Sim, claro. Nem dei conta de o tempo passar. Desculpa lá ter-te chateado durante tanto tempo. — Ele pisca-me o olho e levanta-se.

Não gosto do efeito que isso provoca em mim, mas tento ignorar.

— Não será esforço nenhum deixar que tu me chateies sempre que quiseres... — Uau. Onde é que fui ganhar esta coragem toda? Não estou em mim.

— Gosto disso! — Sinto a satisfação dele a léguas.

Sorrio-lhe como resposta.

— Bem, se tu te vais embora, também vou. Já não estou aqui a fazer nada.

Aceno com a cabeça. Mas antes de seguir o seu caminho, ele aproxima-se de mim e dá-me um beijo na bochecha.

Não estou a saber lidar.

Estou nas nuvens.

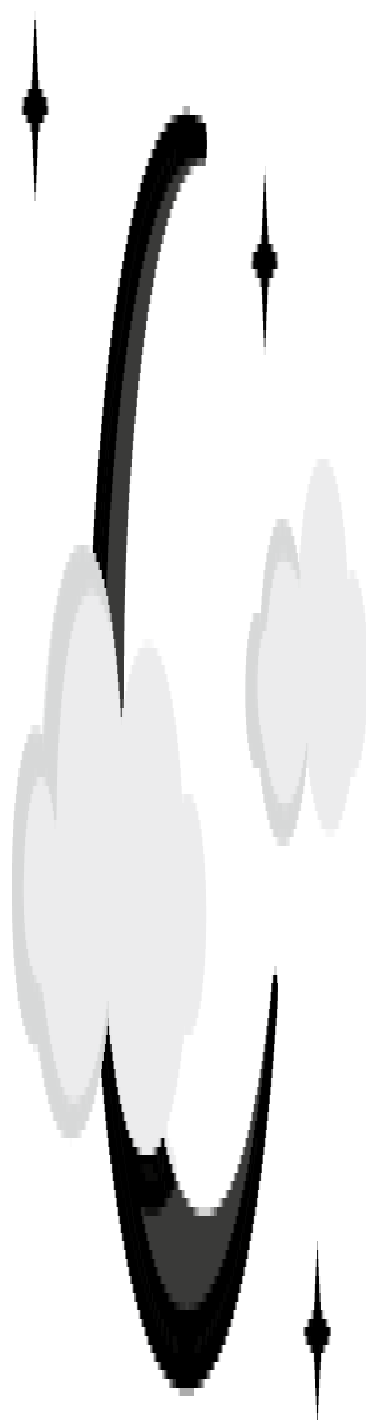
— Dorme bem, vizinha. — Volta a piscar-me o olho e começa a dirigir-se para o sentido oposto. Já está a ser demais, não?

Lembro-me, de repente, que nem sei o seu nome.

— Então... e posso saber o teu nome? Isto é, acredito que não demorará muito tempo até ter uma nova mensagem tua no meu telemóvel... — Ele vira-se e mostra-me aquele sorriso endiabrado no meio desta escuridão. — Então, quero saber qual o nome pelo qual te devo chamar daqui em diante.

Espero que ele não me ache convencida. Gosto de picá-lo, para ele não perceber como me sinto insegura com isto tudo.

— Não, não podes. — Fico sem ar. — Deves. — Foda-se... Todo o meu corpo volta a descontrair. — Eu sou o David.



Sexta-feira, 30 de setembro

David

Que barulho é este?

A minha cabeça estava desligada. Só gostava que ela não acordasse com qualquer coisa, por exemplo, com o som de uma metralhadora que sai pelo nariz do meu colega de quarto. Olho para a minha direita e vejo o Ailton a dormir profundamente. Quem me dera ter essa sorte. Só me apetece enfiar-lhe uma meia toda malcheirosa dentro da boca até o conseguir calar. Aposto que se lhe passasse um comboio por cima, muito provavelmente, não sentia nada de nada. Como é sequer possível que alguém consiga dormir com este som?

Só quero conseguir adormecer, porque quando estou acordado, sinto-me a sonhar. Com ela. Estou sempre a pensar nela. O que é que se passa comigo? Não há nada que me tire a Solange da cabeça. Ela vive mesmo aqui ao lado, mas pelo menos não está no mesmo corredor que eu. Se estivesse, nem sei qual seria a minha reação, mas é melhor nem pensar nisso. Não é bom para mim estar a criar fantasias.



Estou pronto.

O Bruno mandou-me uma mensagem para irmos beber café; como só tenho aulas à tarde, aceitei, porque a verdade é que nunca falto. Ainda me pediu desculpa por me ter acordado. Ele nem imagina que àquelas horas eu já estava desperto. Desde que a conheci que as minhas noites não têm sido as melhores nesse sentido.

Detesto que ele seja uma pessoa completamente diferente com ela, porque,

apesar de embirrento na maioria das vezes, consegue ser bom comigo e com todas as outras pessoas que conhece.

Ela é diferente. Para mim, diferente para melhor. Para ele, diferente para pior.

Eu sei que ele não está bem. Sei que não está bem há muito tempo, mas nada serve de desculpa para se maltratar alguém.

O meu telemóvel começa a tocar. É ele.

— Diz.

— Já estou a ir para aí. Podes descer?

Desligo a chamada. É a minha forma de responder positivamente à sua pergunta.



Quando desço as escadas, adoro olhar pelas janelas e ver as pessoas que estão lá em baixo. Gosto de imaginar e sobretudo de tentar perceber o que vai nas suas cabeças. Quero saber o que pensam e sentem. Acho que poderia ser muito interessante ler a mente das pessoas, visto que cada história de vida é uma história de vida, inigualável a qualquer outra, para poder ajudá-las naquilo de que necessitam.

Estou cada vez mais perto da porta de saída.

Há alguns segundos, era algo que pouco me importava, mas assim que vejo a Solange a sair pela porta do prédio da frente, estremeço de emoção. Credo. Pareço um miúdo com as hormonas aos saltos. Abro a porta e observo que ela já está a descer as escadas. *Despacha-te, caralho.*

Ela olha para mim no preciso momento em que tento conquistá-la com o meu melhor sorriso, ao mesmo tempo que tropeço num pedregulho. *Eu sei que já estavas aí, mas, por causa de ti, quase fui parar com o focinho ao chão.* A sério, tantas alturas para me esbardalhar ao comprido e tinha logo de acontecer à frente dela. Lá se vai a tentativa de engate. Espero que esta situação não a faça ir por outra direção. Espero que continue em frente, para poder falar um bocado com ela, antes de ter de o aturar.

Ela continua em frente. Foda-se. Hoje é o meu dia de sorte!

— Já estava a pensar que era preciso chamar o 112... — Desata-se a rir à gargalhada.

Gosto do seu sentido de humor. Apesar de me deixar envergonhado, fico

feliz por ela encarar estas situações da forma mais brincalhona possível.

— Então, mano? Andas a fazer solidariedade com gajas como esta?

Fomos surpreendidos pelo Bruno. É nestas alturas que não percebo como me dou com ele. Quem me dera ter notado a sua presença, mas eu conheço-o, e sei que estava morto por se incluir na conversa.

Normalmente, sou uma pessoa muito paciente, mas, sem dúvida, hoje deixou de ser um desses dias.

— Bruno, deixa-te de merdas — atiro-lhe.

Ela agarra na sua mala com as duas mãos e começa a afastar-se. Não a julgo. Qualquer pessoa estaria farta destas atitudes da treta. Apesar de já termos falado no assunto, não quero, de todo, que ela pense que sou como ele. Tento ir ter com ela, mas ele agarra-me no braço com firmeza. Com isto, acabo a ficar de caras com ele.

— David, porque estás a ser tão defensivo? Ela não te é nada. Aliás, eu contei-te... Contei-te o que ela é... — Sei perfeitamente que por baixo deste seu lado terrível, está um rapaz bastante magoado e zangado.

Ela volta para trás e aproxima-se.

— Então e o que é que eu sou? — Esta rapariga responde à velocidade da luz.

Isto vai dar merda.

— Quando é que vais parar de sacrificar aqueles que vivem à tua volta, Solange? — Sinto a desilusão na sua voz.

Eu e ela olhamo-nos nos olhos. Está a contorcer-se toda para não chorar à frente dele. À nossa frente. Só gostava que ela não se sentisse assim. Que nenhum dos dois se sentisse assim. Já estou farto.

— Chega! — intervenho. — Ou é preciso falar contigo de outra maneira? — Ele percebe pelo meu olhar que não estou para brincadeiras. Detesto ser assim, mas ele não me dá outra hipótese.

Ele está chocado a olhar para mim. Tem vontade de me responder, como faz com toda a gente. Mas, por alguma razão, tem algum respeito por mim e vai-se embora, simplesmente. Nem me diz se a ida ao café fica sem efeito ou não. Não me diz nada. Eu e ela ficamos sozinhos. Finalmente. Era o que eu mais queria.

— Desculpa. — Sinto que lhe devo um pedido de desculpas. — Desculpa por toda esta situação.

Ela não diz nada. Está muito nervosa. Nota-se tão bem. Só quero que ela se lembre de que pessoas insignificantes não têm espaço nos nossos pensamentos. Nem na nossa vida.

Aproximo-me dela, mas ela recua, infelizmente. Tento novamente.

— Podes falar comigo. Não te retraias...

Desta vez, não recua. Há algo dentro de mim que começa a dançar de alegria.

— Quero agradecer-te por me teres defendido. Nunca senti que alguém tenha sido tão prestável como tu foste comigo. Quero agradecer-te por, mesmo sem me conheceres, não teres deixado que ele me rebaixasse. Ainda mais do que já faz.

— Ele não tem esse direito. Nem tu podes deixar que isso aconteça. — Espero que ela não tenha entendido isto da forma errada. — Isto é, não deixes que ele mostre ao mundo uma pessoa totalmente diferente daquilo que és. Tenta não dar importância às coisas que ele te diz. Quanto mais ligares, mais ele te afetarà. E acredita... é isso que ele quer.

Sinto uma grande necessidade de estar lá para ela, de estar presente. Ela deve estar a pensar que sou estranho. Ainda mais do que já deve achar e, se me acusasse, eu não negaria. Ela aproxima-se ainda mais de mim. Mais do que eu estava à espera.

— Obrigada. Mais uma vez... obrigada.

Já percebi que ela não é de muitas palavras, mas gosto de a ver com um sorriso na cara. Quando dizem que um sorriso vale mais do que mil palavras, é bem verdade.



Quinta-feira, 6 de outubro

Porra. Quem é que não me deixa sossegada a uma hora destas? Já estou, há não sei quanto tempo, a tentar acabar esta leitura, e percebo que não vou conseguir avançar muito mais do que aquilo que queria. Então, o melhor será levantar-me para ir abrir aquela porta. Custa-me levantar da cama sabendo que estava no bem bom. Sabendo que, naquele cantinho do meu quarto, estava superquentinho. Será a Dilivia? Ter-se-á esquecido da chave? Ela disse-me que hoje ia dormir no quarto da sua amiguinha esquisita.

Abro a porta, mas não tenciono abri-la por completo. É a Catarina. Como não pensei nisso? Só podia ser ela.

— Posso entrar?

— Claro, entra. — Não me apetece muito estar à conversa. Tenho mais vontade de ler. Talvez arranje alguma desculpa inofensiva.

Espero que ela avance, para poder fechar a porta. Ninguém tem de ouvir as nossas coisas. Sei que não está ninguém no corredor, mas as paredes são tremendamente finas. Se consigo ouvir a minha vizinha do lado a espirrar, muito provavelmente também nos conseguirão ouvir a nós.

Ela senta-se em cima da cama da Dilivia e olha para mim. A conversa deve ser mesmo importante, mas, lá no fundo, desconfio de qual será o tema.

Sento-me, finalmente. Pela cara dela, parece aliviada assim que o faço.

— Então e o que queres? — Sou interrompida.

— Solange, o que é que se passa?

Eu sei do que ela está a falar, mas prefiro fazer-me de despercebida.

— Como assim? Não se passa nada... — Tento ser convincente, mas acho que é, apenas, uma tentativa falhada.

— Vá lá, Solange. Eu e as outras raparigas estamos superpreocupadas contigo. — Faz uma pausa para suspirar. — Desde aquela noite que nos andas a evitar.

Eu sei. Não quero afastar ninguém, ainda mais do que já faço, mas estou

muito surpreendida, pela positiva, por elas terem reparado que eu andava mais ausente. É bom saber que existem pessoas que acabam por sentir a nossa falta.

— São assuntos que prefiro guardar para mim. Não gosto muito de partilhar as minhas coisas... Não me leves a mal...

A sua cara entristece-se automaticamente.

Antes que ela responda alguma coisa, antecipo-me e decido falar.

— O problema não és tu. Eu sou, pura e simplesmente, assim. — Espero que ela me entenda. Tal como eu me esforço por tentar entender e aceitar a preocupação que ela demonstra.

— Eu entendo, a sério que sim... Mas, por outro lado, quero que percebas que não vou sair daqui até tentar compreender o motivo de aquele rapaz te tratar assim. — O quê? — Solange, ele tratou-te abaixo de cão. Por mais que se odeie uma pessoa, aquilo não se faz. Naquela noite, achei tudo muito esquisito, mas não quis estar a insistir contigo, especialmente no meio delas.

Ela tem toda a razão. Ninguém lha tira.

Eu só não sei o que fazer.

— Apenas quero que saibas que te quero ajudar em tudo o que precisares. Acredita no que eu te digo... — Agarra-me na mão. Gosto de sentir o calor que ela me transmite.

Apesar de a conhecer há pouco tempo, consigo sentir, e quero sentir, a adoração que ela tem por mim. E sinto que também tenho um carinho muito especial por ela. Será o suficiente para partilhar algo tão íntimo com ela?



Querida Lua,

Acreditas que num dos meus aniversários, já não me lembro ao certo qual, me empurraram? Como é que uns miúdos daquela idade já tinham tanta maldade? Será que as pessoas quando crescem é que se tornam ruins ou são mesmo assim desde sempre?

Sentia-me atormentada, totalmente perdida. Precisava que alguém me ajudasse, mas ninguém queria saber.

Eu berrava de aflição, suplicando a quem me via naquele trágico momento que me tirasse dali, mas, como já te disse, ninguém queria saber.

Estava gelada. E todos olhavam para mim a rirem-se às gargalhadas. Mal sabia nadar e aquilo era extremamente fundo, Luana. Eu não tinha pé. E eles decidiram, então, gozar com a minha cara:

«— Vá, tenta sair daí! Queremos ver-te a conseguir!

— Sim, já que escapaste de uma explosão, talvez consigas também escapar desse poço todo malcheiroso.»

Só me apetecia chorar, mas não queria dar-lhes essa satisfação, sabes?

Só desejava que algum professor me pudesse ouvir, mas, normalmente, eles ficavam dentro das salas de aula a preparar a próxima aula.

Quando deu o toque da entrada, todos se dispersaram.

Eu tentava subir aquela porcaria, mas era demasiado alto para mim. Só queria ir para casa...

Até que, graças a Deus, alguém apareceu:

«— Solange! Sou eu, o Francisco!

— O que é que estás aqui a fazer?

— Cala-te e estica os braços para eu tentar puxar-te!

— Oh, meu Deus! Obrigada!

— Agradeces quando estiveres cá em cima.

— Já me estão a doer...

— Não desistas! Anda lá, está quase!

— Arghhhhh!

— Já está! Já estás cá em cima!

— Obrigada! Obrigada! Muito obrigada!

— Não tens de agradecer! Gostaria que me fizessem o mesmo...»

Empurraram-no, Lua.

Empurraram-no no exato momento em que estava a falar.

Empurraram-no com toda a força lá para baixo.

A aflição dele era notável. Tinha a sensação de que o que ele sentia era o dobro daquilo que eu sentira.

«— Porque é que fizeste uma coisa destas?

— Não te metas! Isto é entre mim e ele! Tu... devias ter continuado ali dentro...

— Por favor, não me deixem aqui!

— Espero que fiques aí a apodrecer. Espero que não tenhas nada combinado para as próximas horas, porque eu não vou estar aqui para te ajudar. Adeusinho.

— Eu vou pedir ajuda!

— Por favor, despacha-te! Eu não sei nadar...»

Assustei-me ainda mais quando ouvi aquelas últimas palavras a saírem da boca dele, Luana.



Quinta-feira, 6 de outubro

— Além dos meus pais, houve apenas uma pessoa em quem confiei de alma e coração. Não quero que penses que não me transmites confiança, mas preciso que entendas que ainda tenho de te conhecer melhor. Acho que merecemos isso. Merecemos conhecer-nos uma à outra.

Ela não responde. Não parece estar muito convencida.

— Eu só quero que te sintas bem. E que saibas que não estás sozinha.

Eu sei. Sei que me queres bem, Catarina. Apesar de existirem dias que me fazem sentir que sou uma treta, também sei que amanhã será um dia melhor. Que, lá no fundo, existem pessoas que gostam de mim. Só essas interessam. O Bruno não gosta de mim. Eu não gosto dele. E temos motivos válidos para isso.

— Quero que saibas que, com o tempo, poderei vir a ganhar muito mais confiança contigo... Adoro as nossas colegas, mas não me sinto tão à vontade... para ser eu mesma. — Ela sorri. Deve pensar o mesmo que eu.

Ela abraça-me.

— Estou aqui para ti. Agora e sempre que precisares.

Olha para mim e volta a abraçar-me. Os seus braços são mesmo reconfortantes. Só espero que ela perceba, realmente, que não é por mal que eu sou assim. Acho que o meu corpo e o meu cérebro se fecham automaticamente. Eu quero confiar. Eu tento. Mas, se calhar, não tento o suficiente.

Está na hora de conseguir.

— Então e tu? Não queres falar um bocadinho sobre ti?

Tenho vontade de saber mais sobre ela. Tal como ela se esforça por manter uma relação de amizade comigo, também quero fazer o mesmo em relação a ela. Todo o seu corpo fica tenso.

— *Não há muito a dizer.*

— De certeza que há. — Sorrio-lhe. — Porque não comesças por te apresentar, como se não soubéssemos da existência uma da outra, e dizes

quem és e de onde vens?

— Porque, *mais uma vez*, já disse que não há nada para dizer sobre mim.



Sexta-feira, 7 de outubro

Meia-noite. Tenho estado a ler até agora, mas já está na hora de parar. Durante a semana gosto de me deitar mais cedo, gosto de dormir as horas necessárias para que, no dia seguinte, não sinta que estou quase a cair para o caixão. Mas antes de ir dormir, tenho de fazer uma coisa.

Tenho muita, para não dizer imensa, vontade de falar com o David. Já não o vejo há uma semana e a verdade é que sinto a falta dele. Já estou na cama, mas o meu telemóvel está na mala. Que dor. Está tão longe. A preguiçite aguda está a dar cabo de mim. Mas quem corre por gosto não cansa, não é verdade?! Que expressão mais foleira para uma situação como esta. Enquanto penso nisto tudo, reparo que já tinha tido tempo suficiente para me levantar não sei quantas vezes para ir buscar a porcaria do telemóvel. Por isso, decido levantar-me.

Já com ele na mão, volto para dentro dos lençóis.

Não sei se sou corajosa o suficiente...

Não sejas parva. Claro que és.

Se ele me manda mensagens, e eu lhe respondo, porque não tenho coragem de ter a mesma iniciativa?

Lembro-me do que aconteceu na semana passada, o David a vir em meu socorro, como o cavaleiro do qual não preciso, mas que de vez em quando sabe bem. Ele interveio na desagradável conversa entre mim e o Bruno. Há muito tempo que ninguém fazia por mim o que ele fez. Por isso, sinto-me grata.

Eu sei que já lhe agradeci, mas quero voltar a agradecer. Penso que seja uma boa desculpa para meter conversa com ele. Não posso, simplesmente, dizer-lhe que sinto a falta dele, não é?



Alô.

Olá. Quem és?

Muito engraçadinho!

Achas? 😊 Já não recebia nenhuma mensagem deste número há tanto tempo, que até pensei que a pessoa tivesse desaparecido.

Não estava à espera de que ele se metesse comigo desta forma. Muito menos à espera de gostar. E de gostar bastante.

Agora a sério... Pensava que não querias nada comigo. Fico feliz por estar enganado. 😊

Certo. Ele queria que eu mandasse mensagem.
Sinto um calafrio dentro de mim só de pensar nisto.
Mas controla-te, Sol.
Res-pi-ra.

Se queres que te diga a verdade, passei a semana inteira superocupada... Por isso é que demorei tanto tempo a mandar mensagem. Mas agora estou aqui! 😊

Confesso que voltaria a mandar-te mensagem mais cedo ou mais tarde. Só não gosto é de parecer chato.

Fico genuinamente feliz por ler isto.

Já agora... Espero que te sintas bem; ou melhor, pelo menos. Gostava de poder ter feito mais por ti. Acredita.

Deixa lá... Já passou... Mande-te mensagem para te lembrar de que estou viva. Não tenho vontade de falar de assuntos que não devem, sequer, ser lembrados. 😊

É justo. 😊 Na verdade, gostaria de te fazer um convite. Mas não sei se o deveria fazer por aqui...

Então não faças. 🙄

Vem ter comigo aos bancos daqui a 5 minutos.

O quê? Como assim *daqui a cinco minutos*? Eu estou de pijama. Não consigo mudar de roupa em tão pouco tempo. Não quero, de todo, que ele me veja assim. Mais uma vez. Toda despenteada, com a cara mais branca do que a cal e com o meu robe de chita.



Depois de lhe mandar mais umas mensagens a dizer que estava a começar a ficar maldisposta, ele disse para eu deixar de arranjar desculpas e que já estava lá fora à minha espera.

Olho pela minha janela, virada para o centro das residências, e vejo-o lá.

Está sentado e não para de olhar para o meu edifício. Também está de pijama. Que alívio.

Pronto, lá terá de ser. Começo a descer as escadas e, sinceramente, parecem não ter fim. Reparo que nunca estive tão nervosa por estar com ele, mas agora é diferente. Agora sei mesmo que vou estar com ele. Das outras vezes não sabia. Das outras vezes simplesmente acontecia.

Abro a porta principal. Ele deve ter conseguido seguir-me com o olhar, porque, assim que saio porta fora, ele já está focado em mim. Mesmo não havendo muita luz, felizmente.

— Olá — sussurra. Parece que tem receio que nos ouçam.

— Olá! — Ele está a sorrir imenso para mim.

Já não é a primeira vez que a minha barriga se sente tão estranha. E é uma ótima sensação.

— Desculpa ter-te pedido para vires aqui ter comigo a uma hora destas. — Está a pedir desculpa, mas não parece nada arrependido. Adoro.

— Desde que sejas rápido, não tem problema. — Sorrio de volta. — Tenho mesmo de ir dormir.

Ele olha para mim, bastante sério. Estarei a sentir algum nervosismo da sua parte?

— Certo. Bem... como te disse há bocado, queria convidar-te para uma coisa.

A minha barriga volta a dar sinal. E não, não são as tripas a falar comigo.

— Sim...? — Porque demora tanto tempo?

— Quero saber se gostavas de vir comigo, no próximo domingo, ao O'Sullivan.

Pareço uma doida. Todo o meu corpo lhe diz que sim. A minha cabeça diz que sim. O coração quase que me salta do peito; suponho que isso também seja uma afirmação.

— Sim, claro que sim! Apesar de não saber o que é o O'Sullivan... Mas sim, quero sair contigo. — Estou radiante. Mal consigo esconder a minha felicidade.

Ele suspira.

— Que bom! Pensei que fosses recusar o meu convite. Fico mesmo contente por teres aceiteado. O'Sullivan é uma espécie de salão de jogos. Vamos divertir-nos, vais ver! — acaba por dizer.

Sorrio para ele e aceno com a cabeça. Despedimo-nos para que cada um de nós possa ir dormir. Como se fosse fácil adormecer depois deste encontro... Mas antes de ele me virar costas, aproxima-se e dá-me um beijo. No outro dia

foi na bochecha. Hoje, no canto dos meus lábios. Não sei se foi de propósito. Só sei que se achava que o coração me estava a sair do peito, tive agora a certeza de que saiu mesmo durante uns segundos. Se nem consigo manter o meu coração dentro de mim, é porque realmente existe aqui algum problema.

Um problema dos grandes.



Domingo, 9 de outubro

— Ficas bem?

Costumo ir a casa todos os fins de semana e trazem-me de volta todos os domingos. Gosto de sentir algum tipo de proximidade com os meus pais e com os meus irmãos, apesar de também me sentir bem sozinha. Mas hoje é diferente... Tenho estado extra-ansiosa pelo dia de hoje. Estava a ver que nunca mais chegava. Quanto mais ansiosa estou por alguma coisa, mais o tempo demora a passar. Mas, finalmente, é domingo.

— Sim. Porque não haveria de ficar? — Eu sei que eles estão preocupados comigo, mas não precisam. Tenho-me sentido bem.

— Só quero que estejas bem, filha. Que não sofras... Só isso.

O meu pai, não sei como, consegue acalmar-me.

— Estou bem, pai. Ando entusiasmada com as aulas e com as pessoas que tenho conhecido.

— É isso que nós queremos. Que te sintas bem. Não é, Manuela? — Ele olha para a minha mãe.

— Claro que sim. — Ela olha para mim e para o meu pai. — Sabes bem que sempre desejámos isso para ti. Felicidade.

Que profundos.

Comecei a topar, desde pequenina, que eles são pessoas muito complicadas, mas sempre foram prestáveis comigo. Tanto eles, como os meus irmãos. Principalmente desde que comecei a ser tratada de forma diferente pelas outras pessoas.

Os meus irmãos sempre me tentaram apoiar ao máximo. Até o André, que é o mais novo. Sempre me senti muito protegida por eles. Só gostava que eles estivessem lá estado, naquele dia. Se já não era estimada por quase ninguém, a partir daquele dia comecei a ser, oficialmente, odiada.

— Se vocês estiverem bem, eu também estou bem. — Nunca pensei que conseguisse ser tão lamechas com eles. Mas sou. E, às vezes, sabe tão bem.

Os meus pais abraçam-me e despedimo-nos até à próxima sexta-feira.



Já estou no quarto. A Dilivia está, novamente, a fazer-me companhia, mas não por muito tempo. Tem de fazer trabalhos de grupo com os colegas de turma, por isso vai-me deixar sozinha outra vez.

Não é que não goste de estar sozinha, mas a maior razão para não querer isso, neste exato momento, é o facto de me sentir muito nervosa para a saída de logo à noite. Não é um encontro. É, sim, uma saída entre dois amigos desconhecidos. Exatamente isso. Sei que estou a sonhar demasiado, mas nunca namorei na minha vida. Nem sequer tive a oportunidade de dar ou de receber um beijo de alguém. Ponderei se seria por não ter conhecido a pessoa certa. Mas não, não é nada disso. A pessoa certa apareceu, só não para ficar. E eu, na realidade, nem sequer sabia o que sentia naquela altura. Era muito nova.

Não desabafei isto com ninguém, porque não sabia o que se passava na minha cabeça na altura. Hoje entendo. Entendo que sentia muito mais pela Luana, muito mais do que admitia a ela ou a mim própria. Sempre pensei que fosse uma amizade fora do normal, tão fora do normal que me fartava de pensar nela. Principalmente em todos os momentos em que estávamos separadas uma da outra.

Sim, eu gostava dela. Sim, eu adorava-a. Não sei se era amor. Só sei que não senti isto por mais ninguém, nem mesmo por aqueles rapazes por quem me sentia atraída durante o secundário. Tinha medo de admitir que gostava de uma rapariga. Tinha medo de admitir que gostava da rapariga mais espetacular que alguma vez conheci.

Eu gosto de pessoas. Gosto delas simplesmente pelo que são. E sobretudo pela forma como me fazem sentir. Hoje entendo que não há problema em gostar de quem o nosso coração quer gostar e sinto-me feliz por perceber, finalmente, quem realmente sou.

Só desejava, por um segundo, ter a mesma dádiva que a Fallon e o Ben têm. Eu compreendo que seja tremendamente triste e desesperante o facto de se verem, tocarem e falarem, apenas e unicamente, uma vez por ano, mas não consigo esquecer-me da sorte que eles têm. O nosso destino não nos permite sentir tamanha felicidade.



Estou no quarto da Catarina.

Depois de a Dilivia ter saído, lembrei-me de que a minha colega de turma também estava sozinha. A Margarida costuma ir a casa de vez em quando, então, na maior parte das vezes, a Catarina fica sem companhia. Olho para ela. Está sentada na cama encostada à parede e com o computador nas mãos. Tenho vontade de a agarrar e abanar como se fosse uma boneca de trapos, porque já tentei que desenrolasse alguma conversa em que o tema seja algo importante da sua vida, mas não consegui. Quero muito perceber como é a sua relação familiar, mas ela não me conta nada. Sinto que ainda é mais fechada do que eu.

— Catalina, o que andas a fazer? — Comecei a chamá-la *Catalina* porque ela tem uma amiga que troca a letra «r» pela «l», propositadamente.

Ela ri-se por lhe ter chamado aquilo.

— Estou a ver se adianto o trabalho de Inglês. Não percebo nada disto. E tu?

— Devia estar a adiantar alguma coisa da universidade, como tu. Mas não. Estou na net a ver qual será o próximo livro que irei comprar. Isto é, que irei pedir aos meus pais para comprarem. — É a melhor maneira de os levar à falência.

Ela fica pensativa a olhar para mim.

— Porque é que gostas tanto de ler? Eu também gosto, mas tu lês mesmo muito. É como se fosse o teu hobby preferido.

— E é mesmo, mas também é muito mais do que isso. — Ela espera que eu continue. — Ler afasta-me das partes mais obscuras da minha vida. Enquanto leio, esqueço-a por um bom bocado. Entro na vida das personagens. O que é bom. Porque assim não permito que os outros entrem na minha vida.

Ela parece bastante séria.

— Então e porque é que não deixas os outros entrarem na tua vida?

— Da mesma forma que tu não deixas os outros entrarem na tua... — Deixo-a encavacada. Fica sem saber o que responder, por isso tenciono continuar com o meu raciocínio. — Existem pessoas que nos marcam pela diferença. Tu, de certa forma, marcaste-me por isso mesmo, mas é raro alguém surpreender-me pela positiva. Por isso, a porta que permite que os outros entrem no meu mundo, não digo que esteja bloqueada, mas está encostada.

— Eu não gosto de me dar a conhecer às pessoas. Não gosto de falar sobre o meu passado. Não gosto de falar sobre a minha família. Não gosto. Só quero ficar no meu canto — diz ela.

Sinto-me esquisita com este seu comentário. Quem me dera não ter virado a conversa para o seu lado.

— Chega de conversas sérias — continua. Ainda bem... Parece que ouviu as minhas preces. — Desde que aqui chegaste que ainda não paraste de olhar para o telemóvel. Pareces nervosa. Está tudo bem?

Porra. Sou horrível a esconder estas coisas.

— Não é nada! — Sorrio para tentar disfarçar o que é impossível disfarçar. Acho que só fiz pior.

— Naaaah. Deixa de ser aldrabona. — Rio-me com os modos dela. E rio-me ainda mais, porque fico satisfeita ao sentir que deixou aquele tema de conversa lá para trás. — Quem é ele?

É isto que eu não entendo. Porque não poderia ser uma «ela»?

— É um rapaz que conheci, ainda não sei muito bem como. — Os olhos dela demonstram alguma surpresa e observo um grande sorriso a crescer. — Ele convidou-me para sair com ele esta noite.

Ela larga tudo o que está a fazer e dirige-se a mim à velocidade do vento.

— Conta tudo! Conta tudo! Eu conheço? É da nossa turma? É da nossa escola? Ai, sua marota... — Que grande mudança de humor.

Catarina, gosto de ti, do fundo do coração, mas, por favor, cala-me essa matraca.

— Prefiro, por enquanto, guardar para mim...

Se já estava nervosa, agora fiquei mil vezes pior. Não tenho paciência para estar a falar muito sobre os meus assuntos pessoais, principalmente sobre a minha vida amorosa. Coisa que não existe. Disse-lhe apenas que aceitei sair com ele. Se, com o tempo, der em alguma coisa, ela ficará a saber. Para além de continuar a olhar para mim, mais nada acontece. Estava à espera de mais alguma reação por parte dela. Não esperava muita animação ou alguma picardia, visto que não lhe respondi à pergunta, mas esperava que pelo menos dissesse mais alguma coisa. O que se passará na sua cabeça?



Olá. Tudo bem? No outro dia não disse a que horas deverias estar pronta. Mas, se não houver problema,

gostava de sair daqui por volta das 21h00. 😊

Ele mandou mensagem. Começo a sorrir para o telemóvel que nem uma parvinha.

— É ele? — Não escapa nada à Catarina.

Aceno com a cabeça. Não gosto deste ambiente constrangedor. Quero tanto que ela diga mais alguma coisa. Por favor, fala, fala, fala, fala, fala.

— Olha, tenho de ir à casa de banho. Volto já. — São as únicas palavras que saem da minha boca.

— Está bem. — Está mesmo seca.

Decido sair porta fora e aproveito para responder logo ao David. Não quero que passe muito tempo.

Olá. Está tudo bem! Então e contigo? 😊

Ok, combinado, então. Lá estarei.

Estou a sentir-me tonta. Faltam poucos passos para chegar à casa de banho, mas não estou a conseguir lá chegar. O que se passa? Será que foi a luz do telemóvel? Será que é falta de óculos? Não consigo pensar em mais nada.



— Solange... Solange, querida... Consegues ouvir-nos? — Não consigo ver lá muito bem. Está tudo desfocado, mas sei que alguém está a agarrar-me a mão.

— Filha... somos nós. — Ouço o meu pai a falar.

O que se passa? A minha cabeça já se está a ambientar a este local. Já consigo vê-los, não só os meus pais, como também os meus irmãos.

— Consegues ver-nos? — O André também está perto de mim.

— Sim, consigo. O que se passa? Onde é que eu estou?

Eles ficam bastante sérios. Começam a olhar uns para os outros como se eu não estivesse aqui.

— Solange... — Desta vez é o Filipe, mas é interrompido por um médico.

Porra. Afinal, estou no hospital. Nem acredito que estou a ver o Dr. José à minha frente. O homem que tratou de mim quando tudo aquilo aconteceu. Já me sinto um pouco mais aliviada.

— Olá, Dr. José. — Sorrio para ele. Ele também sorri para mim.

— Lembras-te de mim? — Está satisfeito. — Também me lembrei de ti assim que te vi, e de toda a tua família.

Fico contente, mas agora só me consigo concentrar na minha ânsia de saber o motivo pelo qual estou aqui. Melhor ainda, quero saber quando irei sair daqui.

— Alguém pode, por favor, dizer-me o que se passa!? — Sinto-me nervosa.

— Primeiro, quero que descanses para poderes sair daqui o mais rápido possível... Depois...

— Qual descansar, qual quê! Quero que me conte já!

— Certo. — Não foi preciso muito para o convencer. — Então é assim... Eu e os meus colegas fizemos todo o tipo de exames possíveis para tentar perceber o motivo do teu desmaio...

— Sim... E?



Terça-feira, 11 de outubro

Tenho anemia.

Estou nesta cama de hospital há praticamente dois dias. E porquê? Porque os meus pais não conseguem conformar-se com a ideia de que eu tenho o sangue fraco. Eles gostam sempre de controlar tudo. Sempre foram assim. Faz parte do seu feitio. Agora, saberem que não podem controlar o meu estado de saúde causa-lhes, com toda a certeza, imenso pânico. Pânico que estão a transferir, inconscientemente, para mim.

Por isto mesmo, decidiram, então, obrigar os médicos e os enfermeiros a repetir os exames. Incrível. Até parece que estou a morrer. Eu já sou o *stress* em pessoa, apesar de tentar demonstrar o contrário. Mas agora, por causa deles, nem se fala. Sei que se deve ter muita calma, especialmente em momentos como este, mas eu conheço-me. A calma não é o meu forte.



Olho para o relógio de parede que tenho à minha frente e vejo que, finalmente, chegou a hora de poder receber visitas. Que bom. Apesar de serem sempre as mesmas pessoas: os meus pais e os meus irmãos. Não é que não goste da companhia deles, mas seria bom ver uma cara diferente nestes dias difíceis.

A porta abre-se.

Os meus pensamentos desaparecem automaticamente ao ver o Dr. José entrar.

— Desculpa estar a incomodar-te, Solange. Estavas a descansar? — Acha que sim? Será que ele já tem o resultado dos novos exames?

— Não está a incomodar nada. Entre, Dr. José! — Não consigo evitar. —

Já tem alguma novidade?

— Já tenho, sim. — Força. — Tens mesmo anemia. — Certo. — Mas não é grave, desde que comeces a comer como gente grande. — O que é que ele quer dizer com isso? — Reparámos que os teus valores estão alterados, porque te falta, essencialmente, ferro no sangue e outras vitaminas que estão em carência no teu sistema.

Foda-se. Ele tem razão, mas adorava que não tivesse.

— Obrigada por me dizer o que se passa comigo. É verdade que ando a comer muito pouco, mas, por favor, se falar com os meus pais, não lhes diga que é por essa razão. Arranje outra desculpa qualquer, porque senão começam a fazer-me perguntas sem fim. Eu prometo que vou voltar a comer.

— Combinado. — Lança-me um sorriso. — Mas esquecendo, por um bocado, este assunto, quero que saibas que também vim aqui porque tenho outro assunto para falar contigo.

O que será? Espero que ele continue, mas pela sua cara, quer que eu lhe responda.

— Então, e que assunto é esse? — Estou ansiosa.

— Já está na hora de poderes receber visitas, como deves saber. — Obviamente que sei, não é? — O que eu te quero dizer é que está aqui uma pessoa para te ver.

Então, e quem será? Para além dos meus pais, não estou a ver quem possa ser.

— Que pessoa é essa?

— É um rapaz. Eu perguntei-lhe quem era e ele afirmou-me que era um amigo teu.

Amigo? Mas que amigo? Será o cabrão do Bruno a fazer das suas?

— Que amigo? Diga-lhe para entrar! — Ele olha para mim.

Sinto-me protegida por este homem. Sei que estou em boas mãos... Isso alivia-me.



Estes dez minutos mais parecem uma eternidade. O Dr. José disse que ia buscá-lo, mas parece que foi procurá-lo aos confins do mundo. Quero mesmo saber quem tirou um bocado do seu dia para me fazer companhia. Para olhar para esta cara que não está, sem dúvida, no seu melhor estado possível.

Alguém bate à porta.

O meu peito deixa de se movimentar.

É o David.

Como sabe que eu vim aqui parar?

— Olá, vizinha! — Ele aproxima-se de mim.

— Como é que soubeste que estou aqui? — Vou direta ao assunto. Depois sim, podemos conversar sobre todas as coisas que não têm assim tanta importância, para mim, pelo menos.

— Bem, já vi que não tenho a tua permissão para começar esta conversa com um simples «olá». — Ele acha que isto tem piada. — Vou começar pelo princípio, para te tirar as dúvidas todas. Quase toda a gente que vive nas residências sabe que tu desmaiaste e que viste parar ao hospital. — O quê? Não acredito. — Não sei se sabes, mas as más notícias correm depressa. — É verdade. — Assim que vi que não me respondias mais às mensagens, não consegui conter-me. Perguntei por ti à primeira pessoa que me apareceu à frente. Queria saber de ti.

Como pode ele estar à espera de que eu lhe responda a uma coisa destas?

— Não dizes nada?

Tens um efeito em mim que eu própria ainda não consegui interpretar.

— O que queres dizer com tudo isso? — Sou tão estúpida. No meio de tanta coisa bonita que acabou de sair da boca dele, só soube responder da forma mais parva possível.

Ele olha para mim. Não é um simples olhar. Está a observar-me profundamente.

— Desde que te vi pela primeira vez que sinto que existe algo dentro de ti que me atrai.

Ele tem razão. Quando o vi pela primeira vez, senti precisamente o mesmo. Senti que não conseguia tirar-lhe a vista de cima.

— Eu entendo, porque, na verdade, sinto exatamente o mesmo. — Pronto, já disse.

Ele fica contente.

— Espero mesmo que saias daqui o mais depressa possível para finalmente termos um momento a sós.

Credo.

A parte que mais me interessou foi aquela em que ele não quis que se ouvisse, mas eu e o meu coração ouvimos muito bem, porque estamos bem perto do descontrolo.

Devo parecer, neste momento, a junção de vários pimentões. Que

vergonha do carações.

— Também espero sair daqui o mais depressa possível. Acredita. — Sorrio para ele.

— Então... e já sabes o que te aconteceu? Sabes porque é que desmaiaste?

— Não é nada de grave. Simplesmente...

Alguém bate novamente à porta; ela abre-se logo de seguida. Nem esperam que eu responda.

— Podemos? — Os sorrisos dos meus pais esvanecem-se.

Isto é tão embaraçoso. Tenho um rapaz aqui ao pé de mim, o que sei que não lhes agrada nada. As caras deles assustam, só espero que isso não o afaste.

— Sim, claro que podem. — Apesar de eles já estarem também ao meu lado.

— Bem... eu vou andando. Mandas-me mensagem assim que saíres do hospital? Quero levar-te a sair. — *Aiiiii! Claro que mando. Mas não digas mais nada à frente deles. Por favor, penso.*

Estou a sentir-me mesmo incomodada.

— Mando, sim. Até à próxima, então. — Ele acha-me, decididamente, piada. Ainda bem que não leva as coisas a mal, principalmente pela forma como lhe respondi. Ele afasta-se, mas ainda tem a coragem de dizer algo aos meus pais.

— Foi um prazer. — Sorri, como sempre. Um sorriso diferente de todos aqueles que já vi. Tanto as palavras como o seu gesto não são totalmente genuínos.

E saiu.

Ok. É agora. Vai começar o inquérito infernal.

— Quem é este rapaz? — O meu pai não perde tempo.

— Porque é que um rapaz daquela laia veio visitar-te? — A minha mãe consegue ser mil vezes mais parva do que o meu pai. Nem sei como.

Daquela laia? Como assim, *daquela laia?*

— Ele é só um amigo e veio fazer-me companhia. Apenas isso. Ainda tenho direito a ter amigos, certo? — Eles não me respondem. — Aliás... o que é que queres dizer com isso?

— Filha, não me digas que não reparaste... — Já me estou a enervar. — Bem, isso não interessa nada. Pensava que nos contavas tudo. Principalmente se tivesses namorado.

Esta última palavra do discurso dela mexeu com as minhas entranhas.

Deus me dê paciência, e um paninho para a embrulhar, para aturá-los.



Quinta-feira, 13 de outubro

Alô! Alô! Adivinha quem saiu do hospital e tem uma vaga na sua agenda para uma grande jantarada? 😊

Envio.

Estive, durante meia hora, a olhar para esta mensagem.

Só espero que ele não demore muito tempo a responder-me.

Já andava a pensar que te tinhas esquecido de mim... 😊

Foi mais rápido do que pensei.

Que maravilha.

É para estares pronta às 20h00, está bem? Encontramo-nos nos bancos. 😊 Até lá!

Combinadíssimo!



Isto não está certo.

Ele disse-me para estar pronta às 20h00. Já estou aqui em baixo desde as 19h55. E, neste momento, já passa das 20h10. É claro que é normal alguém atrasar-se, mas, porra, hoje não. Não mereço estar à espera de ninguém.

Res-pi-ra.

Já respirei fundo. Três vezes.

Calma. Talvez também esteja a aperaltar-se todo para ti, Sol. Calma, o pobre do rapaz já deve estar a chegar.

Já pensei em mandar uma mensagem a perguntar se está tudo bem, mas não quero parecer desesperada. Tenho apenas receio de que ele me dê uma tampa. No final de contas, até consideraria algo justo. Aliás, eu é que o deixei desamparado, em primeiro lugar.

Mas não posso pensar assim.

Não posso culpar-me.

A culpa não é minha.



Ai, Jesus Cristo, vem cá abaixo ver isto.

Ele não está bonito, jeitoso, elegante ou outra coisa qualquer que se pareça com um elogio. Ele está um autêntico gato.

Ainda estive mais uns minutos à sua espera. A minha ânsia aumentou cada vez mais. Já não sabia o que devia fazer, tais eram os meus nervos. Quando ele se aproximou, eu já com o telemóvel pronto para lhe ligar, fiquei perplexa. Estava com um ar tão encantador e, ao mesmo tempo, tão envergonhado. Pediu-me mil e uma desculpas pelo atraso. Perdoei-o no momento exato em que ele me admitiu que perdeu a noção das horas por se estar a arranjar para o jantar.

Senti-me feliz por não ser a única a sentir-me assim.

Senti-me feliz por notar um certo brilho no seu olhar ao observar-me.

Senti-me feliz por ser recíproco.

Neste momento, estamos sentados, frente a frente, num restaurante que não conheço, porque foi ele que escolheu. Espero que ele não repare na minha dificuldade em respirar. Ele parece pronto para ir a um casamento, ou então sou eu que não estou habituada a ver alguém arranjado desta forma, que me deixe neste estado. Adoro a camisa que ele escolheu, e adoro ainda mais o pequeníssimo pormenor de alguns botões do topo da camisa estarem desabotoados. Nunca imaginei gostar de pelos, mas aqueles que estão à vista no seu peito estão a dar cabo da minha sanidade, não só mental, mas de todo o meu corpo.

— Já sabes o que vais escolher? — O olhar dele deixa de estar focado na ementa que está à sua frente e, de um momento para o outro, foca-se totalmente em mim.

Finjo que estou muito entretida a ver as várias opções diante dos meus

olhos, e finjo também que estou mesmo muito indecisa, coisa que não é verdade.

— Acho que vou pedir o bacalhau com natas. — É o meu prato favorito.
— E tu? — Quero ir aprendendo os seus gostos.

— Gostas de bacalhau com natas? Eu também! — diz-me ele. — Mas acho que vou pedir o bitoque, com tudo aquilo a que tenho direito. — Pisca-me o olho e faz-me rir.

Percebo que sente prazer em comer.

— Bem, mas chega de falar de comida! — Ele coloca a mão em cima da mesa. Parece querer tentar chegar à minha. — Agora, fala comigo. No outro dia não me chegaste a contar... O que é que te aconteceu, afinal?

Ora, porra. A conversa estava a ir tão bem...

— Apetece-te falar sobre isso? — Espero que ele não leve a mal a rigidez na minha voz.

Nota-se que o deixei desconfortável.

— Claro que sim! — O olhar dele mata-me. — No outro dia tinhas começado a conversa, Solange... Estavas mesmo para me contar, quando acabámos por ser interrompidos... — O seu sorriso torna-se algo forçado.

— Sim, quando acabámos por ser interrompidos pelos meus pais... Não foi? — Ele acena com a cabeça. — Como te tinha dito, não é nada de grave.

— Então, mas se não é nada de grave, não há problema nenhum em dizeres-me o que tens. — Ele solta um daqueles sorrisos momentâneos, que me faz sentir muito mais desanuviada.

Ele tem razão. Ele merece saber.

— Tenho anemia. Eu já andava bastante cansada há alguns dias, mas não dei a devida importância. Pensei apenas que fosse por andar a frequentar as praxes. Por vezes, elas são mesmo muito cansativas... — Ele está muito atento às minhas palavras. — O médico disse que, a partir de agora, tenho de comer mais alimentos com ferro. Por isso, é o que irei fazer.

Os ombros dele descaem. De alívio, quase que aposto. Ele tenciona responder, mas eu continuo com o meu discurso:

— Vai ficar tudo bem. — Sorrio para ele.

As nossas mãos tocam-se. Que sensação tão boa.

— Espero que fiques totalmente recuperada muito rapidamente. E, se me deixares, espero ajudar-te a melhorar.

Fico envergonhada ao ouvir estas palavras, porque sei, bem lá no fundo, que não irei querer outra coisa. Se existe alguém que eu queira que contribua para o meu bem-estar, sem dúvida que é ele. Gosto de todas as facetas que

tem vindo a demonstrar-me. Não sei porquê. Mas sinto que, desde o primeiro dia, esteve sempre lá para mim. E espero, com todo o meu coração, que continue a ser assim.

— Já agora, quero saber uma curiosidade sobre ti... — digo-lhe.

Antes de lhe dizer que curiosidade é, a nossa conversa é interrompida pelo empregado de mesa. Cada um de nós faz o seu pedido. E assim que o empregado vira costas, retomamos a conversa.

— Então... estavas a dizer que tinhas uma curiosidade sobre mim... certo? — Ele sorri-me. Ele gosta destes joguinhos. — O que queres saber?

— Estava a pensar naquilo que já me aconteceu desde que cheguei a Leiria... e lembrei-me, repentinamente, de uma coisa. — Ele olha para mim, desconfiado. Deve estar a pensar, *o que é que vem daí?*

— No primeiro dia em que te vi, no *mobilis*, não consegui deixar de reparar que tinhas nas mãos o *Como fazer amigos e influenciar pessoas* de Dale Carnegie... E a verdade é que me deixaste tão intrigada que, neste momento, dá-me vontade de te perguntar o seguinte... — Respiro fundo. — Será que utilizaste as ferramentas que aprendeste ao longo dessa leitura para me influenciares a gostar de ti? — Pisco-lhe o olho. — Porque se o fizeste, quero partilhar contigo... que resultou. — Sinto-me envergonhada ao admitir isto em voz alta.

Ele fica estupefacto e, ao mesmo tempo, solta uma gargalhada, que acaba por aliviar a tensão que ficou a pairar no ar.

— Posso também ser totalmente honesto sobre o que sinto? — A postura brincalhona transformou-se, prontamente, numa postura mais séria.

Aceno-lhe com a cabeça, dando-lhe permissão para expressar tudo o que ele quiser. Quero que se sinta num ambiente seguro.

— Desde o primeiro dia que não me saís da cabeça... — Agora é ele que cora, o que me agrada. A minha barriga não para de se revirar, vezes e vezes sem conta. E não é da fome que sinto. — Por isso, se realmente adquiri algum conhecimento com aquele livro, já valeu muito bem a sua compra... — Ele sorri-me, mais uma vez.

— Não sei se devo dizer isto, mas também sempre mexeste comigo... desde o início...

— A sério... não imaginas a felicidade que sinto em ouvir isso...

Tapo a cara, porque não quero que ele olhe para mim. Ele coloca o outro braço em cima da mesa e estende-me, então, a outra mão. Estava com intenção de lhe pegar, mas fui interrompida. Sinto alguém a puxar-me o vestido, mas quando olho para o lado, não vejo ninguém do meu tamanho.

Então, olho para baixo e vejo uma menina de cabelo comprido e de olhos castanhos. Tão linda. Tem um brilho tão especial no olhar. Faz-me recordar o passado.

— És tão bonita! — diz-me ela.

Não sabia que era possível ficar tão acanhada com uma criança.

— E tu também és bonito! — Vira-se para ele.

Acredito que ele também não imaginava como é bom sentirmo-nos felizes e tímidos, ao mesmo tempo, com uma criança.

Ela sorri e automaticamente ambos sorrimos também.

— São namorados?

Tencionava responder algo que estivesse ao mesmo nível daquela doçura, mas ela sorri-nos com todos os dentes possíveis, desfazendo-me em bocados, no melhor sentido possível.

De repente, reparo que um homem se dirige à nossa mesa com um passo apressado. Fico admirada ao perceber que é o professor Cláudio, uma das pessoas que mais me faz sentir à vontade naquela universidade.

— Beatriz, não incomodes as pessoas! — Dirige-se para a menina, tentando agarrar-lhe no braço, de modo a afastá-la e levá-la para a direção contrária.

— Olá, professor! — Sorrio-lhe.

— Solange! Nem vi que eras tu... — Parece espantado por me ver ali. — Estás boa?

— Sim, vim jantar com o David. Também estuda no IPL, sabe? Provavelmente...

— Não nos conhecemos. — O David corta-me o fio condutor. — Eu estou na ESECS e tu na ESTG.

A tensão que existe à nossa volta persiste em intensificar-se até ao ponto de eu sentir que o ambiente está perdidamente pesado. O olhar entre as duas pessoas, não me incluindo nessa equação, que estão a centímetros de mim é perturbador, como se transmitissem os seus pensamentos de forma a não conseguir ouvi-los. É impressão minha, ou sinto aqui algum nervosismo? E garanto que não é da minha parte.

— Gostei muito de te ver, Solange. Espero que tenham o resto de uma boa noite!

Vejo-o a desaparecer com a menina, enquanto ela tenta, atrapalhadamente, dizer-nos adeus com a mão. Retribuo da melhor maneira que consigo.

Que estranho.

— Gostas de crianças? — pergunta-me o David.

Reparo que muda de assunto, tal como eu costumo mudar de cuecas, com uma rapidez extremamente improvável. Não sei se é algo que me deixe satisfeita, mas, mesmo assim, estou disposta a esquecer esta conversa esquisita, para já, para tentar suavizar o ambiente.

— Se gosto? A-do-ro! — É verdade. — Apesar de não ser a pessoa mais paciente do mundo, em todos os aspetos, tenho de admitir que sou a maior fã de crianças. Elas podem ser aquilo que quiserem e não existe ninguém mais puro do que elas. É isso que me fascina...

Volto a aproximar a minha mão da dele. Volto a sentir o calor que ela emana. Antes de lhe pegar, como tanto desejo, reparo numa marca que ele tem no pulso. Parece uma cicatriz, mas não tenho a certeza.

— Que marca é essa que tens no pulso? Se puder saber, obviamente... — Sou bastante curiosa.

— Claro que podes saber. Podes perguntar tudo o que quiseres. — Volta a sorrir para mim. — Caí de mota a andar com o meu pai, quando era mais novo. Por isso, fiquei com esta cicatriz. Gosto muito dela, faz-me recordar que temos de seguir a luz que a vida nos dá. Por mais piroso que isto seja, naquele momento senti que foi o sol que me deu forças para me levantar, mesmo todo dorido. Essa figura ajudou-me a perceber que o que acontecera não tinha sido assim tão grave, porque a verdade é que não existe nada mais grave do que a morte. Para mim, enquanto há sol, há vida.

O mais irónico nisto tudo é que o que lhe transmite luz é o sol que ele tem, ironicamente, cicatrizado na sua pele. A mim, o que sempre me transmitiu e continuará a transmitir luz é a Lua. Mesmo que todos os dias passem por mim e que o sol pareça não irradiar a meu favor, sei que terei sempre a minha Lua a olhar por mim.

Não querendo tornar este momento ainda mais lamechas do que já é, tento voltar à conversa descontraída de há bocado. Ter temas de conversa para um primeiro encontro em que o ambiente não fique constrangido é bem difícil.

— Então e tu? Também gostas? — Ele olha para mim com cara de caso. — De crianças — esclareço.



Quinta-feira, 13 de outubro

Quem me dera controlar o tempo. Ordenar-lhe que parasse ou que abrandasse.

Já estamos a voltar para as residências e não podia estar mais desiludida. Só gostava que a noite não tivesse fim e que este encontro estivesse muito longe de acabar.

Quero olhar para a pessoa que vai ao meu lado, a conduzir com todo o cuidado possível, mas a verdade é que sei que me sentirei constrangida caso o faça. Quando conversamos, frente a frente, sinto-me confortável, porque parece algo natural. Sinto que, de certa forma, ele não me julga. Por outro lado, receio que se decidir observá-lo enquanto está concentrado o ambiente se torne cliché ou que o desorienta. Dou graças a Deus por não ser maluca ao ponto de verbalizar os meus devaneios, porque sei perfeitamente que passaria por convencida, mas a realidade é que eu quero desnorteá-lo da mesma forma que ele me desnorteia. Ainda assim, o meu maior receio no meio disto tudo é perder-me de amores por ele. Tenho consciência de que não consigo mandar no meu coração, mas será que quero isso para mim?

O jantar correu bem, mas não tão bem quanto desejava.

Nunca tinha sido convidada para um encontro. Acho que o mais importante nesses momentos é a pessoa com quem vamos estar, mas um dos pontos que mais me deixou nervosa foi o facto de ser *o primeiro*. Estava com as expectativas altíssimas. Embora não seja fã daqueles filmes em que corre sempre tudo às mil maravilhas, tinha esperança de que acontecesse o mesmo comigo. Uma pessoa tem sempre esperança de que corra tudo muito bem, mesmo que não o queira admitir.

Inicialmente, senti algum tipo de constrangimento de ambas as partes, visto que era a primeira vez que estávamos num dito encontro oficial. Antes de isto acontecer, era sempre tudo muito informal. Agora percebo que isso é mesmo o que mais me agrada e que estou, cada vez mais, deslumbrada pela pessoa que ele é.

No entanto, o clima ficou estranho a partir do momento em que o professor Cláudio apareceu e, posteriormente, quando eu respondi à sua maldita pergunta. Mais valia ter feito o que ele fez quando lhe perguntei o mesmo. Ignorar. Ignorar e continuar com a conversa. Mas não fui capaz, porque a verdade é que gosto verdadeiramente de crianças. São pessoas pequeninas que nascem para alegrar a vida dos adultos. Os meus pais são tão sérios e tenho a certeza de que não quero vir a ser como eles. Quero ser feliz o tempo todo que cá estiver, porque não suporto a ideia de estar sempre desiludida com a vida.

Quero ser como as crianças. Feliz e inocente.

Não ver maldade em tudo.

Lembro-me da quantidade de vezes que já fui julgada por não ver maldade nas palavras e nos atos das pessoas. E ponho-me a pensar: como posso querer ser uma boa pessoa se estarei sempre à espera do pior dos outros? Como posso ser uma pessoa melhor se não esperar que os outros também o sejam? Chamem-me aquilo que quiserem, mas é isso que me faz sentir completa. É saber que aquela pessoa, que parecia não ter solução, poderá tornar-se alguém muito melhor amanhã.

O David não gosta de crianças.

Não me respondeu à pergunta, é verdade. Por isso, sei que não devo estar a tirar conclusões precipitadas. Mas desde aí tornou-se muito difícil manter algum tema de conversa com ele. Assim que lhe perguntei aquilo, ele mudou de assunto. Começou a fazer-me perguntas sobre mim para que «pudesse conhecer-me melhor». Confesso que algumas delas foram bastante divertidas e desatámo-nos a rir à gargalhada. Por breves segundos até esqueci aquela tensão esquisita que se havia instalado entre nós, mas sempre que a conversa abrandava, o ambiente voltava a ficar estranho.

Foi um desespero para mim.

É certo que não fui eu que levantei a questão, mas fui eu que dei a entender o quanto sou fascinada pelas crianças. Não tem nada de errado, mas não quero, de todo, que ele fique diferente comigo só por não termos algo em comum.

— Está tudo bem? — pergunto-lhe, esperando que ele perceba o quanto é importante para mim obter uma resposta.

— Está tudo ótimo. — Ele olha para mim com aquele olhar sedutor de que eu mais gosto.

Sorrio para ele, apesar de sentir que não está a ser honesto.

Olho para a estrada e vejo que, infelizmente, estamos a chegar ao nosso

destino.

Gostava que o caminho fosse muito mais longo, mas apesar de Leiria parecer uma cidade gigante para quem não a conhece, a verdade é que não é.

— Chegámos. — *Foda-se. Não quero! Quero mais tempo contigo e tu pareces não notar, ou então não querer saber!* — Vamos?

Desaperto o cinto.

— ‘Bora lá. — respondo, derrotada.

Sei que ele não está bem, apesar de não o conhecer há muito tempo e de ele me tentar transmitir o contrário. Quem me dera que arranjasse alguma desculpa para podermos ficar mais tempo juntos. Em vez disso, saímos do carro e subimos as escadas que levam ao fim deste encontro.

— Obrigada por me trazeres ao quarto. — Embora este local me faça sentir em casa, nunca irei conseguir chamá-lo «casa», porque, para mim, será sempre apenas um quarto. — Quer dizer, não foi assim um grande esforço, visto que vives mesmo à minha frente. — Rio-me na tentativa de que o ambiente pesado se suavize.

Mas ele não se ri.

— Nem que tu vivesses no Cu de Judas... Eu iria levar-te a casa, independentemente da distância que fosse. — Caraças. Ele está tão sério... mas estas palavras fazem o meu «eu» interior pular de alegria.

Aproximo-me dele. Quero que o curto espaço invisível que existe entre nós desapareça.

Ele não se retrai com a minha invasão.

Não dá um único passo atrás, o que me agrada.

Quero, com toda a minha força, pegar-lhe na mão. Estou farta de sentir vergonha por querer fazer algo que possa ser mal interpretado, por isso, deixo finalmente de me conter e faço-o.

Nunca fui beijada por ninguém, mas se pudesse pedir um desejo neste momento, seria esse mesmo.

Quando me sinto verdadeiramente corajosa para dar esse passo, corre tudo mal.

Só podia...

A porta que está mesmo atrás de mim abre-se e bate-me nas costas.

Que alminha decidiu chatear-nos na altura mais inapropriada?

— Olá, Ailton.

— Ora, ora, David. — O seu sorriso parece-me meio sarcástico.

Eles conhecem-se?

O David nem tenta esconder o desagrado.

— Solange, este é o Ailton. O meu colega de quarto. — Seria ótimo conhecê-lo se não fosse nesta circunstância. Numa circunstância em que me apetece arrancar-lhe a cabeça. — Ailton, esta é a Solange. É uma amiga. — *Sou uma amiga? Ai é? Está bem. Amigos ficamos, então.*

— Ahhhh... esta é a famosa Solange. — Agarra-me na mão. — É um prazer. — E deposita-lhe um beijo.

— Vê lá se não queres que te mande da janela abaixo enquanto estiveres a dormir...

Não devia, mas sinto todo o meu corpo a tremer da excitação que espero não transparecer de modo nenhum.

O Ailton levanta as mãos em rendição e muda de conversa.

— Vê lá se cumpres as regras. Não podes entrar aqui, percebeste? Por mais que eu saiba a força que uma pessoa tem de fazer para resistir à tentação, não podes entrar. Este é o edifício das raparigas. *E só das raparigas.* — Que merda. Gostava que essas regras fossem desfeitas ou que ninguém quisesse saber, simplesmente. — Regras são regras, não te esqueças.

Ele não espera por nenhuma resposta e volta lá para dentro, deixando-nos a sós.

— Se o menino diz que os rapazes não podem entrar aqui, porque é que está cá dentro? Hipocrisia ao mais alto nível.

— Porque ele é trabalhador-estudante. Trabalha para o IPL. É porteiro e tanto pode estar no teu edifício como em qualquer um dos outros.

Já percebi, só espero que não desrespeite as regras tentando esgueirar-se lá para cima.

Não consigo esquecer-me dos indícios de ciúmes que o David transmitiu há pouco. Talvez o tenha feito de forma inconsciente, mas a verdade é que notei. O que ainda me deixou mais corajosa para aquilo que tencionava, e tenciono, fazer.

Beijá-lo.

Quero ter a sensação de tê-lo mais perto de mim a níveis que ainda não tive o prazer de ter.

Volto a aproximar-me dele, mas para mal dos meus pecados, desta vez ele afasta-se. Nem deixou os meus lábios aproximarem-se um milímetro que fosse. Pega-me nas mãos e olha para mim.

— Não faças isso. — Ele parece querer o mesmo que eu, ainda que os seus lábios verbalizem o contrário. — Ainda não.

Ele não percebe que quero aproveitar o momento? Sei lá se amanhã estarei viva. Posso ter mau feitio no geral, mas tenho ainda mais quando sinto que

alguém quer o mesmo que eu e não tem coragem de avançar.

Respiro fundo.

Tenho de ter calma.

— Queres, ao menos, marcar um próximo encontro?

Diz que sim. Por favor.

Raios.

Qual *por favor*, qual quê! Eu não suplico por nada. Se quer, muito bem. Se não quer, paciência!

— Sim, quero. — Sorri-me.

Fico contente ao ouvir a sua resposta e, de certo modo, aliviada.

— Como desta vez foste tu que combinaste... estava a pensar ser eu a sugerir algumas ideias para o próximo. O que achas?

— Acho uma ótima ideia! — Boa, ao menos isso.

— Podemos, então, ir ao *bowling* no próximo domingo?

— Não consigo.

— Então e amanhã? Como é sexta-feira, tenho de apanhar o autocarro e ir para casa, mas antes disso tenho umas horas livres. Podíamos estar aqui nos bancos a falar, simplesmente...

— Também não será possível.

— Então e na próxima segunda-feira? Queres ir ao cinema?

— Não dá. Vou fazer voluntariado.

Há algo que não está a bater certo. Como é que eu já propus três planos totalmente diferentes e ele não aceitou nenhum? E o pior disto tudo é que não fez sequer uma contraproposta.

— De certeza que está tudo bem?

— Sim, está mesmo tudo bem, acredita! Só tenho andado muito ocupado, e vou andar cada vez mais, o que não me permite fazer tudo aquilo que quero.

Percebo.

Quem é que eu quero enganar? É claro que não percebo!

— Não me leves a mal o que te vou dizer...

— Quando tiver tempo, prometo que te mando uma mensagem a combinar alguma coisa. — Nunca ouviu dizer que quem mais promete, mais mente?

— Não me interrompas, se faz favor. — Quando começo a responder assim, é porque já não estou a conseguir controlar o meu feitio e quero que tudo se lixe. — Se tu tivesses realmente vontade de estar comigo outra vez, não arranjarias mil e uma desculpas...

— Não são desculpas.

Ele já não está a gostar da conversa.

— São, sim, David. Primeiro, nem sequer disseste se gostaste de estar comigo ou não. Nem uma única palavra. Além disso, por mais que uma pessoa esteja ocupada, por mais que a sua agenda esteja cheia de compromissos, quando existe o mínimo de interesse por alguém, arranja-se tempo. Nem que sejam cinco minutos...



Terça-feira, 18 de outubro

Sexta-feira, 14 de outubro

Podemos falar?

Está tudo bem?

Sábado, 15 de outubro

Podes, ao menos, responder-me?

Domingo, 16 de outubro

Que raio é que se passa? Há dias que não me dizes nada...

Segunda-feira, 17 de outubro

É a última vez que tento falar contigo. Diz-me só, por favor, o que é que se passa. Prometo que te deixo em paz e que não insisto mais...



É terça-feira. Já estou farta do dia e ainda agora começou. Sei que não deveria deixar-me afetar pela falta de interesse dos outros por mim. E quando digo «outros», refiro-me a mais ninguém além dele, o David. Mas, ainda assim, estou aborrecida. Estou capaz de matar alguém. Estou capaz de virar este mundo do avesso. Estou capaz... Sei lá, estou capaz de qualquer coisa.

O que aconteceu? A sério, o que é que eu fiz? Eu não queria isto! Roí-me toda para não me deixar ir nas cantigas dele. Esforcei-me por me manter neutra em relação a ele, mas nada disso funcionou. O facto de ele não ser persistente, mas, ao mesmo tempo, estar sempre lá, especialmente quando menos esperava, conquistou-me.

Não quero admiti-lo a mim própria, mas foi mesmo isso que aconteceu. A partir do momento em que ele decidiu ir visitar-me ao hospital, agarrou-me. Consegui marcar o seu lugar em mim, nos meus pensamentos, nos meus sonhos e em tudo aquilo que eu não queria que marcasse. Quando decido sair com ele é quando, do nada, desaparece do mapa.

Estou desiludida. Talvez tenha sido uma autêntica chata por ter enviado uma quantidade infinita de mensagens para tentar perceber se iria continuar a ignorar-me.

A conversa que tivemos no domingo não acabou da melhor maneira. Tenho plena noção disso. Sei que falei com ele como se o quisesse mandar para outro lado. O meu feitio falou mais alto, como de costume, mas não posso lamentar-me por ter dito o que penso. Nunca poderei pedir desculpa a alguém por ser eu própria, a não ser que ultrapasse dos limites.

Toda esta situação deixa-me triste, especialmente comigo mesma. Há tanto tempo que não me sentia assim. Há tanto tempo que não deixava alguém entrar na minha vida a ponto de influenciar o meu estado de espírito e, principalmente, as minhas inseguranças.

Desde que o conheci que o sinto como uma fraqueza, porque com ele fico insegura. Neste mesmo instante sinto-me muito instável, porque parece que a importância que ele estava a ganhar na minha vida não é, de todo, o que ele também sente em relação a mim.

Sinto que me rebaixei perante ele com as várias mensagens ao longo destes dias. Talvez devesse seguir em frente como se nada tivesse acontecido, como se ele não tivesse aparecido na minha vida. Apenas não consigo meter isso na minha cabeça, porque ele não me permite ser tão fria.

Mas também sei que estou assim, porque não é a primeira vez que sinto uma atração tão grande por alguém, e quando menos estou à espera, perco a pessoa. Aconteceu com a Luana. E está a acontecer com ele. Não devia comparar estas duas situações, tenho perfeita noção disso, mas é tão difícil não o fazer.

Será o carma?

Acredito que aquilo que damos ao mundo recebemos a dobrar ou a triplicar. Tenho receio de que o facto de, inicialmente, não ter tido paciência para lhe responder ou para tentar demonstrar-lhe o interesse que sentia o tenha deixado farto.

O meu telemóvel vibra entre as pernas. Não sei porquê, mas tenho a mania de, quando estou sentada, ter sempre o telemóvel no meio das pernas. Não sei se foi um hábito estranho que ganhei ou se é para sentir que está mais protegido do que nas minhas mãos. Será que ele me decidiu finalmente responder?

Agarro no telemóvel e vejo que é a Catarina.

A frustração é tão grande que nem dá para esconder.

Era demasiado bom para ser verdade.

Arghhhhhh.

Não me apetece nada falar com ela. Ela é a maior amiga que tenho neste momento na minha vida e sei que quer estar sempre lá para mim, sei que tem tentado falar comigo nos últimos dias... apesar da tentativa completamente falhada, porque não estou para aí virada. Sei isso tudo. Mas estou numa fase em que preciso de espaço, de tempo. Não quero sentir que estou a faltar ao respeito a alguém.

Abro a mensagem, embora sem vontade de conversar.

Olá, Solange. Estás boa? Queria saber se, como temos a tarde livre, queres ir comigo, com a Andreia e a Rita a uma festa na piscina. É mais para os caloiros, mas também vão lá estar os mais velhos.
O que achas?

Eu não sou fã de festas.

Eu não sou fã de piscinas.

Muitos menos de festas nas piscinas!

Por outro lado, também sei que decidir aventurar-me, uma única vez na

vida, poderá fazer-me bem, ajudar-me a distrair dos meus problemas. E é o que eu mais quero. Não tenho paciência para continuar a lamuriar-me pelos cantos. Haverá melhor forma do que com uma festa na piscina? Claro que há, mas neste momento não tenho mais nenhuma opção.

Ainda estamos em outubro, o que é uma maravilha. É das minhas épocas do ano favoritas e está ótimo para ir dar um mergulho. Antigamente, nesta altura já estaria um frio de rachar, mas agora mal consigo andar de calças com tanto calor.

Independentemente dos mil pensamentos que vão surgindo na minha cabeça, respondo-lhe.

Obrigada pelo convite, Catarina.
Vamos juntas?



Bato à porta. Consigo ouvir música e gritaria de outras pessoas que acredito que se divertem do lado de lá.

Não sei se serei uma delas.

A Catarina está exatamente ao meu lado e não sei se é impressão minha, mas sinto-me observada por ela. Não sei se é por não ser habitual estar com um vestido tão curto ou se por trazer um biquíni por baixo desse mesmo vestido.

Só sei que me sinto constrangida.

Ouçõ o barulho de alguém a tocar na maçaneta. A porta abre-se e, para minha grande surpresa, é uma rapariga que não conheço de lado nenhum.

— Olá! Sejam muito bem-vindas! — Sorri como se não houvesse amanhã.

Afasta-se da porta e dá-nos espaço para entrar.

Noto que tanto ela como a Catarina começam a falar de alguma coisa a que não dou relevância nenhuma. Estou demasiado distraída com tudo aquilo que vejo à minha volta. Estou encantada com este espaço. De certa forma, faz-me sentir em casa. Adoro a entrada que se prolonga até à cozinha é tão comprida quanto a minha; o facto de ela ter um vaso repleto de flores a decorar a mesa de refeições; e o cheiro a lavanda que permanece nas minhas

narinas desde que entrei por aqui adentro. Adoro todas as sensações que isto me provoca, porque faz-me perceber que, na realidade, nunca valorizei isso na minha própria casa. Acredito que assim seja por, lá no fundo, sentir falta do meu cantinho, do local que me pertenceu durante a minha vida toda. Sinto falta e nunca tinha admitido, ou sequer reparado.

Continuamos a avançar em frente e consigo perceber que o som das pessoas a movimentarem-se dentro da água da piscina prevalece. Quero chegar lá, despir-me, dar um mergulho e ir-me embora. Quero que este momento desapareça num instante, mas sei que isso não vai acontecer. Sinto que tenho de ficar durante algum tempo, para não pensarem que vim de má vontade.

— Gostas do que vês? — pergunta-me a Catarina.

Olho para ela e respondo com um sorriso.

Para mim esta é a melhor forma de comunicar com as outras pessoas: com o olhar e com todas as expressões que a minha cara conseguir exprimir. Torna-se difícil utilizar o diálogo quando uma pessoa tem tantos pensamentos e sensações misturados, que nem sabe por onde começar para conseguir desabafar tudo aquilo que quer ou necessita.

Passo pela última porta que me leva à piscina.

Estão aqui tantas pessoas...

Nem olhei fixamente para as suas caras, mas agora, depois de me aperceber de que estarei aqui durante uma boa parte da tarde, começo a olhar para todas elas com outros olhos. São todas mais velhas e todas, ou quase todas, do meu curso.

Quase, porque a pessoa que mais me salta à vista é a única que está de t-shirt e calções. Aquela que faz acelerar o meu coração. Não quero que se note, nem que oiçam, o seu estrondoso bater no meio desta confusão, não quero ser o centro das atenções.

— Sentes-te bem? — pergunta-me a Catarina.

— Sim, sim. — Afirmo enquanto tento olhar para ele na expectativa de que me retribua o olhar. — E tu, estás bem? — Que conversa de chacha, mas mais vale isso do que nada. Mais vale isso do que parecer uma sociopata a olhar fixamente para alguém do outro lado de uma piscina.

— Sim...

Deixei de ouvir tudo o que estava à minha volta. Parece que ele sentiu o que eu queria que sentisse, porque o olhar dele vem ao encontro do meu. Será que se sente incomodado por estar a ser observado? Estará aborrecido por estarmos a poucos metros de distância? Por não conseguir distanciar-se de

mim como tanto parecia querer?

Sou desperta pela alegria que existe à minha volta e pelos cumprimentos entre as minhas colegas. Reparo que a Andreia e a Rita chegaram. Dou-lhes um cumprimento desleixado, porque simplesmente não quero saber e, mais uma vez, o meu cérebro desliga. Não quero estar atenta a mais nada além do David. Neste momento, ele é o foco.

A Catarina agarra-me no braço para me chamar a atenção.

— Estás a ouvir o que estamos a dizer? — Não, não estou.

— Claro que sim. — Minto, porque é mais fácil do que dizer que quero sair do meio delas para ir ter com outra pessoa.

Percebo que voltam a dizer alguma coisa, mas ignoro-as.

Ele está deitado em cima da toalha, o que me faz questionar porque não está na água. Está tanto calor que podia derreter.

Os nossos olhares descruzam-se quando um rapaz salta para cima dele. Acredito que tenha sido na brincadeira, mas deve ter doído. Se estivesse no lugar dele ficaria danada. Ele também não gostou da brincadeira. Tenta afastar a pessoa que está em cima dele. Reparo que o outro está a tentar tirar-lhe a roupa. Os amigos devem estar mortinhos para que ele também vá à piscina.

— Não te despes? — O tom de voz daquele rapaz aumenta exponencialmente, mas talvez tenha sido a única a perceber a conversa, visto que sou a única a prestar atenção.

Espero que o David lhe dê uma resposta à altura, que lhe diga para se meter na sua vida ou ir dar uma volta ao bilhar grande. Mas não. Basta-lhe um olhar furioso para o outro virar costas e continuar com a sua vida.

— Sim, David, porque é que não te despes?

— Será que ele tem vergonha?

— Ele não percebe que é uma festa na piscina?

— Não percebo como é que ele consegue estar assim vestido. Está um calor horrível!

— Ele é tão giro... Quero tanto ver aquele corpo...

O desconforto presente nas suas feições é notável.

Foda-se.

Aquele gajo estragou tudo.

Porque estão a chateá-lo com tretas sem importância nenhuma? Como é que do nada todos decidiram opinar sobre a vida dele? Percebo, cada vez mais, como as pessoas adoram meter o nariz no que não devem.



Terça-feira, 18 de outubro

Já estou a ir para casa e ainda nem passou uma hora desde que lá cheguei.

Fiquei logo chateada a partir do momento em que o David começou a ficar chateado. Ao ponto de a anfitriã da festa ter de intervir entre ele e todos os outros que não paravam de lhe moer os neurónios.

Eu própria tive imensa vontade de intervir, mas sei que depois ficaria de consciência pesada, porque também sei que não devo meter-me onde não sou chamada. Acredito que ele não goste de ter guarda-costas. Eu, pelo menos, não gostaria.

Já estou a entrar pelo portão das residências. Estou mais do que pronta para ir para o meu quarto e fingir que estudo alguma coisa, visto que as frequências já estão aí à porta.

Vim-me embora porque, em primeiro lugar, fiquei agoniada com o que aconteceu e também porque não me senti bem por estar no mesmo espaço que ele. Sempre senti que ele é popular e hoje tive a certeza. Reparei em como as raparigas estão ansiosas para lhe saltar para cima e em como os rapazes também tentavam obter a sua atenção.

Acho-o corajoso. Mesmo a ser incomodado até mais não, manteve-se sempre firme. Admiro-o por isso. Porque, embora eu também me considere uma pessoa com esse tipo de atitude, sei que estando perto de pessoas que não conheço e que acabam por me intimidar de alguma forma, fico mais insegura. Acho que no lugar dele me teria ido logo embora, só para não ter de me chatear ou ceder a algo que não quisesse.

Nunca na vida será motivo para se gozar com alguém, mas tenho de admitir que também achei muito estranho ele ter sido a única pessoa a não querer desfrutar da piscina. No entanto, existe uma grande diferença entre estranhar e ter o direito a opinar sobre algo que não tem nada que ver comigo. Por outro lado, todos os que lá estavam sentiram-se no direito de o fazer.

As pessoas ainda não percebem que podemos magoar o próximo dessa

forma. E isso é das piores sensações de sempre.

...

Porra.

Esqueci-me da minha mala!

É desta que decido, antes de entrar no prédio, voltar atrás para ir àquela casa. Não vou fingir que não estou feliz por voltar a vê-lo.

...

Espera. *É ele.*

Não é possível... Como pode ser ele, se ainda não cheguei à casa? Estarei a alucinar?

Ele começa a subir as escadas do seu prédio enquanto continuo a caminhar na sua direção. Tenho plena noção de que a partir do momento em que o vi, o meu rumo alterou-se automaticamente.

A vontade que tenho de falar com ele não tem explicação. É uma vontade tão grande, tão grande que nem cabe em mim.

Quero tanto aproximar-me dele.

Começo a andar apressadamente. Só falta correr para chegar ao cúmulo da estupidez. Será que consigo alcançá-lo?

— David! — grito por ele.

Ele para.

Consigo notar a metros de distância como o seu corpo fica tenso ao ouvir a minha voz. Deixa-me mais animada perceber que partilhamos da mesma sensação ao ouvirmos a voz de um do outro.

Vira-se.

Graças a Deus.

— Solange? Estás bem? — pergunta-me, descendo as escadas.

— Sim, estou. — É tudo o que consigo dizer. Caralho. Como é que não consigo prolongar a conversa?

— Pareces ofegante... Daí a minha pergunta... — Ele parece desconfiado, mas acho que não me viu a correr feita tonta.

— E tu... estás bem?

Por favor, diz-me que não. Diz-me que estás na merda como eu.

— Estou ótimo, obrigado. — Sinto um aperto no peito.

— De certeza? Não gostei nada da forma como te trataram em casa da outra...

Sou interrompida.

— Aquilo não foi nada. Já passou. Já me esqueci. — Que frieza.

A vontade que tinha de falar com ele desapareceu automaticamente. Como

é que uma pessoa fica tão distante de um dia para o outro?

— Eu não quero parecer uma chata, embora tenha plena noção de que estou a ser... Mas só consigo ficar descansada quando perceber o que se passa contigo. Mande-te várias mensagens, porque achei que seria mais fácil para ti falares comigo sem ser cara a cara. Também não te respondi sempre, eu sei, mas espero que não tenhas feito o mesmo para te vingares de mim. Eu só quero um motivo... — Estou ainda mais ofegante depois de deitar para fora o que tinha cá dentro, mas ainda não acabei. — Confesso que achei que estávamos a criar algo... entre nós... Sei que nunca houve nada em concreto, mas a forma de agires comigo... e todas as nossas conversas que significaram tanto para mim... A verdade é, pura e simplesmente, esta. Vais dizer-me que são tudo coisas da minha cabeça?

Foda-se.

Estou a tremer com os nervos que tenho à flor da pele.

— Não, não são coisas da tua cabeça... Eu sinto o mesmo que tu... — Sustenho o ar. Nossa senhora. — Se calhar até mais... — Não ouvi muito bem a última parte, mas sinto-me ainda mais nervosa, no bom sentido, por saber que ele sente o mesmo que eu. Mas se ele sente o mesmo, porque continua tão distante? — Só que, neste momento, não me sinto preparado para estar envolvido com ninguém...

Que murro no estômago.

Ele disse exatamente o que eu queria e o que não queria ouvir.

— Como assim? — Respiro fundo antes de começar a exaltar-me. — Como é que podes dizer que sentes o mesmo por mim e depois...

— Porque, neste momento, tenho de me focar em mim. — Agora é ele que respira profundamente antes de continuar com o seu discurso. — Tenho de me focar na minha saúde. Depois disso, aí, sim, poderei pensar noutras pessoas para além de mim...

Saúde? Ele está doente? Estará a morrer? Merda.

— Eu estou bem. — Continua ele, parecendo perceber a minha preocupação e levando-me a soltar um suspiro de alívio. — E não, não vou morrer. — Porra. Ele percebeu mesmo tudo o que pensei em meros segundos. — Obrigadinho por me fazeres o leito de morte mesmo antes de isso acontecer... — Noto um bocadinho de sentido de humor na sua voz. É tão bom sentir isso. Já tinha saudades.

— Desculpa, só fiquei preocupada.

— Sim, eu percebi.

— Então, e posso fazer alguma coisa por ti?

— O que queres dizer com isso?

É preciso fazer um desenho?

— Tu também estiveste lá para mim quando eu fui parar ao hospital... Quero saber se também te posso acompanhar em alguma coisa. Como amigos, claro. — *Claro, claro. Amigos...*

A sua cara muda e parece voltar àquela expressão arrogante que tanto detesto.

— Não te metas. — Corta logo a conversa. — Está quietinha na tua vida, por favor... Eu sei cuidar de mim próprio.

Não precisa de dizer mais nada. Para mim, basta. O meu cérebro quase explode com tantas asneiras que estão ansiosas por se manifestarem contra o mundo, mas engulo todas essas malditas palavras. Não vale a pena.

— Sabes que mais? És um triste. — É tudo o que consigo dizer.

Viro-lhe costas e vou-me embora.

Acho que ele não esperava ouvir aquela calma na minha voz. Não esperava uma resposta assim. Certamente esperava uma resposta com brutalidade, como costume fazer. Não existe nada que mais deteste do que sentir que já não há esperança em nada daquilo que eu faça. Não me orgulho disso, mas queria que ele sentisse o mesmo que quando ele fala comigo: desprezo.



Segunda-feira, 24 de outubro

Tentei convencer-me de que não preciso dele. Tentei não pensar no turbilhão de sensações que vivi ao estar com ele pela primeira vez. Tentei dormir noites inteiras sem pensar como seria a nossa ligação se ele não se afastasse.

Mas não vale a pena continuar a achar que conseguirei viver os meus dias da forma mais normal possível, sem saber exatamente porque me empurra para fora da sua vida.

Detesto ser esta pessoa. Detesto parecer uma rapariga embirrenta e desesperada, que não sabe aceitar o afastamento por parte de outra pessoa. Estou cansada de deixar pessoas que despertam o meu interesse desaparecerem sem deixar rasto. Estou farta de deixá-las ir à sua vida sem tentar lutar por uma verdadeira explicação.

Decidi que irei tirar esta história a limpo, quer ele queira, quer não. Preciso de, pelo menos, um motivo real para deixá-lo em paz. É a única coisa que peço.

Já passaram alguns dias desde a nossa última conversa. Gostava que não tivéssemos chegado a este ponto.

Só quero estar lá para ele, tal como ele esteve para mim.

Até parece que nos conhecemos há mil anos e que ele já fez assim tanto por mim. Sei que não é esse o caso, mas as suas atitudes para comigo sempre tiveram um grande valor. E eu não me esqueço disso. Por isso, não desisto enquanto a situação não estiver resolvida.

No dia seguinte à nossa conversa, estava à janela do meu quarto a olhar para a morte da bezerra. Reparei que ele tinha saído das residências por volta das 17h00.

Eu nem comecei, a partir desse dia, a controlar as horas. Não criei um despertador propositadamente com essa hora para verificar se ele continuaria a ter essa mesma rotina. Não fiz, de todo, algo fora do normal...

Praticamente uma semana depois de perceber que ele, quase todos os dias, saía para algum lado, decido que irei atrás dele para descobrir, realmente, o

que se passa.

Não pareço uma rapariga extremamente desequilibrada, pois não?

Bem me parecia.



Quinta-feira, 27 de outubro

É hoje.

Não deveria ser nem hoje, nem amanhã, nem nunca. Mas não interessa, é hoje e não tenho vergonha nenhuma de o admitir. Quer dizer, não tenho, porque também não ando por aí a gritar aos quatro ventos que me estou a tornar uma *stalker*. E, se tudo correr bem, uma de sucesso.

Nos últimos dias, desde que decidi que iria começar a segui-lo, consegui perceber com os meus dotes de perseguição que ele se dirigia sempre para a Avenida Marquês de Pombal, com o intuito de apanhar um táxi. Como sou uma grande detetive, comecei a matutar na razão de o fazer em vez de usar o seu carro. Depois fez-se luz na minha cabeça. Talvez ele opte por andar de táxi, porque talvez chegue tarde a Leiria, ou vá a algum lugar mais distante daqui.

Sinceramente, não sei. São tudo suposições.



São 17h00.

Estou sentada à secretária e começo a olhar pela janela para observar aquilo que, certamente, irá acontecer nos próximos instantes.

Espero uns minutos.

Ele nunca mais sai?

17h04... 17h05... 17h06.

Finalmente.

Vejo-o a sair pela porta. Desta vez, à pressa e quase a correr. Isso leva-me a crer que tem algo marcado para uma certa hora e não pode, por nada, atrasar-se.

Não estava nada à espera quando, de repente, ele levanta a cabeça e olha na direção da minha janela. Aquela em que não tenho qualquer tipo de problema em aparecer, visto que estou num quarto andar e para onde nunca me passou pela cabeça que fossem olhar.

Foda-se.

Tantos dias que se passaram desde que comecei a vigiar esta sua rotina e, logo hoje, tinha de deitar tudo a perder. Merda. Posso fingir que estava só a olhar para as vistas, certo? *Claro que sim, que bela desculpa, Sol.*

Ele reparou que estava a observá-lo. Desviou o olhar e mostrou aquele sorrisinho enviesado dele. Deve gostar que eu esteja a perder parte do meu dia a observá-lo.

Idiota.

— O que é que estás a fazer? — Estava tão concentrada no que ele poderia pensar ao ver-me observá-lo desta forma, que nem reparei que a Dilívia entrou no quarto.

— Nada. — Corto.

— Então é porque é que estás agarrada à janela? E porque pareces que estás capaz de me derreter à porrada? — Ri-se com o seu comentário. — Será melhor fugir?

— Vê lá se não te caem os dentes com tanta piada a sair-te da boca.

Em vez de a conseguir intimidar, como pretendia, acabamos as duas a rir às gargalhadas.

— Fora de brincadeiras... — Volta ao seu estado normal. — Estás bem?

Estar, não estou, mas vou ficar.

— Estou mais que bem! — Mostro-lhe o sorriso mais forçado de sempre.

— Não se nota?

— Nem por isso, mas vamos fingir que sim, porque sei que não tens paciência para serem persistentes contigo. — É por isto que estou a começar a gostar verdadeiramente dela. Já sabe como eu sou.

Recordo-me instantaneamente daquilo que estava a fazer, por isso, volto a olhar para a janela.

Merda.

Perdi-o de vista.

Arghhhh, estou capaz de matar a Dilívia.

Levanto-me de repente. Neste momento, tenho de fazer tudo à pressa para conseguir apanhá-lo e descobrir, finalmente, o que se passa. Só assim saberei se devo continuar a insistir com ele ou se não. O mais engraçado e, principalmente irónico, nisto tudo é que detesto que insistam comigo, mas

estou a ser tudo isso e muito mais com ele.

— Tenho de me ir embora! — Agarro em tudo aquilo de que necessito. — Não sei a que horas volto, por isso não fiques preocupada comigo. — Já sei como ela é. Mesmo não gostando da sua persistência, por vezes, é bom dividir o quarto com alguém que faça, verdadeiramente, parte da minha vida e que se preocupe. Eu não gosto de admitir-lhe por palavras, mas demonstro por gestos que também me preocupo com ela. Para mim, isso é o mais importante.



Fui reconhecida quase o caminho todo por algumas pessoas que me conhecem da universidade. Tentei que não tivessem a certeza de que era eu, por isso continuei em frente, com a cara para baixo, a olhar para os pés enquanto andava. Quem nunca? Confesso que é um hábito que tenho desde há muito tempo. Também tentei fazer a minha melhor cara de trombuda. Não existem melhores truques do que estes, porque funcionou na perfeição.

Agora estou escondida atrás de uma parede que me permite olhar para a bela figura que decidi seguir. E, também, para o taxista com quem ele está a falar.

Tento aproximar-me, sem que ele me veja, para escutar a conversa que se desenrola entre eles.

— O jovem não se cansa de ir para Coimbra? — Coimbra? Porquê Coimbra?

— Nunca ouviu dizer que quem corre por gosto não cansa?

Com esta dica, calou o taxista. Não faço ideia do que está ele a falar. Por isso, agora tenho mais certeza do que nunca de que o que anda a fazer é de extrema importância para ele.

— David! — Ouço uma voz atrás de mim, embora longínqua.

Apanho um cagaço tão grande que me meto mais para dentro do beco em que estou. Não quero que ninguém me veja, principalmente esta pessoa que apareceu do nada.

— Como estás?

Já não consigo ver nada, mas continuo a conseguir ouvir e percebo que esta pessoa não só continua a andar ao encontro dele, como é uma voz feminina.

Caraças.

Quem será?

Quero espreitar, mas já não tenho coragem de meter a cabeça ao léu e correr o risco de ser apanhada.

— Estou bem e tu?

— De certeza? — Cala-se. Porque se calou? O que lhe está a fazer? — Tens mesmo, mesmo, mesmo a certeza? — Percebo outra coisa. Reconheço a voz dela, mas não me vem ninguém à cabeça. — Sabes que me podes contar tudo, não sabes?

— Claro que sei.

Mais um momento de silêncio... *bem silencioso.*

Agora sim, não consigo evitar e é desta que me ponho a observá-los. Quero ver, não só o que eles estão a fazer, mas também quem é, ao certo, esta pessoa.

Qualquer coisa se quebra dentro de mim quando consigo um vislumbre. Estão juntinhos um ao outro, abraçados. Não me importo quando os olhos do David se abrem depois daquele abraço e me encontram imediatamente. Não tenho a mínima ideia do que passará pela sua cabeça, mas sei que nada de bom será. O seu olhar diz muito. Neste momento tudo lhe cai aos pés, porque não estava à espera de que eu estivesse aqui. Certamente deve estar a pensar que não tenho os parafusos todos por continuar a andar atrás dele, mas espero que possa estar a pensar, também, que não queria que eu tivesse visto uma cena destas.

Não interessa.

Já nada interessa.

Viro costas e começo a andar na direção contrária, porque tudo o que havia para ver ou ouvir já aconteceu. E, sinceramente, foi bem mais do que aquilo que pedi.

Quando decidi que este seria o dia em que iria desvendar tudo o que se passava na vida dele, quando achei que este seria o dia em que iria perceber, finalmente, o motivo de ele andar tão esquisito e afastado, não estava à espera de vir a sentir isto.

Se pensar com dois dedos de testa, sei que não tenho o direito de sentir ciúmes. Nunca assumimos nada, nem um beijo houve, por isso o mais provável é que eu esteja, apenas, a ser uma iludida. Admito que tenho ciúmes, bem mais do que gostaria. Sinto inveja. Sinto-me tão inquieta, porque queria estar no lugar dela. Gostava de ser eu a receber aquele abraço, de ser eu a pessoa com a qual ele se sentisse tão à vontade a ponto de me contar tudo o que vai na sua cabeça. Mas não. Não sou nenhuma dessas opções. E isso magoa-me. Tenho a perfeita consciência de que não posso fazer mais nada

para voltar a ter a confiança dele. E tenho ainda mais consciência de que fiz demasiado.

Já não posso voltar atrás.

A partir de agora, embora já o tenha prometido vezes e vezes sem conta, não insisto mais com alguém que não quer que eu o faça. Se há coisa que eu aprendo todos os dias é que eu insisto, persisto, luto por aqueles que acho que merecem mesmo a minha atenção, o meu carinho, a minha amizade, o meu amor. Luto por pessoas que fazem a verdadeira diferença na minha vida.

Mas todos têm um verdadeiro limite.

E hoje cheguei a esse ponto.



Domingo, 30 de outubro

Sexta-feira, 28 de outubro

Podemos falar?

Agora é que queres falar?

Podemo-nos encontrar? Não quero ter esta conversa por telemóvel.

Nem por telemóvel, nem de forma nenhuma.

A sério, responde-me. Acredita que não te tiro a razão. Tens todos os motivos para me mandares à merda, mas ouve, apenas, aquilo que tenho para te dizer.

Não quero. Não quero! Porra, não quero!

Porque é que, depois de dias e dias feita cachorrinha atrás dele, é que ele se lembra de que eu existo?

Sábado, 29 de outubro

Quero explicar-te tudo o que viste e que aconteceu... Se depois disso quiseres continuar sem falar comigo, respeitarei a tua decisão...

Ele não vai desistir?

Sinto-me fraca. Fraca, porque não consigo ser coerente quando ele dá sinais de vida.

Domingo, 30 de outubro

Podes ter a certeza de que não vou parar de te chatear até decidires que está na hora de me ouvir.

É isso que me preocupa.



Hoje é domingo, o pior dia da semana. É aquele que me recorda que «a vida recomeça» no dia seguinte. O que, para meu desagrado, faz com que acabe a sofrer por antecipação. Este domingo é ainda pior, porque a Dilivia não vai passar aqui a noite. Então, estarei sozinha a afundar-me, por completo, nos meus pensamentos horríveis, sem conseguir voltar à superfície.

Sinto-me triste com tudo o que tem acontecido. Normalmente, consigo usar a ironia para suavizar o mal-estar, mas hoje não é o caso.

Sinto-me mesmo magoada. Por mais otária que possa ser, por mais asneiras que diga, por mais vontade que tenha de mandar as pessoas para o outro lado, sei que uso essas ferramentas para disfarçar o que sinto. Porque, apesar de odiar reconhecer que não estou bem, odeio ainda mais quando alguém consegue percebê-lo.

É por isso que prefiro ficar fechada no quarto. No meu canto, sem ouvir nada, nem ninguém.

A Catarina convidou-me para irmos beber café, mas tenho tão pouca paciência que nem lhe respondi. Só espero que não lhe dê na cabeça vir ter

comigo. A sério, não quero ver ninguém.

Não devia deixar o meu estado de espírito alterar-se por causa de uma pessoa, mas não consigo ser de outra forma. Ele é especial para mim. E o que posso fazer em relação a isso? Nada.

O que me deixa mais em baixo, sem qualquer sombra de dúvidas, é o facto de ter sido preciso chegar a este ponto para ele ganhar consciência do que poderia estar ou não a perder, e querer, imediatamente, vir falar comigo.



Alguém bate à porta.

Volto a colocar os fones nos ouvidos para continuar a ouvir aquelas músicas catastróficas, que me fazem pensar na vida e perceber como ela é uma merda.

Que maravilha, alguém volta a bater na porta.

A melhor tática de mandar alguém embora sem parecer mal-educada ou arrogante é ficar calada e fingir que não estou presente. Assim, não trato mal ninguém, nem ninguém me chateia os miolos. Pode não parecer, mas ficamos os dois a ganhar.

Volto a ouvir o som de uma mão a bater na porta.

Porra.

Não queria passar esta energia para ninguém, mas parece que lá terá de ser. Levanto-me da cama e vou em direção à porta, abrindo-a de seguida. Fico especada a olhar para a figura que se encontra à minha frente. Tenho vontade de me rir na cara dela, mas não devia.

Para dizer a verdade, ainda não olhei diretamente para a cara da pessoa, mas o facto de estar a usar uma minissaia rosa-choque por cima de umas calças de ganga e de estar a usar uma peruca, que se nota a léguas, está a dar cabo de mim.

Não consigo evitar começar a rir-me deste traje horrível.

— Quem raios és tu? — Nem consigo falar como deve ser com tanto riso. Estou a falar aos soluços.

— Quem é que achas? — Tira a peruca.

É o David, o que me faz ficar, instantaneamente, mais séria.

Porque é que ele teve de aparecer numa noite em que a Dilivia não está? Assim já não posso usá-la como desculpa para me salvar desta conversa que tenho cada vez menos vontade de ter.

— Posso entrar?

— Não. — Bloqueio a passagem.

Chega-se mais perto de mim ao ponto de estarmos a respirar o mesmo ar.

— Vá lá... Deixa-me entrar, por favor.

Começo a empurrá-lo. Fico na dúvida se é mesmo por não o querer aqui dentro, por não querer que a conversa aconteça ou se, simplesmente, não o quero tão perto de mim. Provavelmente todas as hipóteses juntas. Não confio em mim se ele continuar a aproximar-se.

— Já te disse que não. E quem manda aqui sou eu!

— Solange, eu vim aqui, com esta roupa horrorosa, para te contar tudo o que queres saber e até o que não sabes, *ainda*, que deves saber...

O que está ele a insinuar? Deixou-me curiosa, e não é preciso muito para me fazer ceder. Afasto-me, deixando-lhe espaço para entrar, e fecho a porta atrás dele para que ninguém ouça o que se irá passar.

— Posso sentar-me? — Aponta para a cama da Dilívia.

Aceno com a cabeça para lhe confirmar aquilo que acabou de perguntar. Avanço até à minha cama e acabo por fazer o mesmo, ficando frente a frente com ele.

— Solange, em primeiro lugar...

— Em primeiro lugar, tens de me dar uma explicação em relação à tua figura. — Interrompo-o ao mesmo tempo que não consigo conter um sorriso.

Ele olha para si próprio e começa, igualmente, a sorrir. Ainda bem que tem plena noção do quão ridículo está.

— Isto? — Pega na saia. — Foi a única forma de conseguir subir para vir ter contigo.

— Elabora, por favor... — peço, curiosa pelo seu esforço.

— Os rapazes não podem entrar no edifício das raparigas, mas como sou um gajo cheio de sorte, planeei tudo para vir na noite em que o Ailton estivesse a trabalhar aqui na portaria. O problema é que ele se acha muito engraçado e só me deixou subir com uma condição. Ora, como podes ver, *foi esta a condição*.

Rio-me e as minhas gargalhadas tornam-se reais, mais fortes. Sabe tão bem, já não me ria assim há séculos. Mas não me posso esquecer de que estou magoada com ele. Vá, Solange, controla-te. Cara séria.

— Estou a ver... Acho que nunca te vi com uma roupa que te ficasse tão a matar como esta. — Adoro ser sarcástica.

Ele sorri com a minha ironia.

— E agora... podemos *mesmo* falar?

Respiro fundo.

— Sou toda ouvidos.

— Bem... Estava a dizer que, em primeiro lugar, quero transmitir-te que sim, sou uma besta, porque afastei-te sem razão nenhuma aparente. Depois de te ver naquele dia em que estava ao pé dos táxis... é que vi com clareza o que eu andava a fazer... não só a ti, mas a mim também...

— *Viste com clareza* a partir do dia em que percebeste que andava atrás de ti feita cadela, é isso? — Ele fica ofendido. — Depois de ter tentado várias vezes que falasses comigo e me explicasses o que se passava? Dei várias e várias voltas à minha cabeça a pensar nas nossas conversas, a tentar perceber se tinha dito algo de errado... Senti-me uma merda, por achar que afasto sempre as pessoas. Mas não... Hoje consigo perceber que o problema és tu e não eu, e que algo não bate certo. E eu quero entender *o quê*.

Não estava à espera de conseguir falar tanto, mas se ele quer deitar tudo cá para fora, eu aproveito para fazer o mesmo.

— Não é nada disso. Eu só me afastei, porque precisava de pensar no que se passa entre nós... Nunca estive em causa o que sinto por ti...

O que sinto por ti.

— Então, porque é que te afastaste depois do...

— Depois do jantar que tivemos, sim. — Continua a frase que eu tencionava dizer até ao fim. — Foi a partir do momento em que percebi como gostavas de crianças. Confesso que fiquei preocupado...

Preocupado? Preocupado porquê?

— Sim, gosto. Gosto muito. — Ele fica nervoso por eu confirmar o que ele já sabia. — Tu não gostas, é isso?

— Eu gosto, mas a questão não é essa. Podes ficar a achar que sou mesmo bizarro, visto que não temos nada em concreto e nem nos conhecemos há muito tempo. — Custa-me ouvi-lo a dizer isto, mas é verdade. — Mas quando percebi como ficas deliciada com crianças no geral, percebi que, no futuro, caso surgisse uma relação amorosa entre nós... e se se tornasse algo bem sério... nunca poderia dar-te um filho... — Suspira profundamente. — Porque eu não posso ter filhos.

Ok.

Certo, ele não pode ter filhos.

Porque é que isto mexe tanto com ele, quando, na verdade, é algo que não me afeta nada?

O que me deixa, sim, irrequieta e de certo modo entusiasmada é o facto de tudo isto o ter preocupado tanto. Ele não pensou apenas no *meu* futuro, ou no

seu futuro, mas, sim, num futuro nosso.

— Não percebo, muito honestamente, porque é que concluíste, logo à partida, sem me perguntares, que isso seria algo que me afetasse... E não, não te acho nada estranho... Eu sinto o mesmo que tu, ainda que nunca tenha acontecido nada entre nós, sinto-me atraída por ti... — Sinto-me tão orgulhosa de conseguir admiti-lo em voz alta. A felicidade de todo o tamanho da parte dele ao ouvir estas palavras a saírem da minha boca é notória. — Nunca pensei sequer em ter filhos. Nem contigo, nem com ninguém.

— Como assim? O que queres dizer com isso?

— O que eu quero que metas na cabeça é que nunca sonhei ficar grávida. Nem sei se algum dia quererei ter filhos. Para mim, não é crescer, casar com alguém e ter filhos só porque sim. Ter filhos é uma decisão muito importante e não vou tomá-la de forma inconsciente só porque alguém acredita que é o verdadeiro sentido da vida.

Nunca tinha falado disto com ninguém, mas sempre pensei assim. Nunca partilhei sequer com os meus pais, porque sei perfeitamente que eles não concordam, mesmo que afirmem o contrário.

— Então e para ti... qual é o verdadeiro sentido da vida?

— Por mais cliché que seja, o verdadeiro sentido da minha vida é ser feliz enquanto cá estou. Quero usufruir da vida da forma que *eu* quero. Não vou casar por os outros dizerem que tem de ser, não vou ter filhos por os outros dizerem que tem de ser, não vou assumir heterossexual por os outros dizerem que tem de ser. Não vou fazer absolutamente *nada* só porque os outros acham que tem de ser. Tudo o que faço e que farei, um dia, será por mim e *só por mim*.

— Desculpa estar a fugir um bocado ao tema inicial da nossa conversa... mas... não és heterossexual? Espero que não leves a mal a minha pergunta, eu só...

— É difícil explicar... Quando, às vezes, tento esclarecer a mim própria, percebo que com palavras não vou lá. Mas cá dentro sei o que sinto e, para mim, é tudo o que importa.

— E o que é que sentes?

— Sinto que gosto de pessoas. Neste preciso momento, sinto que és um íman que me arrasta até ti. Gosto da tua aparência, gosto do teu sorriso enviesado que, por vezes, me tira do sério, mas que me faz sentir ainda mais atraída por ti. Mas não é isso que me puxa, realmente, percebes?

— Estou a tentar...

Sorriso.

— Eu apaixono-me por personalidades, David. Eu gosto de ti, e não é por seres um rapaz. Gostaria de ti se fosses rapariga, tal como se fosses uma pessoa com qualquer outra identidade de género. Isso não me interessa patavina, interessa-me, sim, o que me faz sentir conquistada por ti, a tua personalidade.

— Eu sabia que eras boa demais para ser verdade... — Começo a rir-me.
— Sabia que encaravas a vida de uma forma muito diferente... Sinto que as pessoas se acomodam àquilo a que chamam «normalidade», sabes? Acho que, antigamente, as pessoas não se questionavam, e isso resultou numa falta de autoconhecimento gigante. Hoje em dia as pessoas questionam mais, descobrem, pensam e refletem... não se deixam cair na treta de que tudo se resume a preto e branco... Como tu.

— É, mas não te esqueças de que tenho má *mode* a mais, isso sim. — Tiro-lhe a língua de fora e ele corresponde-me com um sorriso, enquanto me pega na mão.

— Estou encantado contigo... Ainda mais do que já estava. Sempre soube que eras especial...

Sinto-me emocionada ao ouvir uma coisa destas, mas não quero deixar transparecer demasiado.

— Vá, vá... Resumindo e concluindo... Afastaste-te de mim por seres infértil? Foi isso? — Acredito que seja umas das piores dores para alguém que passe por isto, caso tenha o sonho de ter um filho.

— Sim, foi essa a principal razão... Foi essa a razão que desencadeou todos os outros pensamentos que tive desde esse dia.

— Que pensamentos são esses?

— Os que me recordam a razão pela qual não posso ter filhos.

Sinto-me tensa. Tenho a sensação de que estou a ir por caminhos perigosos e receio magoá-lo.

— E tencionas partilhá-la comigo? — pergunto com algum receio.

Respira, Sol.

— Lembras-te do dia da piscina? De nunca ter tirado a minha roupa?

Aceno com a cabeça.

— O que é que isso tem a ver com o assunto?

— Tudo.

Começa a pegar na borda da sua t-shirt branca, que o favorece imenso, pelo contraste de ser tão moreno.

Está pronto para tirá-la.

— Ei, o que estás a fazer? — Fecho os olhos, automaticamente.

— Confia em mim. — Abro-os lentamente.

Ele olha-me nos olhos. Suplica-me, através deles, que confie nele. Então, assim faço.

Embora não evite gostar de ver o físico que se apresenta à minha frente, não deixo de reparar naquilo que mais se destaca. As cicatrizes que tem abaixo do peito. Uma bem perto do mamilo direito e outra bem perto do mamilo esquerdo. No entanto, continuo sem perceber a ligação entre tudo isto.

— O que é que te aconteceu? — É a primeira coisa que me ocorre perguntar. — Estás bem? Tens dores?

— Eu estou bem, mas espero vir a estar ainda melhor daqui a uns anos.

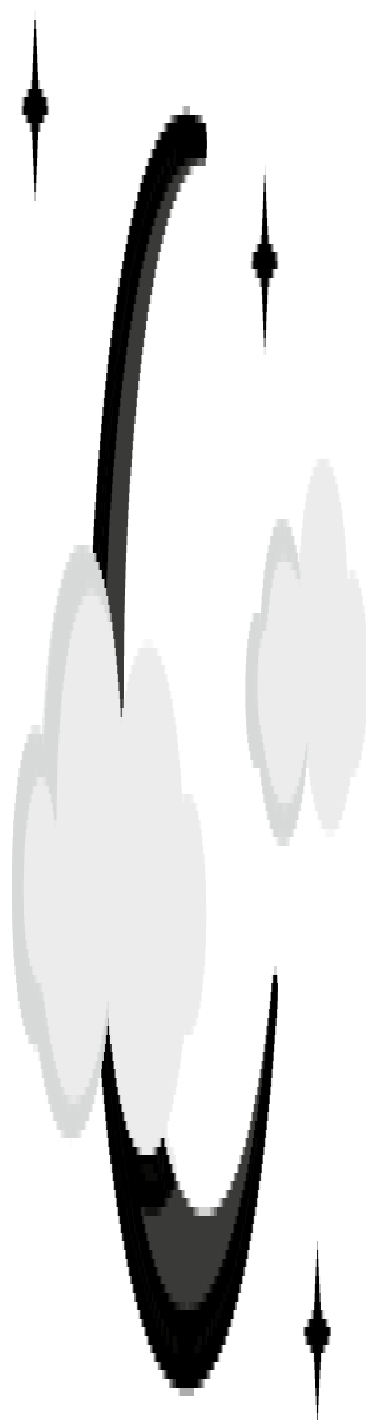
Tenho vontade de acarinhar aquelas cicatrizes. Se ele me permitisse, claro.

— É por isto que...

— Sim?

Fico com cara de parva a olhar para ele.

— Solange, eu não mostro o meu corpo a ninguém... e não posso ter filhos, porque... — Porque...? Porque o quê? Fala, caraças! — Porque sou trans.



Domingo, 30 de outubro

David

Sou trans.

É verdade.

Admitir em voz alta ser algo ou alguém que ainda não é bem visto pela sociedade custa-me. Principalmente por não saber como vai reagir a pessoa do outro lado. Se irá aceitar, não aceitar ou, na pior das hipóteses, fingir que aceita e, na sua cabeça, julgar-me ainda mais do que aqueles que sei, logo à partida, que me criticam por lutar pela pessoa que sou.

Até hoje apenas as pessoas mais importantes da minha vida, e agora a Solange, sabem. Decidi contar-lhe, porque não aguentava mais estar afastado dela, quer por criancices da minha parte, quer por ela ser alguém muito importante para mim.

Sim, *criancices*.

Eu quero acreditar que as minhas inseguranças são válidas, mas não devia sentir-me assim ao pé dela. Desde o primeiro dia que percebi que ela é diferente, especial, única. Nunca me deu razões para duvidar, e hoje tive, ainda mais, a prova disso.

Mas a partir do exato momento em que meti na cabeça, mesmo sem ter certezas, de que, muito provavelmente, ela poderia vir a querer ter filhos, fiquei assustado. Aterrorizado. Tenho noção de que existem inúmeras hipóteses para dar a volta a essa questão, caso seja algo que ela queira, mas quem consegue combater os meus receios quando estes se apoderam de mim? Por mais que tente deixá-los de lado ou suavizá-los, pensando que nem todas as pessoas são iguais, não dá. São mais fortes do que eu, estão cravados na minha mente.

Eu tinha a possibilidade, se assim quisesse, de congelar os óvulos antes de começar a fazer a transformação. Fui avisado imensas vezes. Mas a primeira decisão sobre a qual tive a certeza durante este processo é que não quero manter qualquer ligação com o meu corpo anterior.

Ainda me sinto um pouco revoltado, confesso. Ninguém merece ou devia passar por isto. Ninguém. Costumam dizer que, no final, todos os esforços compensam, mas neste momento ainda não consigo ver isso por completo. Revolta-me saber que todas as pessoas que conheço parecem sentir-se bem ou identificar-se com o seu próprio corpo. E eu? Porque tive de nascer no corpo errado? O que fiz eu para merecer isto? São tudo questões para as quais, provavelmente, nunca terei qualquer tipo de resposta...

São estes momentos de aflição que me põem a pensar em tudo o que já me disseram. «Tudo acontece por um motivo»: é muito fácil dizê-lo quando não se está a passar por algo assim ou por outras situações injustas. Acho que o momento mais difícil pelo qual passei até hoje foi aquele em que admiti a mim próprio que não era feliz da forma como vivia. Porque, na realidade, já me tinha apercebido disso, só não queria reconhecer que era real. Quis, durante uns tempos, deixar a situação andar. Muitas vezes pensava: *E se é tudo impressão minha? E se é só uma fase? Isto irá passar.* E, para dizer a verdade, nunca passou. Por isso, não conseguia continuar a viver uma farsa, num lugar a que não pertencia.

No meu caso, não posso dizer que era o meu corpo que não me pertencia.

No meu caso, era eu que não pertencia àquele corpo.

Atualmente, o que mais me amedronta é que as pessoas fiquem a saber. Não por tudo o que este assunto acarreta, mas por sentirem necessidade de saber o meu nome antigo, aquele que me foi designado à nascença e que já não faz parte de mim. Embora eu saiba que o passado é importante para as vivências do presente e do futuro, para mim, neste caso, passado é passado. Não vale a pena remexer nele. Não quero *remexer* naquilo que não deve ser *remexido*.

Tenho pavor da maldade que existe por aí, que existe no ar e que se instala sobretudo no coração das pessoas que me rodeiam. Há quem diga que é extremamente fácil perceber, logo de início, se uma pessoa é boa ou má. Na minha opinião, isso é inteiramente falso. Quem vê caras não vê corações. Na realidade, mesmo que tenhamos a certeza, dentro de nós, que conhecemos um coração, muitas vezes podemos sair enganados. Por muita vontade que tenha de acreditar que uma pessoa é bondosa, é sempre imprevisível se a maldade, sem limites e sem cara, não se apoderará dela.

São todos estes meus «devaneios» que me impedem de partilhar a minha história. Ninguém na universidade sabe e tenciono que assim se mantenha, porque não tenho intenção nem necessidade de me expor a qualquer pessoa. Tal como não vou chegar perto de alguém e perguntar, por exemplo, a sua

orientação sexual ou identidade de género. Todos estes fatores fazem parte de nós, daquilo que somos. Não é algo que tenhamos de ter estampado na testa.

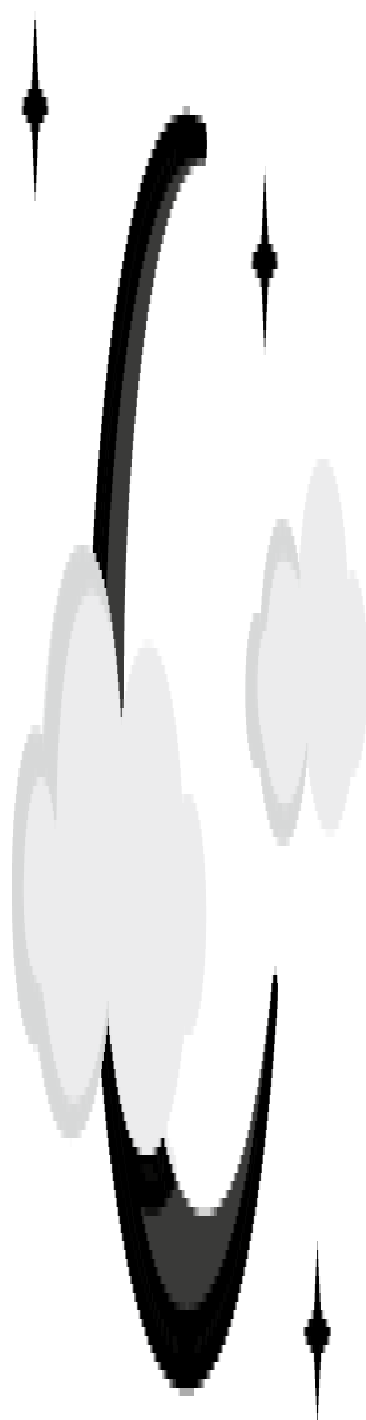
Sei que sou muito mais feliz do que há uns anos, mas tenciono vir a ser cada vez mais. Andei a ponderar nesta ideia durante muito tempo, fiz muitas pesquisas e, independentemente de tudo o que vi, ouvi e li, sei que o mais importante é seguir o meu coração. Quero fazer a mudança de órgão sexual. Tentei perceber se aquilo que sou, neste exato momento, seria o suficiente para mim, se me deixaria totalmente satisfeito. Mas não, não deixa.

A nível emocional tenho dias bons e dias maus. Não me arrependo de nada do que ando a fazer por mim, porque estou a lutar pela pessoa por que *devo lutar. Eu próprio*. E mesmo com um ainda longo processo pela frente, não vou desistir.

Sinto-me feliz, cada vez mais realizado e satisfeito com a construção da minha verdadeira identidade.

Sinto-me feliz, mas não a cem por cento.

Não ainda.



Domingo, 30 de outubro

David

— És transexual?

A surpresa na cara dela satisfaz-me. É uma surpresa boa. Como se para ela fosse a coisa mais natural à face da terra. Isso deixa-me muito mais aliviado para poder partilhar tudo o que me sentir à vontade de partilhar. E, ao mesmo tempo, mais pensativo. Esta pergunta tão simples leva-me a recordar o longo caminho pelo qual passei.

Mas será que ela vai entender? Mesmo querendo... será que vai?

Para mim, o termo *transexual* é muito específico. Costumo dizer que é um termo pequenino para uma grande comunidade. Por outro lado, o termo *transgénero* é um termo mais inclusivo. É preciso ter em conta que toda a gente tem vivências, experiências e necessidades diferentes. É difícil arranjar um termo abrangente.

Por exemplo, o facto de eu tomar hormonas e querer fazer a mudança do órgão sexual não me torna mais *trans* do que quem não sente essa necessidade. Cada pessoa é uma pessoa. Todos somos igualmente *trans* e ninguém é melhor do que ninguém. Não importa os outros saberem o que temos entre as pernas. Importa, sim, a felicidade que sentimos ao lutarmos por aquilo que somos.

A parte mais difícil disto tudo foi perceber, desde cedo, que tinha de começar a fazer algo por mim, que estava na hora de mudar. Desde o momento em que tomei essa decisão que determinei que iria querer fazer as cirurgias necessárias para que viesse a sentir-me «eu» mesmo.

Hoje sinto-me orgulhoso de ter tido a coragem de avançar com todos os procedimentos essenciais que levariam diretamente ao meu bem-estar. É muito difícil viver dentro de uma casa que não nos faz sentir, de todo, que estamos em casa.

Lembro-me perfeitamente da minha primeira sessão com uma psicóloga para ser avaliado. Andei, durante um ano, nessas consultas e depois, aí sim, comecei a fazer o tratamento hormonal. Levou algum tempo para que as

mudanças fossem cada vez mais nítidas. O crescimento da barba, dos pelos em geral, foi um processo lento. Mas não tão lento quanto pensava que seria.

É essa a razão de ter de me deslocar até Coimbra. É essa a razão de a Solange me ter visto a apanhar um táxi, naquele dia, para levar a minha injeção e para ter uma consulta onde me explicariam os passos seguintes. O passo final que quero dar.



— Obrigada... A sério... Do fundo do coração... Obrigada por partilhares algo teu, algo tão pessoal comigo... — diz-me ela.

Apesar de não ter sido um livro totalmente aberto com ela, tenho a certeza de que, ao longo do tempo, vai chegar o momento em que essas mesmas páginas começarão a deslizar mais livremente, sem eu dar por elas.

— Sempre tive a intenção de partilhar isto contigo... sempre... Mas o receio da reação, dos pensamentos, do afastamento, de tudo... deixou-me inseguro.

Aproxima-se ainda mais e ficamos com os rostos a centímetros um do outro.

Quem me dera que a distância entre os nossos lábios fosse nula.

— Só quero que saibas que tenho a certeza de que nasceste com o propósito de provar à sociedade que o mais correto é seguirmos o que o nosso coração nos diz. E o teu coração mostrou-te o caminho.

— O meu coração mostrou-me o caminho até ti.

— Não digas isso...

Entendo que, apesar de lhe ter contado o que me andava a tirar o sono, ela ainda não me tenha perdoado pelas últimas semanas.

— Continuas chateada comigo? — Embora não goste dessa ideia, tenho de ser justo. E se for assim, só tenho de compreender o lado dela.

— *Chateada* não é a palavra certa. Diria que *magoada* se adequa mais. Sinto-me magoada, não por não me teres contado antes, mas por sentir que me descartaste quando percebeste que disse algo ou fiz algo que não ia ao encontro daquilo que tu querias ou de que precisavas.

— O meu afastamento não foi propositado, o que não é desculpa, atenção. Mas tinha receio de começar a sentir algo mais forte por ti, de que também sentisses o mesmo e que depois te desiludisse por ser quem sou. Só não queria

que saíesses magoada, mas agora sei que estás por eu ter feito exatamente o oposto, por nos termos afastado um do outro.

— Podemos combinar uma coisa? — pergunta-me.

Aceno-lhe com a cabeça.

— A partir de agora, tens de me prometer que vais ser sempre honesto comigo e que não esconderás algo que te atormenta só por teres receio da minha reação. Não quero que penses assim, nunca mais, está bem?

Detesto esta minha faceta por ter todos estes receios. É algo por que trabalharei todos os dias para melhorar. Não por ela, mas por mim. Trabalharei na minha confiança, na minha autoestima e sobretudo no meu amor-próprio. Quero ser uma pessoa melhor e mais feliz.

— Está mais do que combinado. — Volto a pegar-lhe na mão. Melhor sensação do que lhe tocar é saber que ela não me afasta.

Ela levanta-se e puxa-me com ela para que fiquemos em pé, frente a frente.

— Posso dar-te um abraço? — pergunta-me. — Devo dizer-te que tenho um orgulho inimaginável em ti. É preciso ter muita coragem... e muita força de vontade...

Sempre tentei ter. Por vezes é difícil, mas tento seguir sempre o foco.

— Claro que podes.

Aproximo-me para chegar, verdadeiramente, ao pé dela.

— Não, assim não. — Ela afasta-se. — Vou-te ensinar a dar um abraço como deve ser.

Começo a rir-me para ela, enquanto admiro o sorriso que consigo ver-lhe no rosto.

Abraço como deve ser?

— Mostra-me lá, então.

Aproxima-se novamente e o meu corpo ferve em poucos segundos.

— Devemos entrelaçar os braços um no outro na direção do nosso coração. — Não percebi. — Eu mostro-te.

Ela vem em direção a mim com os seus braços e quando dou por mim, tenho o meu coração junto ao coração dela. Provavelmente, já abracei assim alguém, mas nunca dei a devida importância. Hoje, começa a ter um significado novo para mim.

Ficamos assim durante algum tempo.

É tão bom sentir o seu corpo tão perto do meu. É tão bom cheirar o seu cabelo, o perfume entranhado na pele do seu pescoço. Acho que se tornou o meu cheiro preferido.

Quem me dera que nunca tivéssemos de nos largar.

— Quero que saibas que me sinto muito atraído por ti... Sinceramente, é muito mais do que atração, mas receio que, agora, sejas tu a afastares-te de mim se eu te disser como gosto de ti. Por isso, prefiro mil vezes mostrar-te. — Olho para ela. Quero avançar. — Se tu o permitires, claro.

As nossas caras estão quase coladas.

Esta miúda é de me tirar o fôlego.

— Nunca surgiu a oportunidade de te dizer isto com todas as palavras, mas eu também sinto o mesmo, também gosto de ti. Na verdade, assusta-me saber que se continuarmos assim, o sentimento que tenho por ti irá aumentar exponencialmente... — Isso agrada-me tanto que não existe explicação para tal.

Os meus lábios vão ao encontro dos dela.

É automático, como se uma força da natureza me puxasse até à pessoa que está à minha frente.

Mas não. É apenas ela.

Depois de tantos dias a imaginar qual seria a sensação de mergulhar nos seus beijos, posso dizer que não existe comparação entre a realidade e a imaginação. Adoro sentir os seus lábios finos nos meus. Adoro sentir a sua língua na minha. Adoro que ela não se retraia quando a agarro pela cintura para tornar o beijo ainda mais intenso. Adoro que ela corresponda à minha fogosidade.

As nossas bocas descolam-se quando precisamos de recuperar o fôlego.

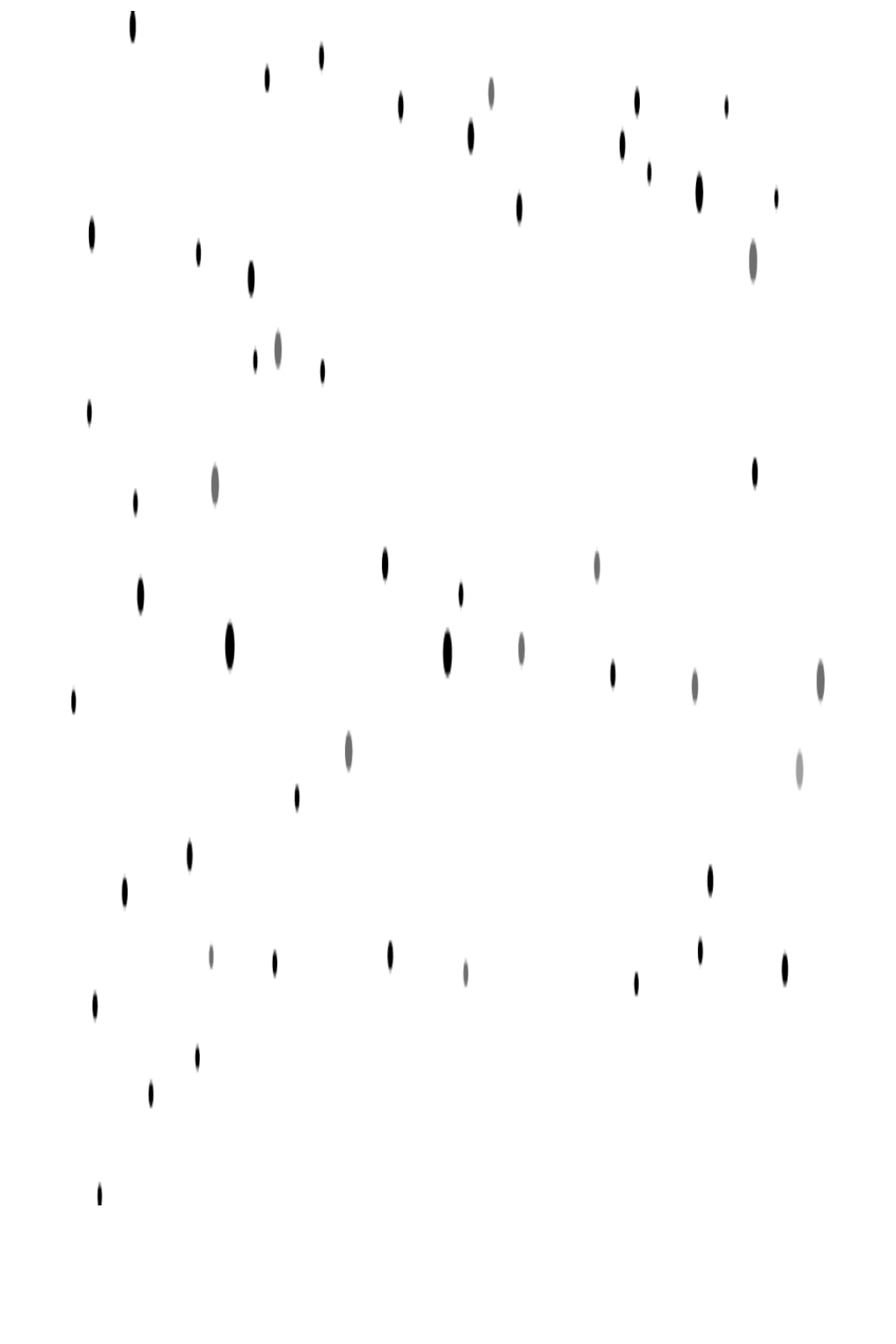
Maldita respiração.

— Não quero que penses que estou a apressar as coisas... Mas tenho vontade de te perguntar isto há algum tempo... Não precisas de responder já, se não quiseres. Mas... — Meu Deus. Estou mais nervoso do que o caralho. — Queres namorar comigo?

O sorriso dela responde por si só.

Sinto uma alegria tão grande que nem consigo parar de rir.

— Isso é pergunta que se faça? — Agora é ela que me está a provocar. — Não quero desperdiçar nem mais um segundo sem ti.



Segunda Parte





Domingo, 23 de abril

Ano novo. Vida nova.

E, muito honestamente, não me lembro se entrei com o pé direito.

O inverno desapareceu — finalmente — e deu lugar à melhor altura do ano, a primavera. Apesar de ser algo que me dá bastante prazer vivenciar, é assustador como o tempo passa a correr.

Já passaram alguns meses desde que fui pedida em namoro e não podia estar mais feliz por ter tomado essa decisão. Confesso que nem precisei de pensar, porque sabia que era o que queria para mim. Embora me tenha sentido magoada com ele, consegui colocar-me no seu lugar e perceber muito bem os motivos que o levaram a afastar-se de mim.

Na minha opinião, uma pessoa só compreende realmente o outro lado quando passa pelo mesmo. E, ainda assim, cada pessoa é uma pessoa, ninguém vive da mesma forma. O que devemos tentar fazer é compreender o outro e o que nos quer transmitir.

E é isso que tento fazer com o David.

No momento em que ele me contou que é trans fiquei estupefacta, da forma mais positiva possível. Eu sabia que ele era especial, mas não *tão* especial, porque a coragem que ele tem dentro de si não tem fim. A verdade é inteiramente essa. Não há nada como uma pessoa seguir o que o seu coração diz, não há nada como perceber que esse mesmo coração, tendo estado estilhaçado durante tanto tempo, começa a unir-se, aos poucos. Pedacinho por pedacinho. É claro que não é de um dia para o outro, mas acontecerá, de qualquer das formas, com calma, com tempo e com muita paciência.

Infelizmente, algumas pessoas são más. A sociedade tem a mente fechada. A partir do momento em que sabem da existência de alguém que é diferente, passam a maltratar e a desprezar esse alguém como se não pertencesse a este mundo. E é por isso que eu digo que é preciso uma coragem enorme para avançar com tudo isto e enfrentar essas bestas que existem por aí.

Às vezes, durante a noite, ponho-me a pensar e percebo que tenho muito

medo de fazer parte dessas bestas. Tenho receio de não pensar antes de falar e de dizer algo que possa magoar o outro. E não é só relativamente a este tema em si. É em relação a tudo. Se há coisa que eu percebi ao longo dos anos é que devemos tratar os outros da forma que gostaríamos de ser tratados, independentemente da sua história, das suas vivências, das suas diferenças. Independentemente de tudo.

O que é ser *diferente*, hoje em dia? Porque provoca tanto medo? Tanto ódio? Tanto desprezo? Quando deixamos uma marca em alguém não é por sermos de uma família de renome, não é por sermos bonitos ou feios, não é por usufruirmos de bens materiais que os outros não têm capacidade para tal. Quando marcamos alguém é pela nossa personalidade, pelos nossos pensamentos, por tudo aquilo que vai fazer diferença na vida daquela pessoa. E quando manifestamos esses mesmos fatores, de uma forma positiva ou negativa, marca sempre alguém.

E é por isso que o David deixou uma marca em mim, desde o início. Por fazer a diferença na minha vida. E faz cada vez mais, porque sei que é uma pessoa que não desiste de lutar por aquilo que quer, por aquilo que quer para a sua vida.

É isso que tenho vindo a sentir ao longo destes meses de namoro. Sinto-me muito orgulhosa dele, mas nem sempre é tudo um mar de rosas. Eu tenho receios. Ele tem receios. Tenho um pavor gigante de dizer algo, inconscientemente, que o possa magoar. Tenho receio de não ser o que ele quer, de não ser aquilo de que ele precisa, de não corresponder às suas expectativas.

Sei que irá chegar a altura de avançarmos na relação. Chegará o momento em que ele quererá conhecer os meus pais. Chegará o momento em que daremos aquele passo. Aquele passo que vocês sabem... Sexo. E, mais uma vez, não consigo suportar a ideia de não corresponder às suas expectativas. Não quero que ele chegue à conclusão que errou terrivelmente ao pedir-me em namoro.

Sou mesmo muito feliz com ele. Nem me lembro de haver alguma situação da minha vida que me tivesse feito tão feliz como neste exato momento.

Não.

Isso não é verdade. Eu e o meu subconsciente sabemos que existe, mas preferia não saber ou não me lembrar.

Hoje pensei nela. Já não acontecia há algum tempo... Será que foi um acaso? Será que foi um sinal? Nos primeiros tempos de universidade, o simples facto de a sua imagem surgir na minha cabeça era algo comum. Eram

muitas inseguranças num contexto completamente novo e desconhecido para mim. E também não conhecia ninguém. Acredito que, nessa altura, esses devaneios tenham aparecido para eu conseguir sentir-me mais em segurança.

Hoje posso dizer que me sinto muito melhor. A todos os níveis. Mas quando menos espero, ela aparece, sem a minha aprovação, nos meus sonhos. Não é que não goste, mas tudo isto deixa-me a pensar que, provavelmente, não quer que eu me esqueça dela, o que seria impossível. Mas já está mais do que na hora de seguir em frente com a minha vida.

Será que poderei avançar sem contar a verdade ao David? Sem contar que, em tempos, me sentia interessada por ela? Sem encerrar, de facto, esse capítulo?



Sinto-me como se um caminhão me tivesse passado por cima. Dói-me tanto a cabeça que mal consigo abrir os olhos. Parece que estou a levar marteladas no cérebro. Não consigo ver muito bem e isso deve-se ao facto de ter uma mancha negra no rosto. Posso não conseguir verificar o que é, mas consigo, sem sombra de dúvidas, sentir. Está a escorrer pela minha cara abaixo. Toco para ver o que é e assusto-me quando reparo que é sangue, de uma cor escura e sombria que me aterroriza.

Não sei o que se passa. Lembro-me de estar à conversa com a Luana na cama dela, mas sinto que passaram mil anos desde então. Parece que o que ocorreu em escassos minutos foi um momento de grande distância. Não sei o que aconteceu e, principalmente, como aqui cheguei.

Estava no quarto com ela, por isso, sei com toda a certeza que não saí de lá pelos meus próprios pés. E não me lembro de ter vindo para aqui. Como raio vim parar cá fora?

Oh, meu Deus.

A casa da Luana está a arder. As minhas melhores lembranças estão a arder. Tento levantar-me para conseguir fazer alguma coisa de útil, como salvar a minha melhor amiga e os seus pais. Forço o meu braço direito para me levantar, mas não adianta. Não consigo sair daqui. Estou com imensas dores na perna e não paro de sangrar.

— Por favor! Alguém! Alguém que nos ajude! — Estava com esperança de que alguém me ouvisse, mas depressa a perdi.

Continuo a gritar, mas ninguém me ouve. Suplico, mas continua a não ter efeito. Só quero que esta merda pare. Tem de parar. O cão da Luana não para de ladrar. Espero que alguém nos oiça no meio deste caos. Ele está tão aflito como eu, ou mais. Consegue, com toda a sua força, rebentar com a corrente que o prendia. Corre lá para dentro até não poder mais. Só tenho tempo de gritar por ele. Não quero que aconteça nada a nenhum deles. É incrível como num primeiro instante estamos todos tão bem e, de repente, as coisas transformam-se num horror, de um momento para o outro.

— Solange! Solange! — Oiço uma voz, mas não consigo ver quem é. Deve ser algum dos tios da Luana.

— Aqui! Estou aqui, no quintal! — Estou tão aflito.

O tio dela vem a correr desesperadamente. Quando chega ao pé de mim, nem consegue falar por ter perdido o fôlego.

— O que se passou? Porque é que a casa do Joel está a arder? — Nem espera que eu responda. Sinceramente, nem sei a resposta. A única coisa que sei é que ele correu disparado para dentro daquele terror. Só tenho vontade de vomitar com todas as voltas que o meu estômago dá.

Estou aterrorizada. Quero ajudar o máximo que puder, mas o problema é que não consigo sair daqui, não consigo levantar-me.

— Solange! — Outra pessoa gritou por mim. Desta vez, consigo perceber que é a tia dela.

Já quase me esquecia de que a Luana tem como vizinhos toda a sua família da parte do pai.

— Por favor, ajude-me! O seu irmão meteu-se ali no meio! Temos de o ajudar!

Ela, pelas suas expressões, ia dizer alguma coisa, mas acaba por não o fazer, porque vê que ele, finalmente, sai dali. Está todo sujo com o fumo que se instalou por ali dentro.

— Não consegui encontrá-los... É muito fumo... Não consigo ver nada... — Começo a chorar quando ouço isto.

— Então e a Luana? — É a única pessoa em quem consigo pensar neste momento.

— Solange... Eu não encontrei a minha sobrinha...

Estou em choque.

Ouçó-os a telefonarem para as emergências, observo o avô dela a chegar o mais rápido possível, dentro daquilo que consegue, farto-me de olhar de um lado para o outro e só tenho a certeza de uma coisa: quero desaparecer.



Segunda-feira, 24 de abril

Mais um sonho em que a Luana aparece e não o David.

Mais um sonho que me faz sentir extremamente culpada por sonhar com tudo o que não devia.

Sei bem que o meu subconsciente é tramado e que adora pregar-me todo o tipo de partidas, mas porque se lembraria de algo assim? Porque se lembraria de me atormentar desta maneira?

Eu não mereço.

Não me sinto bem ao lembrar-me do passado... Principalmente por ter tantas incertezas na minha cabeça. E se ela estivesse viva? Estaria eu com o David? Estaria eu a estudar em Leiria e ela noutra cidade? Estaríamos a estudar juntas?

São tantas perguntas... E ao longo dos anos foram-se formando cada vez mais, porque sempre fui uma pessoa que necessita de todas as respostas possíveis. Mas, atualmente, sinto que já não posso esperar, passado todo este tempo, obter as explicações que tanto desejo.

Acho que a minha mente me quer transmitir alguma coisa. Sinto que não poderei seguir com a minha vida se não contar a verdade sobre a Luana, sobre o que ela era para mim, sobre os sentimentos e as sensações que ela me despertou.

Não posso continuar a viver o meu dia a dia como se nada fosse. Não posso continuar a olhar para ele como se fosse a primeira pessoa pela qual nutro sentimentos mais profundos do que uma simples amizade. Não posso continuar sem lhe confessar uma parte tão importante da minha vida.



— Solange? — Ouço alguém a chamar o meu nome. — Alô? — Continuo perdida. — Solange, estás a ser chamada à Terra!

Desperto, finalmente, dos meus pensamentos e lembro-me de que vim «beber café» com as minhas colegas de turma. Em dias normais consigo entrar, muito facilmente, na conversa. E até costumo ajudar à festa, mas hoje não é um dia normal.

— Estás bem? — pergunta-me a Catarina.

Nestes últimos meses, tenho conseguido conhecer muito bem estas raparigas que fazem parte do meu dia a dia. E adoro o facto de cada uma delas ser tão diferente, mas que de muitas formas me completam.

A Rita é e será, para sempre, a minha Ramusguinha. É aquela pessoa que solta a gargalhada mais histérica e ao mesmo tempo divertida. Adoro o facto de ela estar sempre pronta a ouvir os outros e de ajudar todas as pessoas que lhe aparecem à frente, se bem que este último fator me irrita um bocado, porque às vezes, eu e as outras temos de chamá-la à atenção para não ser ingénua ao ponto de dar tudo o que tem a pessoas que não valem a pena, que não valem o sacrifício.

A Andreia é a minha companheira para todas as horas. É a pessoa que alinha em todas as minhas parvoíces. Comecei a dar-me muito melhor com ela quando tive a belíssima ideia de me aproveitar da sua boleia. Se há algo que me dá bastante gozo é chegar-me tão perto dela que consigo cheirar o champô que usa e, no fim, dizer-lhe como estou orgulhosa por saber que ela toma banho. É transparente. É sincera. Talvez até possa vir a doer, mas não interessa, porque saberei que tenho sempre honestidade da parte dela.

A Catarina é a mãe do grupo. É a pessoa mais preocupada que existe. Não só connosco, mas com todos os que existem à sua volta, mesmo não tendo uma grande relação de proximidade. É a pessoa que aparece de surpresa à minha porta para me fazer companhia nas noites em que a Dilivia viaja para outro quarto. É aquela pessoa que demonstra mesmo interesse em mim, em tudo o que digo e que tenta aconselhar-me da melhor forma possível. Não existem palavras para ela. Não existem palavras nem gestos para agradecer o que ela é comigo.

São três colegas de turma que entraram muito mais do que na minha vida. Entraram no meu coração e entraram para ficar.

— Estou ótima. — Como tenho coragem de mentir à descarada à frente delas? — Então e vocês?

As três, ao mesmo tempo, empurram os seus óculos para a ponta do nariz com cara de desconfiadas a olharem para mim. A Catarina e a Rita têm os

óculos que usam no dia a dia. Já a Andreia, *sendo a Andreia*, está a usar óculos de sol às onze da noite.

Solto uma gargalhada. É tão bom rir-me com vontade.

— Vá, desabafa lá... — começa a Andreia. — Já sabes que nos podes contar o que te apoquenta...

Pondero se devo, ainda que confie nelas e esteja mesmo a precisar de desabafar.

— Tem a ver comigo e com o David...

— *Ahhhhhhhhhh!* — O êxtase é notável. — Conta! Conta! Conta! — A Andreia é um espetáculo. Faz-me rir ainda com mais vontade, embora o tema sobre o qual estou prestes a falar me deixe um bocado desconfortável.

— Não existem grandes coisas para contar... Mas ando insegura em relação a...

Elas parecem trigémeas.

Colocam os cotovelos em cima das mesas e apoiam os queixos com as mãos. Estão à espera de que eu desbobine tudo o que tenho cá dentro.

— A verdade é que eu tenho vontade de avançar... Ele tem vontade de avançar... Mas... ainda não aconteceu...

A euforia instala-se na nossa mesa. A Andreia exige que eu conte tudo, a Rita transforma-se num sorriso maroto e a Catarina, para meu espanto, está totalmente calada. Até chega a ser confrangedor.

— Quero muito fazer sexo com ele. Quero tanto que sinto que estou a ficar doida, mas a realidade é que nunca fiz...

— E que mal é que isso tem? — continua a Andreia. — Há uma primeira vez para tudo!

Começo a sorrir.

Lembro-me de que não partilhei que o David é trans. Confio muito nelas, mas não é um assunto meu para partilhar. É um assunto apenas e unicamente dele.

— Sim, eu sei, mas não faço ideia do que terei de fazer... E o meu maior receio é não corresponder às expectativas dele... — É a mesma conversa da treta, eu sei, mas não me sai da cabeça.

— Não podes ter esses pensamentos — diz a Rita. — Quanto mais pensas assim, pior é. Deixa-te ir. Quando tiver de ser, será. E acontecerá da forma que tiver de ser. — Adoro a tranquilidade que me transmite.

— Então e como é que foi a vossa primeira vez? — Espero não estar a querer saber de mais, mas elas, por vezes, são tão desbocadas com certos assuntos que nem sei como interpretarão a minha pergunta.

O nível de constrangimento aumenta.

— Eu sou virgem — diz a Andreia.

— Eu também — continua a Rita.

Uau a dobrar.

Espero que a Catarina se manifeste, mas ela decide continuar calada. Que sensação estranha.

— Obrigada por partilharem isso comigo. Fazem-me acreditar que ainda existem pessoas, não querendo ofender ninguém, que não vão para a cama só por ir...

— Não é que não me apeteça, atenção! — diz a Andreia. — Mas, sim, não o faço nem o farei pela constante pressão que existe por parte dos outros. Só o farei quando me sentir à vontade para tal, nunca será pelo simples facto de ouvir burburinhos idiotas sobre como «já está mais do que na hora» por ter 22 anos.

E quem fala assim não é gago.

— Concordo absolutamente contigo! Não diria melhor. — Olho para o meu lado direito. — Então e tu, Catarina? O que tens a dizer sobre o assunto? Isto se tiveres algo a partilhar, claro. E se te sentires à vontade...

— A única coisa que tenho a dizer é para teres cuidado para não saíres magoada.

Como assim?

— Para não sair magoada?

— Sim. Estás há quanto tempo com ele, afinal?

Que arrogância é esta?

— Não ando a contar os meses pelos dedos, se é isso que queres saber... — Já me estou a enervar.

— Tens a certeza do que sentes por ele? Tens a certeza de que queres perder a virgindade com uma pessoa que, praticamente, não conheces?



Terça-feira, 25 de abril

— Queres vir jantar comigo?

Depois de uma longa chamada, para dizermos o quanto gostamos um do outro, decide fazer-me esta proposta irrecusável.

— Claro! Se puder aproveitar todos os momentos, por mínimos que sejam, contigo... — Lá está a pirosice do costume. No que é que ele me está a transformar? Socorro.

— Digo o mesmo! — As borboletas na minha barriga têm vindo a tornar-se cada vez maiores com o passar dos meses. — Então... e se for eu a cozinhar para ti? Que tal jantarmos no meu quarto?

Oh, meu Deus. *Que tal jantarmos no meu quarto?*

Primeiro, adoro que ele queira cozinhar para mim. Está muito à vontade. Nunca me iria oferecer para fazer o mesmo, porque sou a pior cozinheira que pode existir. E não, não sou péssima apenas ao ponto de deixar cair mais sal do que devia ou de deixar cozer demasiado. Não. Sou péssima ao ponto de envenenar alguém com a minha comida.

Segundo, ele quer que eu vá jantar ao quarto dele. Será apenas um jantar inofensivo? Ou uma investida da sua parte? Porque gosto muito mais da segunda opção.

Esta é a vertente tarada que existe em mim. Adoro quando ela assume o poder, mas depois também não me consigo esquecer de que a vertente insegura adora assumir o controlo. E, na maioria das vezes, acaba por conseguir o que quer. Acaba por me deixar a pensar demasiado no que não devia.

O David é muito melhor do que eu a expressar o que sente, e adoro que ele não tenha nenhum problema nisso. Não que eu seja propriamente fria, mas não sou tão carinhosa como gostaria de ser. Ele tem-me provado todos os dias como se arrepende daquele afastamento repentino. Estou farta de lhe dizer que não precisa de me provar nada. Só preciso que ele continue a gostar de mim e que não pense que cometeu um erro ao querer envolver-se comigo,

porque o meu maior medo no meio disto tudo é que ele me deixe, que desapareça de um momento para o outro. Às vezes, pergunto-me como é que uma pessoa tão boa como ele viu algo em mim.

O amor tende a aparecer quando ainda não percebemos que é efetivamente amor. É quando o demonstramos de todas as maneiras possíveis que não sejam por palavras. É bom dizer *amo-te*, é bom ouvir *amo-te*, mas é muito melhor sentir e demonstrá-lo. E é tão prazeroso quando isso acontece sem nos apercebermos, é a forma mais genuína de sentir o amor.

É isso que tem estado a acontecer comigo em relação ao David. Eu amo-o, mas nunca lho disse. Porque sempre achei que não era necessário, porque tenho a certeza de que ele sabe sem ser preciso verbalizá-lo. Nestes últimos meses, temos vindo a conhecer-nos um ao outro. Cada vez mais. E os defeitos não ficam fora da lista. Amo-o por saber que, com todas as suas imperfeições, o escolho acima de qualquer pessoa. Por saber que penso nele quando acordo e quando me deito. Por saber que vamos para os bancos das residências à noite, para olhar para o céu e respirar ar puro, com o intuito de fazer uma pausa nas nossas vidas, mas juntos. Amo-o por simplesmente saber que ele é assim.

— Então e o Ailton? Ele não vai estar no quarto?

— Não. Temos o quarto por nossa conta...



— Quando é que tencionas contar-lhes? — Deixo, automaticamente, de cortar o hambúrguer maravilhoso que estava prestes a comer. Estou espedada a olhar para ele.

Os receios tornam-se mesmo reais.

Eu sabia que esta conversa iria chegar.

Mais tarde ou mais cedo, iria chegar.

— Como assim? Não estou a entender... Não estou a entender o que queres dizer com isso... — Estou, mas prefiro fazer-me de desentendida.

— Solange, tu sabes bem do que estou a falar... Já estamos juntos há algum tempo... Não é muito, mas... — Ele suspira. Provavelmente já andava a conter esta conversa há algum tempo. — Quando é que te passará pela cabeça contar aos teus pais? Sobre nós?

Quando começámos a namorar decidimos não contar nada aos meus pais.

Pelo menos, nos primeiros meses. Principalmente para tentarmos perceber aonde é que iríamos chegar. Eles sabem que somos amigos e que saímos juntos várias vezes. Eu sei que eles não são cegos, embora, por vezes, gostasse que fossem. Tenho consciência de que para o David possa parecer suspeito, e não posso fingir que ele não faz parte da minha vida. Porque faz. Só não quero ter esta conversa ainda. Não quero sentir-me pressionada por ele, nem por ninguém. A pressão que coloco em mim mesma já é grande e má o suficiente.

— Não sei, David. Não sei. — Olhamos um para o outro. — Não quero que penses que sinto vergonha de ti. Acredita que não é nada disso... Mas eu sei que quando eles souberem de ti... vai ser... — Penso no que quero dizer antes de falar. — Quero acreditar que não, mas tenho receio de que eles façam parte daquele grupo de pessoas que não reage da melhor forma... — Agarro-lhe na mão. — Entendes o que estou a querer dizer? Não quero que penses que estou ralada com o que os meus pais pensam ou deixam de pensar. Apenas quero que saibas que quanto mais depressa eles souberem da verdade, mais depressa o nosso sossego desaparece.

Custa-me tanto dizer isto, mas é o que sinto.

— Desculpa. Desculpa ter tocado neste assunto, mas como nunca tínhamos falado sobre isto... queria mesmo saber o que pensavas... — Respira fundo. — Queria mesmo.

Aperto-lhe a mão. Gosto tanto do facto das nossas mãos encaixarem perfeitamente uma na outra. É muito foleiro, eu sei, mas é a porra da verdade.

— David, tu não tens de pedir desculpa de nada. Acredita no que eu te digo. Nada, mesmo. Só não quero que andes a pensar coisas que não são verdadeiras... — Eu agarro-lhe no queixo para ele olhar diretamente para mim. — O dia em que contarei aos meus pais irá chegar. E vais ver que ainda vai ser mais depressa do que pensamos. — Noto que ele gosta de me ouvir a falar assim. — Já agora... Já que estamos a falar nos meus pais... Chegaste a contar ao teu pai sobre nós?

Ainda não o conheço. É muito raro o David falar dele. Quando acontece, sou eu que trago o assunto à baila, mas, para dizer a verdade, não me faz confusão nenhuma. Quando ele sentir que quer partilhar mais sobre o pai, sobre a sua vida ou seja o que for, eu estarei aqui para ouvir.

— Ele sabe. — Os meus olhos brilham. Não estava à espera desta. — Ele está a par de tudo... mas concordo contigo. — Com o quê? — Concordo que devemos esperar. Não há que ter pressa. Acho melhor deixar passar mais algum tempo, para que se conheçam... oficialmente.

Eu aceno com a cabeça, radiante. É tão bom estarmos em sintonia.

— Ainda bem que concordamos um com o outro — digo-lhe. — Tudo a seu tempo.



— Então... e o que é que andaste a fazer durante a semana? — Pisca-me o olho. — Visto que não me tinhas para te entreter...

É verdade, esta semana foi bastante complicada. Estava a ver que as frequências nunca mais acabavam.

Rio-me com a sua pergunta descarada. Adoro que ele seja assim comigo.

— Olha... Se queres que te diga, passei a semana inteira a ler os livros que me faltavam de uma das minhas autoras favoritas.

Ele ri-se. Não parece nada surpreendido, pois sabe bem que estou constantemente a ler.

— Então e qual é a tua apreciação final?

— Não é óbvio? — Dou uma gargalhada. Quando falo de livros pareço uma miúda a andar nos carroséis. — É claro que adorei. É algo que nunca estará em questão, porque eu gosto de tudo o que aquela mulher escreve. Tudo! Tenho a sensação de que o primeiro que li... será sempre o primeiro, sabes? É como o nosso primeiro amor... Nunca se esquece.

O receio de lhe estar a dar a maior seca da vida dele desaparece quando noto no seu olhar o interesse que ele tem ao ouvir-me.

— E qual foi o primeiro livro que leste dessa autora?

— Foi o *9 de Novembro*. E sabes uma coisa? Às vezes, gostava de nunca o ter lido. Ou de ter uma memória de peixe, porque assim esquecer-me-ia dele e poderia lê-lo novamente, como se fosse sempre a primeira vez...

Ele sorri.

— O que é que esse livro tem de tão especial? O que é que o torna tão diferente de todos os outros?

— Nem eu própria te sei dizer... — Começo a pensar. — Não sei se foi pelas personagens... não sei se foi pela escrita... não sei se foi pela história em si... Só sei que me marcou de tal maneira que, até hoje, nunca mais o esqueci.

Ele levanta-se da cadeira, após ter terminado o seu jantar, e puxa-me para ele. Ficamos em pé e tudo acontece num espaço de segundos, porque quando dou por mim, está a agarrar cada centímetro do meu corpo.

Os seus lábios roçam nos meus numa carícia suave, provocando-me arrepios por todo o corpo, deixando-me desesperada por mais. Mesmo que eu quisesse afastar-me, *o que não quero*, não conseguiria. Sinto-me paralisada pelo seu toque. O espaço entre nós esfuma-se, fazendo-me sentir que a temperatura do meu corpo aumenta. Os lábios dele tornam-se mais exigentes e os meus entreabrem-se para que ele tenha a oportunidade de me explorar devidamente. As nossas línguas mergulham uma na outra, criando uma dança provocadora, atizando o desejo que já sinto por ele há muito tempo. As minhas pernas fraquejam e não tenho mais nada onde me segurar, a não ser nos seus braços.

Que beijo maravilhoso. Que beijo tão diferente de todos os outros.

— O que é que estás a fazer?

— Não imaginas o quanto me excitas quando falas dos teus livros, das tuas histórias, dos vários mundos em que vives...

Caralho. Não é isto o sonho de qualquer leitor?

— E tu queres saber o que é que me excita mais em ti? — Se ele me confessou, também lhe quero confessar. — Essa cicatriz que tens aí...

Um sol.

E como me sinto bem-disposta e atrevida o suficiente, começo a depositar-lhe alguns beijos. E a minha língua, sem vergonha nenhuma, nem pede autorização para sentir o sabor da sua pele, do seu pulso. Faço-o, porque posso.

— Lembras-te de te dizer que temos de seguir a luz que a vida nos dá? — Mordisco-lhe o pulso. É a minha forma de responder afirmativamente à sua pergunta. — Mesmo que em todos os dias que passem por mim a lua possa parecer não iluminar a meu favor, eu sei que terei sempre a minha Sol a olhar por mim.



Terça-feira, 25 de abril

Sempre tive um carinho especial pelo poder das palavras e por tudo aquilo que cada uma simboliza, por todas as histórias que cada uma carrega, por todas as emoções que em mim despertam. O ser humano expressa o que sente, o que ama, o que vive através do uso exacerbado das palavras. Contudo, ao ouvi-lo falar, as palavras saídas da sua boca ganham uma tonalidade diferente. Ele atribui um novo significado a cada gesto, a cada sílaba que pronuncia enquanto fala comigo. A última frase que acabou de partilhar é tão bonita, tão sentida. Jamais alguém partilhara algo tão íntimo comigo.

Lentamente, de forma impercetível, aproximo-me dele. Preciso de sentir a sua presença, o seu cheiro, o seu calor. Aproximo-me do seu ouvido e deixo que da minha boca eu liberte o seu nome arrastado. *David*. A minha voz está rouca. Dentro de mim existe desejo e vontade de lhe tocar. Nunca imaginei que o meu corpo, frequentemente assustado, a lutar contra a ansiedade de me envolver com o mundo e de enfrentar a rotina, fosse capaz de sentir isto. Tantas sensações novas dentro de mim, que surgem de forma automática quando sinto a sua presença. Esta ânsia é tão grande que me causa sofrimento.

A minha mão sobe-lhe até ao pescoço, deliciando-se com o calor aprazível daquela pele. Subo mais um bocadinho e começo a sentir o raspar que o seu cabelo rapado causa na minha mão. Toda ela se arrepia. Mais do que qualquer outra parte do meu corpo.

A mão dele, pousada na minha anca, começa a deslizar lentamente em direção ao meu braço. Os seus dedos acariciam-no até chegarem ao meu ombro. E enquanto tudo isto acontece, fecho os olhos. É extraordinário como esta sensação só se amplia quando um dos nossos sentidos está adormecido. Ao fechar os olhos, sinto tudo de uma forma mais intensa. Absorvo melhor o cheiro fresco que provém dele, sentindo, também, o seu toque a queimar-me a

pele, deixando um leve rasto. Até a minha boca permanece irrequieta.

De repente, o meu queixo começa a ser pressionado com o seu toque maravilhoso. Leva-me a não ter outra escolha senão erguer o rosto. É a dica que recebo da parte dele para, finalmente, abrir os olhos e ver, exatamente, o que está à minha frente. O que está a acontecer.

— Tens a certeza?

Esta pergunta tem muito que se lhe diga, mas o olhar dele *é tudo*.

Ele não me olha nos olhos. Ele não observa os meus lábios nem tudo o que o conquista. Ele olha, *sim*, para a minha alma. Nunca pensei muito nisto, mas será possível duas almas encontrarem-se e saberem que sempre pertenceram uma à outra?

Por isso, sim, quero entregar-me a ele. E só a ele. Mais ninguém.

— Tenho.

Sorrimos, enquanto ele me abraça permitindo-me encostar delicadamente a cabeça ao seu ombro. Deixei a rádio ligada, aquela que me faz companhia sempre que sinto algumas saudades de casa e que me acalma enquanto o meu cérebro frenético circula a mil. O som liberta-se de forma suave, criando uma aura perfeita para o momento que sinto que está prestes a desenrolar-se.

O seu quarto possui um cheiro pouco familiar. Não cheira aos meus lençóis lavados, nem à brisa fresca que a Nazaré exala. Este quarto cheira a mudança. O típico cheiro académico, mobiliário sem história, sem uso pessoal. Um lugar pronto a ser habitado somente numa fase fugaz da nossa vida.

Contudo, esse cheiro vazio foi inundado pela sua presença. Todo o quarto possui um toque a lavanda fresca que me encobre os sentidos.

— Foda-se. Esqueci-me de uma coisa. — Assusto-me. Não estava à espera de ouvi-lo a falar assim de repente. — É só um segundo.

Ele abre a última gaveta da sua mesa de cabeceira muito rapidamente e tira uma meia comprida. *Para que raio serve aquela meia?* Acho que já começo a arrepender-me da minha decisão.

Ele corre até à porta, coloca a meia na maçaneta do lado de fora e de seguida fecha e tranca a porta.

Vira-se para mim e a sua cara de alívio é iminente. Desato a rir-me à gargalhada. Creio que seja por não perceber o que ele acabou de fazer e por estar a ferver com os nervos à flor da pele.

— Desculpa... Desculpa a minha interrupção — diz-me ele. — Mas não quero que ninguém nos interrompa. — Nem eu quero que isso aconteça. Ainda bem que ele se antecipou.

Ele volta a agarrar-me com a mesma intensidade de há bocado. Indica-me o caminho até si, como se eu não soubesse.

— Cheiras tão bem... — sussurro ao seu ouvido, enquanto me aproximo do seu pescoço. Quero enchê-lo de beijos, mas subitamente sinto pudor e velhas inseguranças racionais a destruírem um momento altamente afetivo.

Esses devaneios são substituídos pelo seu toque, ligeiramente acanhado. Adoro o facto de nos desejarmos, de querermos estar perto um do outro, mas estarmos ambos reticentes com o que estamos a fazer. Ele começa, então, a depositar beijos no meu pescoço, arrepiando-me por todo o corpo. Agarro a parte de trás das suas costas, na tentativa de conseguir manter-me em pé.

— Posso dizer o mesmo sobre ti... O teu cheiro deixa-me louco... *Tu* deixas-me louco. — Sorrio com a sua revelação e deparo-me com os seus olhos a mirarem-me o rosto. O seu olhar é intenso, o que me faz sentir despida, como se a minha alma estivesse descoberta e pronta a ser protegida por ele.

Quero prolongar este momento para sempre. Não quero sair deste quarto e enfrentar a realidade. Nunca me senti assim. O seu toque é lento e demorado. As minhas mãos agarram-lhe a t-shirt e os meus lábios demoram-se com as carícias que espalham no seu pescoço. E como neste momento me sinto capaz de tudo, exploro mais um pouco com o atrevimento de morder a sua orelha. Ouço-o gemer involuntariamente, e saber que ele sente o mesmo que eu excita-me tremendamente. A expectativa do que pode acontecer esta noite é o que torna tudo tão especial. É o que alimenta todas as nossas ações. Aguardei tanto tempo para sentir esta ligação emocional e física com alguém e, honestamente, nunca pensei conseguir.

A mão dele toca-me ao de leve no peito, por cima do meu vestido. Sinto-me estupendamente estimulada. Como é possível ser assim tão bom? Não me posso esquecer de que estou coberta de tecidos que amortecem, de alguma maneira, o seu contacto. Tomei a decisão, há pouco tempo, de pôr creme no corpo todas as noites. É uma forma de me fazer acreditar que cuido de mim, embora seja uma tentativa falhada. E quando deposito uma quantidade generosa nos meus seios, não sinto metade destes calafrios.

Estamos a gemer compulsivamente e o ar escapa-me dos pulmões. A roupa incomoda-me, mas agrada-me que ele se aperceba de que, juntamente com ele, me quero despir. Não sinto vergonha. Ou tento não sentir, pelo menos. Sinto, sim, o enorme desejo de tê-lo mais perto de mim.

Agarra-me na anca e deposita-me delicadamente na sua secretária sem cessar os seus beijos. Beijos esses demorados, que logo dão lugar a lábios

húmidos, sedentos de toque e presença.

— David... — Sussurro ao seu ouvido, gemendo automaticamente.

— Solange... — Sussurra com o intuito de me espicaçar ainda mais.

Os seus braços erguem-me, fazendo com que dois cadernos e uma dúzia de canetas caiam ao chão de rompante. Entreolhamo-nos e desmanchamo-nos a rir, enquanto ele coloca os meus pés no chão. Tropeço nas suas pernas e caio na cama, estatelando-se ele por cima de mim. Para alimentar a situação embaraçosa, ele deposita-me leves carícias na barriga.

Apesar de saber tão bem, não conseguindo evitar rir-me de forma tão incontrolável devido às cócegas, temo quebrar o momento que estamos a experienciar. Mas não. Ele junta-se a mim e vislumbro a sua face descontraída. Ele é tão bonito e de certa forma tão familiar. Como é possível? Detém uma beleza singular.

A forma delicada com que absorve o mundo inspira-me. A sua preocupação com os outros, o seu altruísmo, atrai-me.

— Oh... Tu tens cócegas? — Nem tenho tempo para acenar com a cabeça.

— Deixa-me ver aqui. — Diz ele, tocando-me nas axilas.

Expludo de regozijos espontâneos.

— Oh, meu... para, para, para! David, para!

Rimos demasiado até se instaurar novamente aquele ambiente. O desejo oculto que nos consome. A intensidade da combinação dos nossos odores, toques inexperientes, lábios humedecidos, sons involuntários. Tudo atingiu um nível demasiado intenso e transformamo-nos em toques e carícias prolongadas. Tento despi-lo, porque é o que mais quero no mundo, mas ele não me permite.

Afasta-se um bocado para, finalmente, começar a olhar para mim. Para começar a olhar para o meu corpo.

Agora, sim, está faminto.

Sinto as suas mãos a pegarem nas pontas do meu vestido, fazendo com que ele deslize ao longo do meu corpo. Ele puxa-me o vestido pelo pescoço e fico sentada de frente para ele, apenas de lingerie. Não é grande coisa, mas adoro sentir-me sensual. E, ironicamente, sinto-me ainda mais por saber que estou toda descabelada.

— És tão linda, Solange... Podia ficar a olhar para ti o dia todo...

— Gostaria de poder dizer o mesmo em relação a ti... — Pisco-lhe o olho. É a minha dica, por não me ter dado permissão para arrancar as roupas que parecem querer estar presas ao seu corpo.

— Tudo a seu tempo... Tudo a seu tempo...

Temos todo o tempo do mundo, não é verdade?

A noite é nossa. Quero congelar o tempo. Quero impedir que ele roube este momento de forma abrupta. Hoje não quero que existam relógios. Neste quarto o tempo é eterno. Só existo eu e ele. Mais ninguém.

Os meus pensamentos desorientam-se quando ele vem diretamente a mim.

Adoro a sua força de vontade para tentar desapertar o meu soutien à primeira. Desato-me a rir, quando percebo que isso não acontece. Rio-me ainda mais quando noto o seu corpo a soltar toda a sua frustração interior.

Ainda que goste tanto de o ver atrapalhado e embaraçado, tiro, então, o meu soutien. Não quero desperdiçar mais tempo com pormenores que, para mim, não interessam nada.

Desobedeço ao meu lado racional quando sinto os seus lábios quentes e ligeiramente molhados no meu seio, lambendo e sugando o mamilo com suavidade, provocando-me, ao mesmo tempo, um formigueiro. Como é possível alguém conseguir trabalhar tão bem com a língua? É um dom. Um dom que me enlouquece. Sempre que me masturbo, estimular os meus seios não é algo que me deixe totalmente satisfeita. É por isso que, neste mesmo instante, para além de me sentir verdadeiramente excitada, sinto-me chocada. Nunca pensei que fosse possível sentir todo este prazer.

Ele demora nesta troca de carícias entre os meus seios, deslizando, ao mesmo tempo, uma das suas mãos, extremamente quente, pela minha barriga. Todo o meu corpo arde de tão estimulado, enquanto a sua boca vai descendo pelo meu tronco.

— Gostas? — pergunta-me.

— Adoro... Por favor, não pares... — Nem consigo raciocinar.

Ele continua a acariciar-me até chegar à linha das minhas cuecas.

— Posso? — Levanto a cabeça, para conseguir olhar para ele. — Quero fazer-te sentir bem... — Os meus lábios humedecem. — Se te sentires à vontade, claro. Se achares que estou a avançar demasiado depressa, eu paro. Sem pressas. — Oh, meu Deus. Há uns minutos não sabia que era possível estar tão excitada como agora.

— Não! — Expludo. — Eu quero tanto quanto tu... Só que... — Eu devo ser mesmo estúpida. — Não é repugnante para ti?

— Repugnante? Dar-te prazer? O corpo de uma mulher é um autêntico enigma. Cada mulher reage ao toque de forma diferente. Eu quero tocar-te... quero sentir-te... quero inalar o teu aroma... quero conhecer cada canto teu... e, neste momento, estou morto por te saborear... — É possível atingir o orgasmo com o que acabei de ouvir? É que estou quase, quase lá. — O maior

prazer que me podes dar é saber que te dei o máximo de prazer possível. E do que depender de mim, farei de tudo para que isso aconteça. — Faz uma pausa. — Por isso... posso? — O seu olhar sedento deixa-me totalmente húmida e nervosa.

Não há nada mais íntimo do que me deixar revelar à frente de outra pessoa, de deixar transparecer todas as minhas fragilidades, todas as minhas inseguranças. Para mim, não há nada mais íntimo do que o sexo oral. É algo tão puro, tão verdadeiro, tão nosso.

Sinto os dentes dele a arranharem, ao de leve, a minha bexiga, com o intuito de agarrar no tecido das minhas cuecas. E arranca-as, com a boca, para fora das minhas pernas.

Ele olha-me nos olhos, enquanto me agarra na perna e me vai depositando beijos leves, da forma mais demorada possível, até chegar ao ponto a que tenciona chegar. Ele está a torturar-me. Quer que anseie, ao nível máximo, por aquilo que está prestes a acontecer. Pelo que eu quero que aconteça, mais do que nunca. Mais do que alguma vez desejei. Mais do que todas as vezes que me masturbei ao pensar nele e neste momento.

As minhas pernas afastam-se automaticamente quando ele decide colocar-se entre elas. O toque da sua língua no meu clítoris faz-me estremecer. Tudo isto é totalmente novo para mim. Adoro o facto de ele não permanecer sempre no mesmo ponto. Explora-me, até ao último centímetro, e experimenta diversas formas de me dar mais prazer.

— Podes fazer aquilo que fizeste há bocado?

— Isto? — Sinto a língua dele a passar várias vezes no mesmo sítio. — Ou isto? — Ele suga o meu clítoris, enquanto a língua o acaricia.

Caralho.

— Meu Deus... — Estou ofegante. — É isso mesmo... Por favor, continua...

Ele repete, repete e volta a repetir, enquanto eu endoideço mais a cada segundo.

— Não uses a língua com tanta força... Sabe muito bem, mas também me causa um certo desconforto — peço-lhe, e ele suaviza o toque.

Serei estranha por não estar calada num momento como este e estar a indicar-lhe o melhor caminho? Mas se não falasse, como descobriria ele do que gosto? Quero e necessito que ele faça o mesmo comigo.

Não sei qual é a sensação de estar no céu, mas sinto-me prestes a lá chegar. As suas mãos agarram as minhas pernas. Agarram-nas com firmeza. Não há nada que me provoque tanto, que me excite tanto, como uma pessoa ser

segura de si, daquilo que está a fazer. Não consigo resistir-lhe. Liberto suspiros e sinto o meu corpo a soluçar de prazer. Uma autêntica tortura dilacerante. Estou tão desligada de tudo o que é racional, que neste momento ele poderia fazer-me o que quisesse.

Atinjo o melhor orgasmo que alguma vez tive.

Arrasto a minha mão para cima do meu coração e reparo que ele está a mil. Que sensação tão boa, tão sem explicação.

Ele deposita beijos leves ao longo da minha barriga, do meu peito e quando chega aos meus lábios, deposita o beijo mais longo e molhado que alguma vez tivemos.

Contudo, um fim não se avizinha. Sorrio com malícia... Quero-o tanto.

Se ele pensa que isto acabou por aqui, está muito bem enganado.

Estou mais do que satisfeita, estou mais do que saciada. Na verdade, estou radiante por termos chegado a este ponto da nossa relação. Por isso, desta vez, sou eu que tenciono dar-lhe todo o prazer do mundo. Só espero ser tão maravilhosa quanto ele.

Agarro-me a ele e viro-o, com o intuito de ficar por cima dele. Nua. Apesar de estar igualzinha à forma em que estava há bocado, agora ele consegue ter uma visão completamente diferente. Estou em cima dele. E adoro, embora esteja a ser desconfortável sentir as suas calças de ganga por baixo de mim.

Está na hora de tirar tudo o que há para tirar, mas quero ter o mesmo cuidado que ele.

— Posso? — questiono-lhe, enquanto já estou com a minha mão a agarrar-lhe na t-shirt.

Ele retrai-se. Sinto que quer, mas que se sente, também, inseguro.

Muito inseguro.

Só quero dar-lhe motivos para acreditar que é a pessoa mais linda que já vi, a pessoa mais linda que existe. De todas as formas.

— Podes... — Ele está a fazer um esforço. — Com calma, está bem?

Assinto com a cabeça.

Começo, então, a despir a sua t-shirt e fico maravilhada com o quanto, tanto eu como ele, somos trambolhos. É preciso tanto embaraço para lhe tirar uma peça de roupa que, a meu ver, é a mais simples de tirar? Nem quero imaginar o embaraço que será para mim, quando chegar a altura de lhe tirar as calças.

Quando, finalmente, ele fica com o tronco descoberto, paro encantada a olhar para ele. Sinto os meus lábios a humedecerem, perdidos neste desejo constante de o sentir, por ver como ele é bonito.

— Meu Deus... Já olhaste bem para ti? — pergunto-lhe.

Aproximo-me dele e começo por lhe acariciar os ombros com as minhas unhas. Quero provocar-lhe o mesmo que ele me provocou a mim. Aproximo o meu nariz, porque quero sentir o odor que a sua pele emana. E começo a beijá-lo em todo o tronco e volto a olhar para ele como que a pedir-lhe permissão para acarinhar aquilo que quero, verdadeiramente, acarinhar. As suas cicatrizes.

Quero que ele perceba que as cicatrizes fazem parte da nossa história. Umhas são físicas, outras psicológicas. Só quero que ele perceba que merece tudo, como qualquer outra pessoa. Para mim, ele é e será sempre especial e quero, com tudo o que tenho, mostrar-lhe isso mesmo.

Ele não me responde por palavras, mas basta o olhar dele para me demonstrar que quer o mesmo que eu, que quer que eu avance.

Passo o dedo, suavemente, pela linha que contém tanto da sua história, tanto do seu sofrimento, tanto da sua força de vontade, para que esse mesmo sofrimento se transforme em algo positivo, em algo que o deixe feliz.

Começo a depositar beijos sem fim durante todo aquele percurso, sem deixar passar um bocadinho de pele, até ao fim. Quero que ele compreenda que não está só e que gosto dele exatamente da maneira que ele é. Ele agarra-me no cabelo, enquanto o faço. Sinto a movimentação do peito dele a subir e a descer. Respira cada vez mais depressa, cada vez mais ofegante.

Vou descendo devagarinho, e as minhas mãos estão mortas por lhe abrirem a braguilha das calças. Elas largam a pele nua que têm em frente para despirem o que falta.

Mas sou impedida.

Gravemente, fortemente, grosseiramente impedida. Ele afasta-me de si, muito repentinamente.

— O que é que estás a fazer? — O exalto é real.

— Tencionava continuar a despir-te... Tencionava continuar a dar-te prazer... — Nem sei o que dizer. Estou estupefacta com esta alteração de humor. — Tal como tu me deste a mim...

— Eu não preciso que sintas a necessidade de me retribuir...

O quê? Como é que ele pode pensar uma coisa destas?

Agora sou eu que me quero afastar dele, deste ambiente que de um momento para o outro se tornou gélido.

— Pensei que me conhecesses melhor... Eu não faço favores.

Coloco-me de joelhos com o intuito de pegar na minha roupa e esconder o meu corpo enquanto tenho oportunidade, visto que já não há solução para

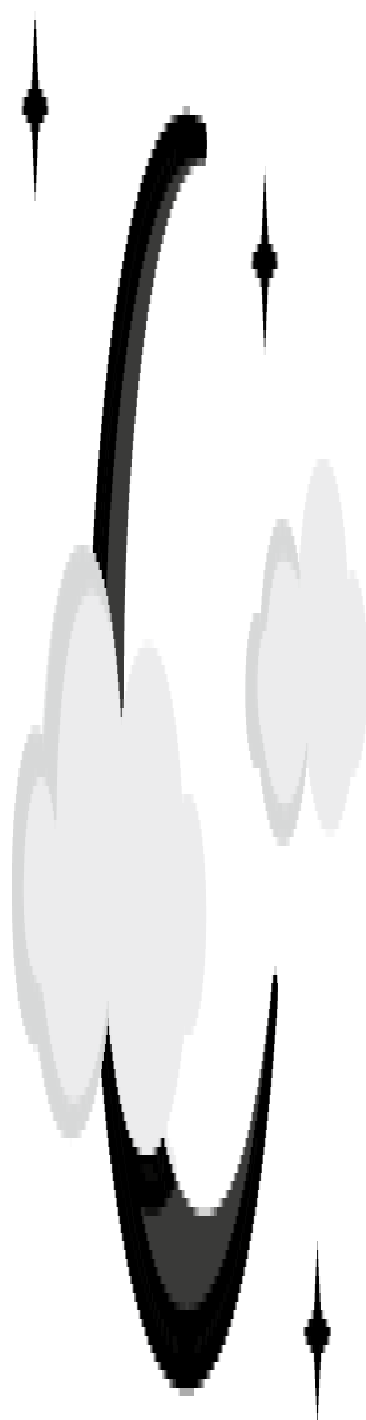
toda a vergonha que estou a sentir neste momento. É uma merda sentir-me assim.

— Desculpa. — Ele fecha os olhos e agarra-me na mão. Com força. — Não disse isto por mal... mas ainda não me sinto cem por cento bem comigo mesmo... Não me sinto tão confiante quanto pareço...

O meu coração está a mil. Foda-se.

Ele sente-se inseguro por um grande motivo e eu sinto-me, igualmente, por outro. Como é que uma pessoa consegue viver consigo mesma ao saber que não consegue fazer com que a outra pessoa se sintam bem? Faria de tudo para conseguir que ele visse o que eu vejo, mas tenho plena noção de que as coisas não são como queremos, como vemos nos livros. Estes acontecimentos são reais. Esta é a nossa realidade.

— Eu respeito-te. Respeito os teus limites. E não te esqueças de que vou estar sempre aqui... — Vou mesmo. — Tudo a seu tempo, não é verdade?



Terça-feira, 25 de abril

David

Depois de ouvir as últimas palavras dela, o meu corpo descontraí.

O medo de ser visto, de ser exposto, desaparece, mesmo que seja apenas momentaneamente. Volto à pessoa que era antes de me exaltar à sua frente. É claro que ela não iria fazer por mal. Por vezes, esqueço-me disso. Parece que me esqueço de que nem toda a gente me quer mal, de que nem toda a gente sente repugnância por aquilo que sou. Embora eu saiba que mais ninguém tem conhecimento disso, sinto que quando alguém me vê pela primeira vez ou quando, do nada, me começa a mirar, estou a ser desvendado. A ser descoberto. Como se soubessem exatamente quem eu sou, antes de falarem comigo, antes de me conhecerem.

Mas ela não é, de todo, assim e tenho de me habituar a isso. A alguém que me demonstra, todos os dias, o quanto gosta de mim.

É por isso que depois do nosso momento abrupto lhe pedi desculpa, se bem que as desculpas não se pedem, evitam-se, e ela acabou por me compreender, mais uma vez, muito melhor do que eu estava à espera.

Olho para ela e reparo que tê-la em cima do meu peito, próxima do meu pescoço, a dormir, é a melhor sensação de sempre. Sentir a sua respiração profunda é a melhor sensação de sempre.

Adoro que o seu braço nu, fora dos lençóis, esteja por cima da minha barriga. Adoro sentir esta intimidade com ela. E adoraria que esta sensação perdurasse para sempre. Espero não acordá-la com o toque que lhe transmito, tanto no seu cabelo como no seu braço, mas é tão bom sentir isto. O meu coração transborda com a junção de sentimentos que estou a ter. É algo que não tem explicação. Por mais que eu queira, sei perfeitamente que não é possível.

É inevitável não pensar em fazer amor com ela.

É claro que nunca soube quando iria acontecer, mas acreditava que mais tarde ou mais cedo, iria, de facto, acontecer. Nunca conseguimos estar

sozinhos, visto que uma das regras para usufruirmos de um quarto residencial é não nos misturarmos entre géneros. Pelo menos, dentro dos quartos. E o facto de ter conseguido que ela hoje viesse jantar comigo ao meu quarto foi algo que já desejava há algum tempo, mas que não sabia que iria conseguir tão depressa. Ainda bem que o Ailton também deu uma ajuda.

Nestes últimos meses, a minha cabeça andava a ferver com vários pensamentos. Eu queria tanto que isto sucedesse, mas nunca sabia de que forma iria ou poderia vir a acontecer. Eu sou virgem. Isto é, era. Eu entreguei a minha alma à outra pessoa.

Andei a pensar durante muito tempo em como se iria desenrolar o momento em si. Gostaria de ter um *packer*? Confesso que seria e que será a única coisa que me fará sentir à vontade, enquanto não fizer a cirurgia de redesignação sexual, mas como ainda não tive o atrevimento de o comprar, decidi que queria que a nossa primeira vez fosse da forma mais natural possível. Sem acessórios, sem nada que se misturasse com o que realmente interessa: os nossos corpos. A verdade é que refleti muito sobre o que gostaria imenso de lhe fazer, porque só queria que ela tivesse o máximo de prazer possível. Ainda pensei se estaria apto, se me sentiria à vontade para permitir que ela me fizesse algo. E a realidade é que não estava, embora tenha deixado que ela me explorasse da linha do tronco para cima. Uma coisa é tirar a t-shirt, mostrar-lhe as minhas cicatrizes e voltar a tapar-me com a minha roupa. Outra coisa é ela chegar-se tão perto de mim, conseguindo vê-las ao pormenor. E analisá-las. E, se calhar, perceber que afinal não quer namorar com uma pessoa como eu, que não quer continuar a ter uma pessoa como eu ao seu lado.

Muito pelo contrário. Ela trocou-me as voltas.

E foi ainda mais maravilhoso por isso ter acontecido.

Mas não podia deixá-la avançar mais do que avançou. Eu sei que queria mais. Muito mais. E não consegui permitir que isso se prolongasse. Não sei como ficaria se ela visse o que não quero que ninguém veja. Quero tanto sentir confiança e segurança em mim próprio, mas é difícil. E senti-me ainda pior quando ela especificou que não fazia favores a ninguém. Eu sei que não, mas é tão complicado explicar como me senti tão desconfortável naqueles segundos que mais pareceram uma eternidade.

Às vezes, tenho pensamentos muito negativos. Começo a pensar se sou eu que sou um covarde, se sou eu que sou um imbecil... Como é possível não ter coragem suficiente para deixar a minha namorada ver-me nu?

Enquanto uma pessoa se sente insegura por não ser alta, por não ter as

melhores notas da turma, por não ter as melhores relações interpessoais do mundo, eu sinto-me extremamente inseguro por saber que estou a tentar, por tudo, sentir-me em casa, no corpo que deveria ter nascido comigo, e por saber que ainda tenho um longo caminho pela frente.

Eu não conheço ninguém trans, para além de mim. Será que outros rapazes trans, na mesma situação que eu, se sentiriam bem nos momentos íntimos que têm com outras pessoas? Ou sentir-se-iam pior do que eu? São tantas dúvidas que surgem no meu cérebro. Dúvidas em que não me devia focar, porque cada pessoa é uma pessoa e as necessidades e dificuldades de uma não são as mesmas de outra.

Só tenho de pensar que se esta primeira vez não foi maravilhosa, as próximas vezes serão certamente melhores. A todos os níveis. Irei trabalhar todos os dias para não deixar que a minha insegurança me guie por caminhos escuros, por caminhos dos quais não posso voltar atrás. Quero tentar guiar-me por outro trilho mais luminoso, mais positivo, mais esperançoso.

E tenho de trabalhar, essencialmente, em deixar de ser um perito em interromper os momentos mais sensuais que já vivi, como deixá-la desamparada para pôr uma merda de uma meia na maçaneta da porta.

Não é verdade, David?

É um código que eu e os meus amigos criámos, para não sermos interrompidos nestas alturas.

Volto a olhar para ela e reparo que ela é ainda mais bonita a dormir.

Sorrio interiormente, porque apesar de ter um turbilhão de sentimentos dentro de mim, tento sempre, mesmo que às vezes não consiga, pensar positivo e brincar com a situação.

É muito bonito dizer que vai correr tudo bem. Dizer que isto vai passar e que tudo vai melhorar. É muito bonito dizer para não dar importância a bocas alheias. É tudo muito bonito, mas é completamente falso.

A verdade é que não sabemos absolutamente nada sobre como tudo se irá desenrolar. Só sei que vou tentar vencer os meus medos. Não prometo conseguir, mas é melhor do que nada. E acredito que seja muito mais do que muitas outras pessoas consigam fazer.

Com ela tudo será mais fácil.

Como será que se sente? Será que continuará a ser minha namorada depois de eu partilhar o que tanto me atormenta? Bem mais do que todas estas inseguranças existenciais?

Quero acreditar que sim. Por mais pequena que seja a hipótese de isso acontecer...

¹ É um pênis feito geralmente de silicone, com diversas funcionalidades, usado por homens trans no dia a dia. Neste caso, a personagem refere-se às relações sexuais.



Terça-feira, 25 de abril

Tenho a cabeça encostada ao seu peito enquanto estou o mais agarrada a ele que os nossos corpos permitem. Não faço ideia se ele está a dormir ou não, mas também não quero levantar a cabeça para verificar. Tenho receio de que ele repare que estou desperta e que se inicie um momento constrangedor que sei que ambos queremos evitar a todo o custo. Ainda não me sinto pronta para falar.

Devem estar a pensar que sou uma pobre e mal-agradecida por me sentir atormentada após uma primeira vez como esta, mas do que adianta sentir-me bem e chegar ao orgasmo se, no fim, deixei muito desconfortável a pessoa que amo? Ter bom sexo não é chegar ao limite sozinho ou acompanhado. É toda a intimidade que existe. É todo o à-vontade que deve existir. É todo um processo que decorre desde o início até ao fim. É o momento em que damos o primeiro beijo até ao momento em que me encontro neste preciso instante, agarradinha a ele. Tudo o que aconteceu é importante. E saber que ele teve de me impedir de avançar deixou-me em baixo.

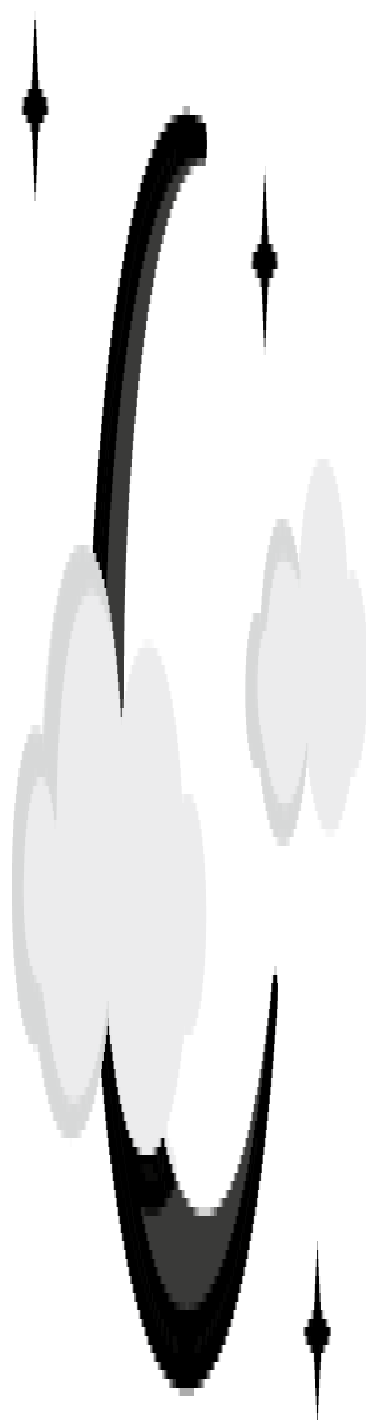
Eu sabia que ia ser difícil. Se para mim é difícil mostrar o corpo que é aquele que me faz sentir em casa, imagino como será difícil para ele mostrar o corpo pelo qual ele luta diariamente para se sentir bem. E isto deixa-me a pensar: serei egoísta? Serei egoísta por não estar satisfeita, agradada ou até mesmo feliz, com o corpo que sei que, realmente, me pertence? Serei egoísta por não pensar que existem pessoas que adorariam estar no meu lugar, ao invés de enfrentar a maldade que existe, todos os dias, por parte de pessoas sem escrúpulos, por batalharem por aquilo que são?

Só gostava que ele tivesse permitido que lhe proporcionasse tanto prazer como ele me deu a mim, mas, logo no momento a seguir, recebi uma chapada de luva branca. Ele afirmou-me que a maior forma de ele sentir prazer é saber que o está a dar a mim.

Não vale a pena estar a cansar a cabeça com estes pensamentos que não me

levam a lado nenhum. O que me deixa animada para a próxima vez é o facto de ter noção de que a nossa intimidade se vai desenvolvendo, cada vez mais, aos poucos. Não é de um dia para o outro, será um longo caminho que tenho pela frente, mas quero, sem dúvida, ajudá-lo a amar-se a si próprio.

Com tempo. Com calma. Com paciência.



Segunda-feira, 1 de maio

David

O meu telemóvel chama, chama e chama, enquanto espero ansiosamente que alguém do outro lado atenda.

— Estou?

— Solange, podemos falar? — Nem disse *olá*, nem nada.

— Não, estou no centro de saúde.

Pois é. Já nem me lembrava.

Ela disse-me que tinha de fazer análises de rotina para saber se ainda tinha anemia ou não. Só quero que corra tudo pelo melhor.

Era hoje...

Era hoje o dia em que lhe contaria tudo o que já devia ter contado.

Andei estes últimos dias, desde o instante em que meti esta ideia na cabeça, a preparar-me e a organizar toda a explicação que lhe daria quando chegasse o momento. A mais pura das verdades é que estava à espera do momento certo, mas ele não existe. Por mais que tentemos planejar para que, com todas as nossas forças, tudo corra como imaginámos, muitas vezes sai tudo ao lado.

Queria falar-lhe sobre o que me anda a atormentar todas as noites, que me anda a atormentar desde o primeiro dia em que a vi. Sinto-me culpado. Sinto-me angustiado por não ter sido totalmente honesto com ela. Queria que me conhecesse, queria que começasse a gostar de mim, se assim tivesse de acontecer, pela pessoa que eu sou.

Detesto ter criado tantas expectativas de como seria o desenrolar desta conversa, mas a verdade é que sonhei que ao fim do dia de hoje, ela saberia toda e toda a verdade e que me perdoaria, mas as coisas não são bem assim.

— Queres que vá ter contigo? Assim faço-te companhia enquanto voltamos para as residências. — Tento sempre aproveitar o máximo de tempo com ela.

— Claro que sim! — responde ela, toda animada.

— Vou já para aí.



— Olá!

Sobressaltei-me.

Estava tão entretido nos meus pensamentos que até já me tinha esquecido completamente de que acabei de chegar ao centro de saúde.

— Porra! Que susto! Não estava à espera que me aparecesses assim, tão de repente!

— Desculpa! Queria apenas pregar-te um susto pequenino! Não te queria matar do coração! — E ri-se.

Não tem piada nenhuma, mas o som do seu riso acaba por me fazer rir também.

— Olha, tenho andado a pensar em ti — digo-lhe. — Não temos falado tanto como antes, e sabes que entendo perfeitamente porquê... mas preciso de te pôr a par de algumas coisas que têm vindo a acontecer.

O ar de brincadeira na sua cara é substituído por uma enorme seriedade. Não faço ideia de como será a sua reação... Só espero que concorde comigo.

Tenho mesmo de lhe contar. Ela precisa, mais do que ninguém, de saber o que se passa e o que se irá passar.

— Certo. Então... o que tens para me dizer?

— Prefiro que seja num sítio mais privado. Não quero que nos vejam. — Não quero escondê-la de ninguém, mas, para já, não me posso dar ao luxo de nos verem juntos. — Queres boleia? — Começa a sorrir para mim. — Como nos velhos tempos?

— Como é que eu me poderia ter esquecido disto? — Volta a sorrir. — A tua bicicleta tem de estar sempre presente.



Domingo, 7 de maio

Cheguei, finalmente, e não consigo deixar de reparar nas mil e uma campas que surgem à minha frente.

Tentei despachar-me o mais rápido possível para conseguir vir aqui. Hoje é domingo. É o dia em que toda a família se junta, incluindo avós e tios, para almoçar. É o dia em que todos aparentamos ser uma família unida, quando na verdade é cada um por si. Detesto estes almoços. Terminam sempre do mesmo modo, com alguém a discutir. Há semanas e meses em que os assuntos destas discussões são totalmente distintos, que se baseiam em acontecimentos do passado. E existem outras alturas em que as discussões são sobre o mesmo assunto, como se falar no mesmo tema a toda a hora resolvesse o problema. Em vez de se sentarem, de terem conversas civilizadas e explicarem porque se sentem de certa forma, optam por barafustar uns com os outros. E às vezes até optam por andar à pancada.

É por isso que, para mim, vir ao cemitério é um refúgio. Distraí-me de tudo o que tem acontecido, de todos os nervos que tenho acumulados. Preciso de conversar com ela. Preciso de limpar a minha mente e sobretudo a minha alma. Preciso de me sentir aliviada, de ficar de consciência tranquila.

Hoje não é um domingo *normal*. Não é um domingo como qualquer outro, em que acabo de almoçar com a minha família e finjo inúmeras vezes que tenho muitos trabalhos em atraso e que tenho de me focar nos estudos. Por essa mesma razão, já não vou para Leiria à noite, como acontecia dantes. Agora chego lá muito mais cedo. Aproveito, claro, para estudar um bocado, mas aproveito sobretudo para estar com o David. Não há ninguém neste mundo que me tranquilize mais do que ele.

Hoje também é o Dia da Mãe.

Podia dizer que vim ao cemitério visitar a Luana neste dia porque calhou e nada mais. Mas não. É propositado. Decidi que seria neste dia, porque sei o grande significado que tinha para ela.

Provavelmente, devia ter dado mais atenção à minha mãe por ser um dia

especial, mas, na realidade, eu não dou valor a estas datas. Todos os dias são dias de celebrar o que quisermos. Não tenciono aproximar-me dela para afirmar com todas as letras a adoração que nutro por ela, só porque é o Dia da Mãe. Essa adoração devia ser demonstrada sempre, todos os dias.

Hoje não quero falar apenas com a Luana. Hoje quero também abeirar-me da campa dos seus pais. Quero fazer-lhes crer o quanto sempre foram importantes na minha vida e não é por eles estarem mortos que vou deixar de acreditar que me ouvem. Quero agradecer-lhes por tudo o que fizeram por mim. Questiono-me várias vezes porque nunca o fiz, mas nem eu própria sei responder. Tive imensas oportunidades, mas acho que não queria, nem conseguia encarar aquilo que tinha à minha frente. Não acreditava que os tinha perdido. Não queria acreditar que tinha perdido a minha segunda família, aqueles que sempre foram uns segundos pais para mim. Enquanto ando em frente, rodo a cabeça com o intuito de observar todas as campas à minha volta. Tento perceber se reconheço alguém, alguma cara, porque a verdade é que já não venho aqui há alguns meses. Por um lado, acho que é bom sinal, porque a minha cabeça já não está apenas focada no passado, no que aconteceu e que não deveria ter acontecido. Hoje, consigo perceber que o passado continua e continuará sempre presente, mas o melhor disto tudo é que estou a conseguir viver com isso, a conseguir viver para além disso. Cada dia que passa, cada vez mais. Por outro lado, imagino o que eles poderão, ou não, estar a pensar. *Será que ela se esqueceu de nós? Estará demasiado ocupada para visitar aqueles que sempre fizeram parte da sua vida?*

— Cheguei. — Verbalizo aquilo que penso como se estivesse a falar com alguém. — É tão bom ver-te... A tua fotografia, quero eu dizer. — A minha mão aproxima-se da sua figura e começa a acarinhá-la como se realmente o fizesse na sua bochecha. Ela sabe que não está, mas deseja que a feição que está à sua frente seja real.

Olho para trás e à minha volta para ver se está mais alguém no cemitério, se está mais alguém perto de mim. Estou a tentar melhorar esta minha forma de ser, mas é muito difícil remar contra o que sempre fui. Nunca gostei de mostrar os meus sentimentos e as minhas emoções à frente de pessoas indesejadas. É uma ideia completamente errada, mas é algo tão pessoal que não quero que mais ninguém veja.

— Sinto tanto a tua falta... — Bastam estas palavras para desabar. — Às vezes, tento apagar esta dor que sinto dentro de mim. Tento não pensar em ti, tento agarrar-me a algo ou alguém que me dê vida, que me dê bem-estar. Eu sei que é horrível dizer-te isto, mas é a verdade. Luana... a dor é tão

agoniante, cada vez mais, que há dias em que acho que o meu coração não vai aguentar... Há dias em que me apetece desaparecer, porque sinto-me deslocada... Sinto que não pertença à vida que estou a viver. — Respiro fundo para tentar controlar-me e impedir que as lágrimas sejam mais fortes do que eu. — Só sei que se estivesse viva, seria tudo muito mais fácil... — Volto a acariciar a sua fotografia, porque quero acreditar, com tudo aquilo que tenho, que ela me ouve, que me percebe.

A recordação mais antiga que tenho da minha infância é com ela. Recordo-me das infinitas vezes que íamos dormir em casa uma da outra e de como ficávamos tristes por termos de voltar para as nossas casas, com medo de nunca mais nos voltarmos a ver.

Recordo-me de tudo.

— Hoje, vim ter contigo, porque quero contar-te o que se anda a passar comigo... porque quero contar-te as novidades... — Volto a inspirar e a expirar profundamente. — Conheci uma pessoa. — Engulo em seco, porque a minha mente tem receio de que ela me esteja a julgar, embora a minha parte racional saiba que ela só queria que eu fosse feliz. É para esse mesmo caminho que me estou a guiar. Para a felicidade. — Conheci uma pessoa que me faz feliz... que me faz, verdadeiramente, feliz... Quero-te falar dele, porque quero que saibas... que o amo. — Volto a engolir em seco. — Preciso que saibas que, para mim, foste muito mais do que uma amiga... Sempre tive noção disso, mas naquela altura éramos tão novas e tinha medo de te dizer, porque podias achar-me estranha... esquisita... Não sei dizer se o que sentia chegou a ser amor... Ainda hoje tento perceber o verdadeiro significado dessa palavra... Mas sei que eras a pessoa mais especial que eu tinha...

As lágrimas continuam a descer pela minha face.

Tenho os olhos tão vidrados que já não consigo ver nada à minha frente.

— Ele é bondoso comigo. Liga-me todas as noites, quer tenhamos estado juntos ou não, para saber como correu o meu dia. Liga-me para saber como me sinto. Leva-me a passear de carro. Ao início achava uma foleirice ele querer pegar-me na mão enquanto conduzia. — Sorrio ao lembrar-me da primeira vez que isso aconteceu. — E o mais importante, e que ainda hoje não consigo perceber a razão, é que gosta de mim por aquilo que eu sou. Por todos os defeitos que tenho. E tu sabes que são muitos. Mas quero que saibas que estarás para sempre no meu coração. Nunca vais deixar de ser a minha Luana. A minha Lua. «Mesmo que todos os dias passem por mim e que o sol pareça não irradiar a meu favor, sei que terei sempre a minha Lua a olhar por mim». Recordas-te? — Começo a sorrir ao lembrar-me de todos os bons

momentos que passámos. — Obrigada... por tudo.

Aproximo-me da sua fotografia e deposito-lhe um beijo sentido. Quero acreditar que ela o sente.

Afasto-me, devagarinho, em direção à campa dos pais dela.

À medida que me vou aproximando, reparo em três silhuetas junto das lápides do Joel e da Diana. Escondo-me atrás de uma árvore e tento perceber quem são.

Estou baralhada.

O que é que *eles* estão aqui a fazer?



Domingo, 7 de maio

Eles conhecem-se? Como é que nunca dei por nada?

Será ela a rapariga que se encontrou com ele no dia em que o segui até aos taxistas?

Foda-se. Como é que nunca me lembrei? Como é que nunca associei?

A verdade é que nunca lhe perguntei quem ela era, porque detesto a ideia de ele poder pensar que estou a tentar controlá-lo. Ele tem mais pessoas na sua vida, além de mim...

— ACORDA!

Assusto-me com este grito.

Esforço-me para me concentrar e perceber o que dizem.

Porque é que está tão exaltada? Nunca a vi assim.

— Escusas de estar com esse mau humor de merda! Podes ter a certeza de que estou a ficar sem paciência... — Ele abre, finalmente, a boca.

Estou nervosa.

O que se passa com eles?

Porque estão tão furiosos?

— David, vê se me percebes! Ela não merece isto... Não merece continuar na ignorância.

— Eu sei que não... Eu sei que tens razão, mas esta não é a melhor altura!

— Eu sei que tens medo de que ela não te aceite, mas tens de lhe dizer a verdade de uma vez por todas, porra!

— Filipa, para de ser assim! Estás a ser arrogante...

Filipa? Ele deve estar enganado.

— Eh pá, cala-te! — Reparo pelo movimento do braço dela que lhe deu um calduço. — Ninguém me trata assim por aqui!

— Acalmem-se! Este não é sítio para ter esta conversa...

— Não te metas...

Aquele é... Oh, meu Deus. Não pode ser ele... mas é.

Como é que esta gente toda se conhece? E porque estão aqui todos juntos?

— Para de ser paranoica, ninguém nos ouve. — O David retoma a conversa.

Tenho de intervir. Não estou a gostar do rumo que a conversa deles está a tomar.

— Então... e que verdade é essa que tem de ser partilhada? — Exponho-me.

Eles ficam em choque. Nem sabem o que me responder.

Pelos vistos, não são só o David e o professor Cláudio que escondem certas coisas. A Catarina também.



Domingo, 7 de maio

O nervosismo que eles sentem está, sem qualquer dúvida, à flor da pele. Sinto que se neste momento tivessem a oportunidade de se enfiar dentro de um buraco bem fundo, o fariam sem pensar duas vezes.

Gostava que me respondessem à pergunta que acabei de fazer, mas acho que não terei essa sorte. O ambiente ficou de cortar à faca. Suspeito que a espera será bem grande.

— Não me dizem nada? — Eles trocam olhares. Consigo perceber o significado. Sinto que não querem, de todo, contar-me o que se passa.

A Catarina dá um passo em frente, mas eu, automaticamente, afasto-me.

— Solange, é melhor irmos para outro local para termos esta conversa. Este não é o mais apropriado. — A sério? Só agora é que se lembra disso? Nem pensar.

— Temos pena. Pensassem nisso antes desta confusão toda.

— Nós queríamos falar contigo... Mas... fomos adiando... — Ela olha para o David enquanto profere estas palavras.

— E queres continuar a adiar? É isso?

Sinto a sua aflição a sair-lhe pelos poros, negando com a cabeça.

— Então, está mais do que na hora... Agora não há volta a dar... Quero que me contem o que se está a passar. Imediatamente! — respondo.

— Eu quero falar contigo a sós, Solange — A sós? Nem tenho tempo para pensar, mas acabo por lhe acenar com o olhar. — Se não te importares, claro...

— Não me importo, desde que esclareçamos tudo o que houver para esclarecer.

— É bom ver-te, Solange. — Diz-me o professor Cláudio, enquanto me aperta o ombro e caminha para longe deste caos.

Diria o mesmo se fosse noutras circunstâncias, o que não é o caso.

— Bem, sendo assim, vou deixar-vos sozinhos... — A Catarina vira costas para se afastar.

— Espera! Não vás já. Primeiro preciso de saber porque é que não foste honesta comigo... Chamas-te Filipa ou Catarina? — Pode parecer um assunto de pouca importância, no meio de toda esta balbúrdia, mas, para mim, é importante. — Porque é que não me contaste a verdade?

— Solange, eu não te menti. Na verdade, nunca te menti em relação a nada. Simplesmente nunca surgiu a ocasião de partilhar contigo algo sobre o meu passado... — Não surgiu a ocasião ou não tinha vontade? Ela sempre me pareceu extremamente fechada, mas nunca tive nada contra isso, porque eu também sou assim. — Por isso, podes ter a certeza de que nunca existiram motivos para te enganar... E, aliás, eu chamo-me mesmo Catarina! Mas também me chamo Filipa. O meu nome é, na verdade, Catarina Filipa.



Estamos, enfim, sozinhos e tento afastá-lo de mim, mas não vale a pena. Olho para ele atentamente enquanto se aproxima cada vez mais e não estou a gostar das sensações que esta aproximação me provoca.

— Podemos, finalmente, ter a nossa conversa? — pergunto-lhe.

— Podes perguntar-me tudo o que quiseses. Penso que será mais fácil... Estou numa pilha de nervos tão grande que nem sei por onde começar...

— Porque é que nunca me disste que conhecias a Catarina? Andas a trair-me? — Ok. Isto foi demasiado. — Esquece a última pergunta! — Ele sorri. — Porque é que não me contaste?

— Quero que percebas uma coisa. Primeiro, eu e a Catarina, que, para mim, será sempre a Filipa, não temos esse tipo de relação que estás a pensar. Ela faz parte da minha vida desde sempre. Éramos muito novos quando nos conhecemos. Ela é uma grande amiga minha, alguém que vai sempre fazer parte de mim.

Não gosto de sentir ciúmes quando, na verdade, nem tenho motivos para isso, mas não consigo evitar.

— Se não é nada mais do que uma amizade, porque é que a ouvi dizer que eu merecia saber a verdade? — Suspiro com a frustração que estou a sentir. — Que verdade?

— Não era nada de importante. Ela é que é... um bocado chata, acha que tem sempre razão. — Tenta sorrir, mas não me engana.

— David, desembucha.

Ele olha-me nos olhos, como nunca me olhou antes.

— Por favor, confia em mim... — pede-me.

— Para de pedir que eu confie em ti, porra! Só existem segredinhos e mais segredinhos! Estou a ficar farta desta merda...

— Por favor...

Todo o meu corpo começa a tremer com a raiva que sente a percorrê-lo.

Detesto que me supliquem.

Estou prestes a desabafar tudo o que está preso cá dentro, mas sou interrompida.

— *Mesmo que todos os dias passem por mim e que possa parecer que a lua não se ilumine a meu favor, eu sei que terei sempre a minha Sol a olhar por mim.*



Domingo, 7 de maio

Estou sem reação.

O meu cérebro começa a palpitar, a ferver, a entrar em colapso.

Como posso ter sido tão burra?

Lembro-me de ele me ter mostrado a cicatriz do seu pulso. Um sol.

Não estou a acreditar nisto. Como é que eu não vi a verdade mesmo à frente dos meus olhos? E agora que olho para ele, de uma maneira que nunca tinha olhado, reparo que o conheço melhor do que ninguém.

— Diz-me uma coisa: como é que fizeste essa cicatriz? — Ele fica confuso, mas eu sei que ele sabe a que me refiro.

— O que é que isso tem que ver com esta conversa? — Fica pensativo. — És ótima a desviar o assunto... — Rio-me demasiado alto. Ele é que é o perito em desviar a merda das conversas sempre que quer.

— Não me interrompas! — Estou a ser dura. — Responde!

— Eu disse-te que tive um acidente com o meu pai, lembras-te?

Estou a ver, estou a ver.

— E como é que disseste que o teu pai se chamava?

Agora, sim, fica nervoso.

— Cláudio. — O quê? — Chama-se Cláudio... — Começo a associar.

Ele está a referir-se ao meu professor Cláudio?

Não pode ser. É impossível. Eu sei que existem muitos no mundo, mas já são coincidências a mais... E eu não acredito em coincidências.

— Mas por que carga de água te lembraste de fazer uma pergunta dessas? — pergunta-me.

— David, eu vou parar de ser rude contigo se tu começares a ser honesto comigo. — Ele engole em seco. — Por isso, vou perguntar-te mais uma vez. Quem é o teu pai?

Ele fica nervoso.

— Já te disse, Solange. É o Cláudio. É o teu professor. Eu sei que é estranho para ti, porque nunca te contei quem era... — Olha para mim com

cara de suspeito. — Porque estás assim tão interessada? — Isto magoa-me um bocado. Estou interessada em tudo o que tenha que ver com ele, mesmo que não pareça.

Lembro-me, de repente, de outra coisa e fico ainda mais fodida. Por isso, tento explorá-lo por outra via.

— O Bruno... Como é que conhecestes o Bruno? — Como é que eu nunca lhe perguntei? Ele disse que estava farto das atitudes dele, mas nunca me disse como o tinha conhecido. Tenho de saber. Preciso mesmo de saber.

Se ele já estava branco como a cal, não era nada comparado com o estado em que está agora.

— Conheci o Bruno através de uns colegas dele, da turma dele. — Pois, sim. Vai mentir ao raio que te parta.

— Certo... Então e de onde é que tu vens? — Já falámos sobre isto, mas quero perceber se ele me diz o que pretendo saber.

— Não sou de cá. Sou do Algarve. Tu sabes... — Mais uma vez, só tretas.

— David, porque não me dizes a verdade? — Sinto-me tão frustrada com as suas mentiras. — Porque não me dizes, realmente, quem és? — Engulo em seco. Estou farta. Tenho mesmo de deitar isto cá para fora. — Porque não me dizes que, na verdade, és a Luana?

Custa-me perguntar e, ao mesmo tempo, afirmar uma coisa destas, mas consigo verificar que o deixei sem reação.

Ele deve estar a pensar num tipo de desculpa qualquer, mas bem pode tirar o cavalinho da chuva. A mim já não me engana mais...

— Eu estou a ser verdadeiro contigo! — Ele está a começar a perder a paciência.

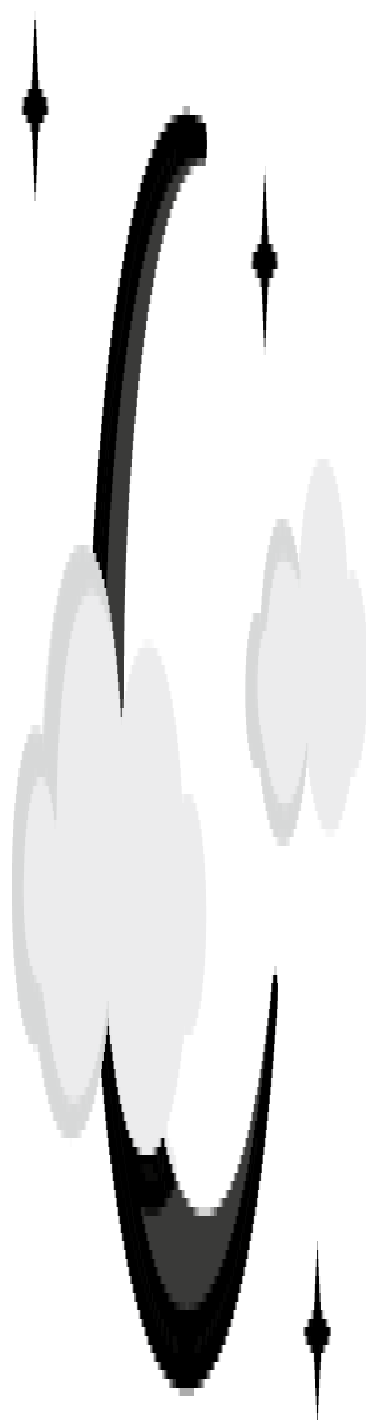
— Não, não estás, David... Tu és... eras a Luana... Diz-me a verdade... por favor... — As poucas pessoas que se encontram neste local devem estar a ouvir-nos. — O teu pai não se chama Cláudio... E tu não conhecestes o Bruno dessa forma...

— Solange, ouve-me com atenção. — A voz dele muda de tom. Está bastante sério. — Eu nasci no Algarve. O meu pai é o Cláudio, a pessoa que sempre cuidou de mim... Eu conheci o Bruno da forma que te expliquei... Acredita em mim, porque eu não te estou a mentir. — O olhar dele suplica pela minha compreensão.

Estou prestes a explodir.

— Mas... por outro lado... a Luana nasceu nas Caldas da Rainha e viveu, durante alguma parte da sua vida, no Valado dos Frades. Os seus pais eram, são e serão sempre a Diana e o Joel. E conheceu o Bruno da mesma forma

que tu... na escola primária. E posso dizer-te que a Luana nunca se esqueceu de ti... nunca parou de gostar de ti... E, por isso, podes ter a certeza de que essa é a razão pela qual estou aqui... contigo.



Domingo, 7 de maio

David

— Fui, em tempos, a Luana. — Ela fita-me. — Agora, sou o David.

Há pouco, ela mostrou-me, de todas as maneiras possíveis, como se sentia irritada comigo. Com a nossa conversa. Com tudo o que está a acontecer.

Mas, agora, a sua forma de estar é diferente. Está quase a chorar.

Consigo sentir a força que está a fazer para não se desmanchar toda à minha frente. Quem me dera que ela não sentisse qualquer tipo de vergonha ao pé de mim. Quem me dera que ela soubesse que, comigo, pode estar à vontade para fazer o que bem entender. Quero que ela seja ela própria.

— Solange, desculpa... — Quero que ela fale comigo. Estava tão faladora e agora nem consegue soltar uma palavra. Estou a começar a entrar em desespero. — Desculpa por tudo... — Gostava de saber o que dizer, mas, por enquanto, isto é a única coisa que me sai.

— Porque é que não me contaste? — Só tenho vontade de a apertar com toda a força que tenho. Quero aconchegá-la até ao dia em que deixar de ter forças, e espero que esse dia nunca chegue. Por outro lado, tenho receio de a quebrar. — Porque é que... não foste sincero comigo?

Custa-me ouvir isto. Não quero que ela pense que tinha intenções de lhe mentir, ou de omitir. Nunca quis, de todo, ser incorreto com ela. Não sabia como havia de abordar o assunto. É claro que um dia teria de ganhar coragem para lhe contar tudo o que há para contar, mas nunca me passou pela cabeça que acontecesse assim, desta forma.

— Solange, eu sempre imaginei que, assim que te visse, te iria contar tudo... Mas assim que me apercebi de quem tu eras... não o fiz... não consegui. — Faça uma pausa. — E ainda bem que não...

Ela semicerra os olhos.

— Como assim? O que é que queres dizer com isso?

— Queria que gostasses de mim por ser quem sou, por ser o David... E não por saberes que fui a Luana. Não queria que essa informação te

influenciasse... Queria que acontecesse tudo da forma mais natural possível, mesmo que não viesse a dar em nada...

— E como podes ver... — Ela está pensativa. — Foste sempre tu. Nunca senti isto por mais ninguém... E, no final de contas, foste sempre tu...

Nem sei o que dizer.

Nunca pensei que saber que ela está a descobrir toda a verdade suscitasse tantas emoções diferentes em mim.

— Eu demorei imenso tempo a encontrar-te. — A sua atenção está totalmente focada em mim. — Mais do que queria... Mais do que estava à espera... — Volto a inspirar profundamente. — Procurei-te por todas as redes sociais possíveis e imagináveis. Era impossível, porque não havia vestígios teus em lugar nenhum... E, por isso, comecei a sentir-me muito frustrado... Queria tanto encontrar-te...

Ela abre a boca com o intuito de me responder, mas eu não permito.

— Tomei então a decisão de criar um plano para te encontrar. O Cláudio e a Filipa decidiram ajudar-me. Ainda não lhes consegui agradecer por tudo o que fizeram por mim... por nós... durante todos estes anos. Depois, resolvi ir até ao Valado. Já andávamos há algum tempo a rondar aquela zona, e estava com esperança de, eventualmente, te conseguir encontrar, por aí, mas não passou disso mesmo: esperança. Por isso, pensei que se não conseguia deparar-me contigo, poderia tentar encontrar algumas pessoas que tivessem passado pelas nossas vidas na mesma altura... E a única pessoa que me veio à cabeça, por incrível que pareça, foi o Bruno. — Ela revira os olhos assim que ouve o nome dele. — Comecei a pensar, e posso dizer que fiquei bastante surpreendido quando reparei que me lembrava da localização da casa dele. Dessa vez, notámos, eu e o Cláudio, que ele se dirigia para o Certeiro. A partir dessa altura, as coisas deixaram de ser tão complicadas. Foi muito fácil encontrá-lo no Facebook e vimos, através das suas fotografias, que ia para esse café todos os sábados e alguns dias durante a semana. Portanto, foi só escolher um dia... E a partir daí... foi só colocar a ideia em prática.

Estou sem fôlego.

— E a Catarina fez parte disso tudo?

— Da parte que incluía o Bruno, não... Descobri através dele que tu, futuramente, irias para Leiria, para estudares Gestão. Ele sempre me deu a entender que não gostava nada de ti, mas, na verdade, por mais irónico que seja, não conseguia passar um segundo sem falar mal de ti... Por isso, tornei-me um bom ouvinte e consegui recolher todas as informações de que precisava. A Filipa entrou depois disso. Conte-lhe tudo o que sabia e ela, na

realidade, também queria seguir o mesmo que tu... Por isso, em vez de ela se candidatar para uma universidade mais perto da sua zona, candidatou-se para a ESTG, para onde, supostamente, irias estudar. Sabíamos que iriam ficar no mesmo ano. Ou, se isso não viesse a acontecer, sabíamos que, de alguma forma, se iriam cruzar uma com a outra. — Olho mais intensamente para ela. — Sei que deves estar a sentir-te magoada, traída e perseguida, mas, mesmo que não acredites, quero que saibas que ela tem uma grande adoração por ti. Inicialmente, aproximou-se por saber quem eras... por saber a importância que sempre tiveste para mim... Mais tarde, começou a sentir-se mal com o que andava a fazer, porque começou, genuinamente, a gostar de ti.

— Estou a tentar assimilar o que estás a dizer... acredita... Mas eu preciso de mais informações. Quero saber como é que conheceste esse Cláudio... E quero, principalmente, saber como é que conheceste a Catarina...

— Eu desapareci naquele dia graças ao Cláudio. Nós estávamos dentro da minha casa, em chamas, e ele ajudou-nos a sair. Disse-me para eu desaparecer dali o mais depressa possível. Disse-me que não podia ficar contigo... — Ela está pronta para me responder, mas eu não deixo. — Não imaginas o quanto me custou, Solange... deixar-te ali, sem defesas... Felizmente, consegui levar-te para a rua. Sabia que os meus tios te ajudariam, e então desapareci dali. — Respiro fundo. — O Cláudio... para esclarecer todas as tuas dúvidas... é o meu padrinho.

— É o teu padrinho? — Está surpreendida. — Não me lembro de o conhecer.

— Nem eu o conhecia antes daquele dia, porque ele viajava bastante. Eram raras as ocasiões em que estava em Portugal. Eu sabia da existência dele, até porque já tínhamos falado por chamada algumas vezes, mas nunca o tinha visto pessoalmente...

Estou a ficar muito reticente, por reviver todas estas memórias, porque não sei o que é que vem daí.

Ela precisa disto, mais do que eu.

Por ela, sou capaz de reviver tudo.

— E porque é que fugiste com ele se nem o conhecias?

— Porque, naquele momento, só tinha uma coisa em mente. Só tinha em mente o enorme desespero que senti por sair dali. Independentemente de quem fosse. Hoje, consigo perceber que poderia ter sido muito perigoso, mas naquele dia, eu fiquei sem os meus pais, Solange... Fiquei sem chão... Fiquei sem nada... E, às vezes, assusto-me por saber que já nem queria saber o que me poderia vir a acontecer. Já não queria saber de

nada...

Estou cada vez mais emocionado.

— Porque é que ele te levou para tão longe?

Ora aí está a pergunta que não queria nada ouvir.

— Fomos embora para eu poder começar a vida de novo, noutro lugar. Para que não tivesse de recordar diariamente tudo o que me aconteceu... Ele decidiu que o destino seria o Algarve. Temos lá estado desde então... Foi lá que conheci a Filipa. Sempre soube que ela se chamava Catarina, mas lembrei-me do teu irmão, o Filipe, e achei que, ao chamar-lhe Filipa, poderia sentir-me mais próximo de ti... — Ela fica com os olhos lacrimejados. — É estúpido, eu sei, mas, na altura, foi a única forma que consegui arranjar para me ajudar a ultrapassar tudo o que estava a acontecer... Ela era minha vizinha e, para além destes dois, não via mais ninguém... Não era capaz... Por isso, comecei a ter aulas em casa... E acabámos por ficar muito amigos.

Está a saber-me pela vida desabafar o que guardei durante todos estes anos cá dentro.

— Mas se, voltando atrás na conversa, vieste ao Valado e te deste ao trabalho de seguir o Bruno, porque é que não vieste ter diretamente comigo?

— Ela está a fazer um enorme esforço para não gritar comigo. — Não imaginas a falta que me fizeste... que me fazes... Não imaginas os pesadelos horríveis que tive contigo... com tudo o que aconteceu.

Quero tanto abraçá-la.

Quero tanto que ela entenda que não voltarei a deixá-la.

— Não fui ter diretamente contigo, porque fui um cobarde. Eu podia, simplesmente, ter-te aparecido à porta e mostrar-te que estava vivo. Por outro lado, queria manter as coisas como estavam, porque, bem cá no fundo, queria que quando nos voltássemos a encontrar, visses a minha verdadeira forma... — Respiro fundo. — Aliás, embora não saibas, eu já fui a tua casa, num dos teus aniversários...

— O quê? Isso não pode ser verdade! Se fosse verdade... eu ter-te-ia visto... teria falado contigo...

— Não... Eu fui lá, mas não foi com o intuito de falar contigo nem com alguém... — Ela sente-se ofendida. Ainda mais. — Foi, apenas e unicamente, para te deixar uma carta...



Terça-feira, 24 de maio de 2011

— *Que barulho foi esse, querida?* — *O meu pai dirige-se à minha mãe.* — *Pareceu-nos ouvir alguém a correr e a desaparecer dentro de um carro que arrancava à velocidade da luz.*

— *Não consegui ver quem era...* *Pareciam ser duas pessoas a fugir, mas deve ser tudo impressão da minha cabeça.*

— *Que carta é essa que tens na mão?* — *pergunta o André.* *Este rapaz é tão metedigo.*

A minha mãe atrapalha-se enquanto tenta justificar que se trata apenas de despesas por pagar. Mas eu conheço-a... E ela não tem jeito nenhum para mentir.

— *Mãe, porque é que estás a ser aldrabona?* — *Os outros viram-se para mim. Não entendem porque faço uma pergunta destas.* — *Porque é que não dizes a verdade?* *Para quem é essa carta?*

Será para mim? *Suponho que sim, senão ela não mentiria. Como demora a responder, o meu pai acaba por lhe arrancar aquele bocado de papel das mãos. Ao virar a carta ao contrário consegue, então, verificar que o meu nome está lá, pelo que se levanta e olha, furiosamente, para a minha mãe.*

Não sei se ela se sente culpada, mas se não, devia. Se não fosse graças ao meu pai, provavelmente nunca teria a oportunidade de ler a carta que ele, em seguida, me entrega.

Gostava de esperar pela hora de me deitar, para estar descansada a lê-la, mas sei que eles não me vão deixar sair daqui sem lhes dizer de quem é esta carta. Por isso, começo a lê-la baixinho, para mim, e tento fingir que não tenho inúmeros olhares fixados em mim.

«Minha Sol,

Hoje é o teu dia. Não podia deixar, de maneira nenhuma, passar este marco em branco. Adorava poder transmitir-te tudo isto cara a cara, mas, por enquanto, não é possível. Espero que este dia sobressaia em relação a todos os outros dias do ano, porque o simples facto de teres nascido neste dia, há 14 anos, já é uma prova bem viva de que esta é uma data especial.

Não imaginas a falta que me fazes. Não imaginas as saudades que tenho de passar noites inteiras sem dormir só para estarmos na galhofa. Não imaginas a grande necessidade que tenho de sentir um abraço teu. Mas eu confio que esse dia irá chegar. E, quando chegar, não te largarei. Não voltarei a perder-te de vista,

nem por um minuto.

Quem me dera poder contar-te tudo o que se passa comigo, mas acho que merecemos muito mais do que apenas uma breve carta.

Não vou descansar até estarmos juntas novamente. Vou lutar por isso com tudo o que tiver e não tiver. Por isso, quero que saibas que estou bem, que estou viva. E que, neste momento, estou num lugar melhor, apesar de saber que só estarei verdadeiramente bem a teu lado.

É tudo uma questão de tempo, por isso, não te esqueças de mim. Estás e estarás sempre nos meus pensamentos e principalmente no meu coração.

Luana»

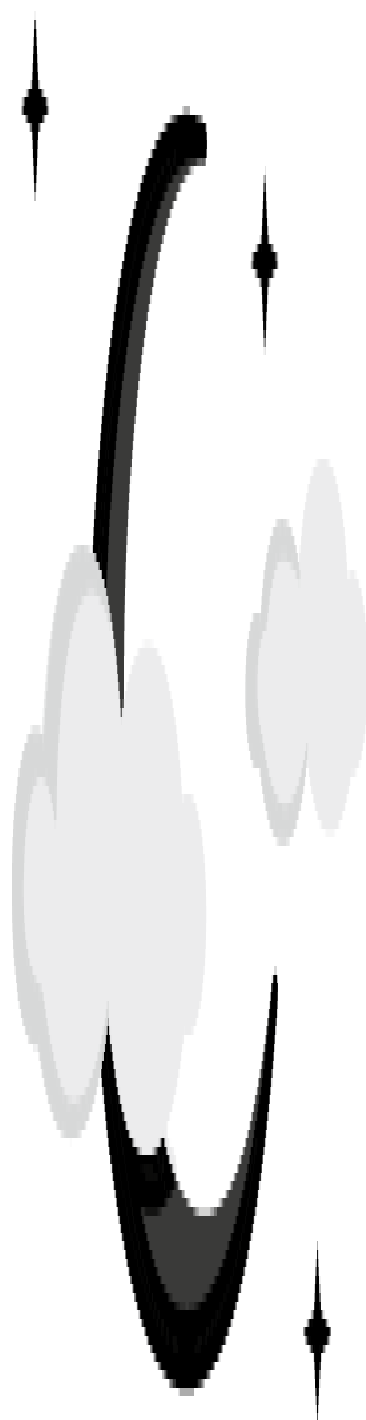
— De quem é? — perguntam os meus pais, em uníssono.

Não pode ser. Não pode ser a Luana. Já estou habituada a estes bilhetinhos da treta. Os meus colegas não valem nada. Há meses que me andam a fazer coisas deste género e depois quem fica na merda sou eu. Fico sempre tão triste. Mas tenho de começar a superar isto. Tenho de seguir com a minha vida.

Começo a rasgar a carta, sem olhar para ninguém.

— O que é que estás a fazer? De quem era? — pergunta o meu pai, aflito.

— Não era de ninguém importante. Era só mais um cabrão qualquer da minha turma. — Arrependo-me de imediato quando reparo que acabei de usar uma asneira enquanto falo com o meu pai, mas estou demasiado cansada. Já não quero saber.



Domingo, 7 de maio

David

— Carta? Mas que carta? — Ela está confusa.

— Uma carta que eu te deixei, para te dizer que estava vivo, para te dizer que um dia nos voltaríamos a encontrar...

Ela começa a tremer e eu aproximo-me mais um pouco. Ela permite, o que é bom sinal. Decido, então, agarrar-lhe na mão. Quero que ela perceba que estou mesmo aqui e que estou para ficar.

— Eu não acredito... Eu li essa carta, mas não acreditei que fosse tua... Depois de desapareceres, todos lá da escola decidiram maltratar-me ainda mais do que já faziam. Mandavam bilhetes lá para casa, a fazerem-se passar por ti. Sofri imenso nessa altura. Acreditava, genuinamente, que estavas vivo, mas, quando me admitiram que eram eles que andavam a escrever aquelas coisas, fui-me muito abaixo... Então, quando recebi a tua não quis acreditar...

Isto reaviva-me a memória, fazendo-me recordar as vezes que tentava protegê-la de comentários maldosos que recebia na escola primária. Ela já tinha motivos suficientes para se sentir mal, mas tudo piorava quando os adultos lhe diziam para esquecer ou desvalorizar. É muito fácil falar. Porque é que não passa pela cabeça destas pessoas que os miúdos é que devem ser ensinados, desde novos, a não maltratar os outros?

— Aqueles otários de merda... Só quero que saibas que, durante estes anos todos, estive bem, dentro daquilo que era possível, que, felizmente, não me aconteceu nada. — Noto o alívio a sair-lhe pelo corpo, mas ela não me diz mais nada. — Solange, eu... quero que tentes perceber-me... — É tudo o que consigo dizer. — Perdoa-me por não te ter dito logo quem era. Só reparei que eras tu no dia em que entraste naquele autocarro. Estavas tão linda... Era impossível não ter reparado em ti... — Agarro-lhe no queixo para ela olhar para mim. — E continuas a ser linda... Como sempre foste. Eu amo-te... A verdade é que sempre te amei... Mesmo antes de ser o David e muito mais

agora, porque a cada dia que passa gosto mais e mais de ti.

As nossas caras estão tão coladas que quase não consigo respirar. Esta rapariga é de me tirar o fôlego.

Para minha grande tristeza, sinto a sua mágoa ao afastar-se e ao desviar o assunto:

— O que é que se passou contigo uns minutos antes da explosão? Lembras-te?

— Lembras-te de eu estar numa pilha de nervos?

Ela acena com a cabeça.

— Sim. Estavas a deixar-me tão, mas tão assustada...

Percebo-a perfeitamente.

— A verdade é que os meus pais não tinham uma boa relação, sabes?

— Como assim?

— Os meus pais eram aquelas pessoas divertidas que demonstravam ser à tua frente, à frente de todos. Sorriam, faziam palhaçadas, mas podes ter a certeza de que eram muito mais do que isso... E não no bom sentido. — Solto um grande suspiro, porque ainda hoje me custa falar sobre isto. Por mais anos que passem, vai custar sempre. — O meu pai batia na minha mãe... E foi assim durante muito tempo, sabes? Custa-me ter sido um filho que não serviu de nada para além de dar trabalho, para além de dar despesas... — Ela fica com as lágrimas nos olhos. — Eu devia ter estado presente para ajudar a minha mãe no que fosse necessário. Devia ter tido a capacidade de chegar mais além, de perceber melhor o que se passava... — Respiro fundo antes de admitir o que mais me dói admitir em voz alta. — Eu não devia ter deixado o meu pai tentar fazer-nos desaparecer. Não devia tê-lo deixado matar a minha mãe.



Segunda-feira, 8 de maio

É meia-noite, e ainda não consegui pregar olho. Estou demasiado agitada e, por mais que tente, não consigo parar de mandar toda a merda que vejo à minha frente para o chão. Não consigo parar quieta. Não consigo parar de pensar em como me sinto enganada. Não consigo parar de pensar no que vivi hoje.

Assim que o David me contou a verdade sobre os seus pais, tentei saber mais pormenores, porque tudo o que ele me dizia não era suficiente. Não era suficiente para sossegar o meu coração. A minha ansiedade. Tudo me fazia confusão, naquele momento.

Agora, enquanto a Dilivia ressona como se o amanhã não existisse, como se este quarto não estivesse a desabar, olho para a caixa à minha frente. Aquela que contém segredos sobre tudo o que se passou ao longo dos anos. Segredos que ainda não tenho a certeza se quero desvendar.

Ele disse-me, após a nossa conversa no cemitério, após me exaltar com a cabeça a ferver, que a melhor forma de eu entender tudo o que ele passou era ler os diários que ele escreveu ao longo destes anos. Escreveu-os para mim, porque tinha esperança de que um dia nos voltássemos a encontrar.

E estava certo.



Domingo, 19 de outubro de 2008

Já se passaram dois anos, Sol.

Hoje festejo o meu décimo segundo aniversário.

Sinto que renasci naquele dia em que tudo se desmoronou.

Sou uma pessoa diferente.

A minha vida transformou-se e eu transformei-me com ela.

Hoje celebro aquilo que sou, aquilo em que me tornei.

Não consigo esquecer-me de que o Cláudio passou quase a manhã inteira sem me dirigir a palavra, sem me dar os parabéns. Acreditas nisto? Fiquei triste, momentaneamente, por ele se esquecer desta data tão importante para mim, porque o que mais lhe interessa é ver as notícias. Não sei como é que ele gosta de algo que me entristece constantemente. É triste observar sempre as mesmas desgraças, é possível contar pelos dedos da minha mão as vezes que vi alguma notícia que me tivesse deixado com um sorriso verdadeiro na cara.

Hoje foi diferente, Sol...

Nunca o vi tão irritado e, ao mesmo tempo, tão arrependido.

Tão arrependido de me ter deixado ouvir aquilo até ao fim.

Voltaram a falar de ti... de mim... de nós...

Acho que devido a isso, ele se lembrou, finalmente, de que era o dia em que eu comemorava mais um ano de vida.

Não somos nada de pieguices, mas demos um abraço. Ele não fala muito. Não costuma demonstrar afeição pelos outros, mas, ao longo destes anos, percebi que posso contar com ele. Os meus pais morreram. Sinto a falta deles de uma maneira que nem as minhas próprias recordações conseguem descrever. E agora ele será o único que me guiará.

Então, ele decidiu oferecer-me um presente.

Não estava nada à espera. Achei que um abraço dele já era prenda suficiente. Entregou-me uma carta, escrita pelo meu pai, antes de morrer. Acreditas nisto? Como é que ele manteve um segredo destes longe de mim durante tanto tempo?

Não sabia se tinha coragem suficiente para abri-la, mas decidi que estava na hora de deixar de ser medícas e que tinha de agarrar aquilo com unhas e dentes. Imediatamente. E também porque ele me garantiu que estaria lá para mim.

Gostava que estivesse aqui para conseguirmos lê-la em conjunto, mas como não é possível, passo a citá-la:

«Luana, se estás a ler isto, é porque cheguei a um ponto em que me descontrolei por completo. Não sei se serei capaz de tomar esta decisão, mas se esta carta está nas tuas mãos, é porque fui em frente.

Compreendo que te possas sentir perdida e confusa. A tua cabeça não deve parar de fervilhar com tantas perguntas que ainda não obtiveram respostas. E é mesmo por isso que te escrevo.

Eu maltrato a tua mãe como se no momento seguinte eu deixasse de existir.

Deposito nela toda a minha fúria e só paro quando as minhas mãos ficam doridas, levando horas, dias, semanas até ficarem nesse estado.

Tentei perceber, nos últimos meses, se tinhas memória de algum acontecimento violento que tenhas presenciado, mas notei que o teu subconsciente se preocupa tanto contigo que te fez esquecer.

A tua cara de sofrimento, de pânico, sem saberes o que fazer, ao observares o teu próprio pai a dar um estalo à tua mãe, é algo que ficará sempre gravado na minha memória.

Tudo me caiu aos pés quando a minha linda menina, o meu bem mais precioso, me apareceu à frente. Não disseste nada, mas o teu olhar disse tudo. Pediste para eu parar de magoar a mãe, para eu ganhar consciência do que estava a fazer, para me acalmar. Pediste tudo isso sem pronunciar uma única palavra.

Esse dia marcou-te. Não dormiste durante várias noites seguidas. Deixaste de interagir com os teus amigos e professores de quem sempre gostaste. Perdeste uma parte da tua infância, da tua inocência. Deixaste de ser feliz.

Só comecei a sentir remorsos quando, pela segunda vez, presenciaste o que eu não queria que visses. Por mais que tentasse, eu não conseguia controlar-me. Tu és a única pessoa que me faz ter consciência da besta que eu sou, do mal que eu fiz e que faço às pessoas à minha volta.

Sempre prometi a mim mesmo que nunca te tocaria com um dedo. E irei cumprir essa promessa até ao fim. E, por isso, escrevo-te estas palavras para te dizer que quero desaparecer, que a crueldade que vive dentro de mim não vai desvanecer. Tenho consciência de que não há solução para mim. Se acabar com isto tudo, a tua mãe deixará de sofrer, o teu avô deixará de ter um filho tão cruel como ele e tu deixarás de ter um pai como eu.

Quando leres estas palavras já não estarei aqui para me dizeres o quanto me odeias e que achas que não é possível eu sentir isto tudo por ti, por isso, só te quero agradecer por teres sido a calma, mesmo que momentaneamente, de que o meu coração negro precisava, e que, no fim, acabou por não ser suficiente.»

Sol...

Nem dá para acreditar.

Nem dá para acreditar que o meu pai era capaz de fazer desmoronar tudo o que estava à sua volta. Não acredito que ele era capaz de praticar estas ações.

Agora consigo perceber o meu nervosismo momentos antes da explosão. O meu cérebro deu-me sinais de que algo não estava bem. Da forma mais inconsciente possível, senti o alerta do que iria acontecer. E foi tarde demais, porque não consegui tomar nenhuma atitude.



Segunda-feira, 19 de outubro de 2009

Mais um ano, Sol.

Mais um ano sem ti.

Mais um ano a celebrar o dia em que cheguei ao mundo sem ti.

Hoje foi um dia diferente. Não o passei apenas com o Cláudio. Passei também com a minha nova amiga, a andar de bicicleta. O meu novo vício.

A verdade é que ainda não te falei sobre ela, porque tinha receio de que pudesses achar que te substituí por outra pessoa. Espero que saibas que isso é impossível, pois não há ninguém como tu.

A Filipa tem-se tornado cada vez mais importante para mim. É como se fosse aquela irmã chata que está sempre a moer-me a cabeça, tal como tu deves sentir em relação aos teus irmãos.

Conheci-a há uns meses. Eu estava no meu quintal e ela decidiu falar comigo. Inicialmente, foi difícil abrir-me com ela, mas percebi, ao longo do tempo, que é persistente ao ponto de conseguir que eu tivesse vontade de me aproximar dela.

No ano passado, recebi uma carta totalmente inesperada, e o Cláudio, após esse momento, começou a abrir-se muito mais comigo. Passado algum tempo, tivemos uma conversa tão marcante que nunca mais me esqueci:

«— Eu gostava do teu pai, mas ele tinha um grande problema... Era dependente do álcool. Não estou a dizer que é desculpa, porque não é, mas a esse problema juntou-se outro grande dilema: a falta de dinheiro. Sempre que estavam em fases de mais aperto, ele metia na cabeça a ideia de que era a tua mãe que gastava tudo, e esse era o verdadeiro motivo de a querer controlar... E vou dizer-te uma coisa muito importante: quando não estamos bem na vida, quando não estamos felizes, descarregamos sempre naqueles que nos são mais próximos. E essa pessoa era a Diana. O Joel tinha muitos defeitos, e tinha noção deles, mas apenas quando estava sóbrio... E o que não lhe permitia ser uma pessoa detestável, em todos os segundos da sua vida, eras tu.

— Foi por isso que ele escreveu que nunca me tocara com um dedo...

— Exatamente. O Joel sempre afirmou a todas as pessoas que o conheciam que nunca te iria maltratar. Ele, durante a sua infância e juventude, levou muita porrada do teu avô, sem qualquer explicação, sem qualquer motivo, ao ponto de ficar inconsciente. E nunca conseguiu perdoar o que lhe aconteceu. E, com isso, deixou de conseguir gerir toda a raiva que tinha dentro de si. Aliás, nunca conseguiu... Ele

sofreu muito e não merecia. E com o tempo tornou-se uma pessoa bastante agressiva.

— *Se ele tencionava matar-se, porque é que também matou a minha mãe? E me tentou levar a mim?*

— *O que o teu pai não admitiu naquela carta é que era muito instável. Num dia pensava de uma forma e no dia seguinte agia de outra completamente diferente. Eu acredito que ele não queria morrer sozinho... Acredito que tenha desaparecido deste mundo com o seu lado cruel à flor da pele.*

— *E a minha mãe? Como é que nunca a ajudaste? Como?*

— *Sempre alertei a tua mãe para ter cuidado. Todos sabiam como o Joel era manipulador e controlador, mas nunca tive a certeza, por mais que perguntasse, que ele lhe... Não imaginas como me arrependo, todos os dias, de não ter feito mais por eles... Terei a consciência pesada até ao fim dos meus dias...*

— *Então é como é que esta carta chegou até ti?*

— *No dia do desastre, cheguei a casa poucos minutos antes da explosão. Ele enfiou a carta por baixo da porta. Admito que olhei para o envelope e vi que deveria entregar-to no dia em que entreguei. Abri o envelope e li o que continha. Larguei tudo o que estava a fazer, peguei no carro e fui ter convosco.*

— *E porque é que deixaste tudo para trás?*

— *Porque ele sabia que se lhe acontecesse alguma coisa e à Diana, ficarias comigo.*

— *Contigo? Eu tinha os meus tios a viverem mesmo ali ao lado. Mais facilmente, ficaria com eles...*

— *Pois, mas fui eu quem se comprometeu, desde o dia do teu nascimento, a ficar contigo, caso eles não estivessem presentes.*

— *Porquê? Quem és tu, afinal?*

— *Para além de ser uma pessoa importante na vida dos teus pais, sou também o teu padrinho.»*



Terça-feira, 19 de outubro de 2010

Os anos estão a escapar-me pelos dedos, e ainda bem que assim é, porque sinto que estou cada vez mais perto do que pretendo.

Hoje conversei com a Filipa, pela primeira vez, sobre ti.

Sobre toda a verdade.

Disse-lhe que, há uns anos, antes de vir para aqui, vivia noutro lugar, que deixei uma pessoa bastante importante para trás, e que hoje ainda me sinto mal por isso. Ela tentou explorar melhor o assunto, estava curiosa, queria saber mais, mas eu ainda não me sinto confortável para partilhar tudo o que senti. Tudo o que vivemos. Tu e eu.

Preciso de mais tempo.

A minha sorte é que ela me entende e, principalmente, me respeita, o que me deixa muito mais à vontade.

E hoje aproveitei também para ser totalmente transparente com o Cláudio. Quero visitar as campas dos meus pais. Estou insuportável. É algo que quero tanto... tanto... Ele ficou emocionado e achou que não seria uma boa ideia, pelo menos, para já. Acha que não é boa ideia reviver todos aqueles momentos. Tem medo de que eu não consiga superar o sofrimento que sentirei ao olhar para as suas sepulturas.

Quem me dera que ele não tivesse razão...

Mas tem...

Nesse momento, terei a certeza de que tudo isto acabou.

De que a vida deles teve um fim — para sempre.



Terça-feira, 24 de maio de 2011

Sol,

Nem consigo acreditar que este dia aconteceu mesmo!

A felicidade que sinto neste momento é tão grande que nem cabe dentro de mim. Sinto-me uma pessoa tão pequenina ao pé deste sentimento sem fim.

Nunca pensei que o Cláudio viesse a aceitar aquilo que eu lhe pedi. Nunca tive um desejo tão profundo como este, e quando ele partilhou comigo a sua decisão, pensei que as minhas pernas não iriam ter forças para resistir a este mar de emoções.

Esta viagem soube-me pela vida. Adorei olhar para aquelas paisagens que de outra forma não poderia observar. Quando passámos pelo campo de futebol do Valado, recordei-me da felicidade que senti naquele relvado.

Sol... As saudades assumiram o controlo das minhas emoções.

Quando chegámos ao cemitério, senti um grande alívio. Aquele local era um autêntico labirinto, e assim ninguém reparou em mim. Eu era apenas alguém a visitar

os seus entes queridos.

Vi fotografias de pessoas que nunca na minha vida vi.

Vi fotografias de pessoas que conhecia por alto.

E, por fim, encontrei, não os meus pais, mas uma pessoa que, em tempos, teve uma grande importância no meu mundo. Nunca deixou de ter. Perdemos o contacto, simplesmente. Era o meu tio. O irmão mais novo da minha mãe. Lembro-me vagamente de ela me ter dito que este meu tio já tinha sofrido na vida, bastante, até. Para além das infinitas doenças que faziam parte dele, soube também que passou uma grande temporada na prisão. Não faço ideia do motivo. Só sei como ele gostava de mim e que me fazia sentir bem ao pé dele.

Até agora, ainda não tinha percebido que, na verdade, sentia falta de mais pessoas para além dos meus pais. Tenho imensas saudades da minha família, de ambas as partes. Lembro-me das sopas que a minha avó materna fazia, lembro-me do café de borras que os meus avós paternos me davam para beber à hora do lanche, lembro-me de brincar com a prima mais divertida de sempre, lembro-me da companhia que todos os meus tios me faziam.

Simplesmente, lembro-me.

E, sinceramente, tenho saudades de tudo e de todos.

A minha mãe era nazarena. Decidiu, por amor, vir viver para o Valado dos Frades, porque se apaixonou loucamente pelo meu pai. O meu pai era valadeiro. E eles adoravam brincar comigo. Diziam que eu era uma espécie de mistura. E eu gostava disso. Gostava de ter dois costumes em casa.

Tenho saudades de sentir a felicidade que eles me transmitiam. Sempre desejei encontrar uma pessoa, como eles se encontraram um ao outro. Sempre desejei olhar para a vida como eles sempre olharam. O meu pai parecia espetacular, pelo simples facto de estar sempre a rir-se com a minha mãe. Muitas vezes eram o cão e o gato, porque ambos tinham feitiços complicados, mas ainda me lembro de um dia em que ele se virou para mim e disse: «Não sei o que será de mim se um dia perder a tua mãe, não sei como conseguirei viver sem ela.» A partir daí, comecei a perceber porque lhe dizia, mais de vinte vezes por dia, que a amava. Recordo-me deles a dançar músicas dos anos 1980 pelos cantos da sala, e o mais engraçado nisso tudo era o facto de não repararem que eu os observava. Recordo-me também de uma caminhada que os meus pais fizeram. A minha mãe chegou muito feliz a casa por o meu pai ter roubado uma flor de um jardim qualquer, por se ter ajoelhado na estrada e perguntado: «Diana, queres casar-te comigo, outra vez?»

E depois acordei para a vida e percebi que era tudo uma farsa.

Não tenho saudades do quanto fingia, todos os dias, depois de voltar da escola, que estava tudo bem. Não tenho saudades de, em tempos, ter acreditado nela quando me

dizia o quanto desejava que, futuramente, eu viesse a arranjar alguém como o meu pai, porque só assim seria feliz. Não tenho saudades de, mais tarde, fingir que concordava. Tenho, sim, saudades dos momentos em que o meu pai era uma pessoa aceitável. Por mais raros que fossem, existiam. Não tenho saudades das suas lágrimas de crocodilo, ao dizer que nunca conseguiria viver sem a minha mãe, quando no momento a seguir a deixava completamente negra. Não tenho saudades de ouvi-lo mil e uma vezes por dia a fazer-lhe declarações de amor, quando tudo isso só servia para ela o desculpar pelos atos de merda que fez no dia, nas horas, nos segundos anteriores. Não tenho saudades de fingir que não ouvia nada. Na maioria das vezes conseguiam esconder dos meus olhos, mas não dos meus ouvidos. Sempre me considerei uma pessoa relativamente alerta e fiquei ainda mais depois de perceber que ouvia o que eu não queria, mas que não conseguia evitar. Não tenho saudades do controlo. Não tenho saudades de fingirmos ser a família perfeita, quando, na verdade, estávamos bem longe disso. Não tenho saudades de me sentir sem saída. Não tenho saudades de sentir que pertença a alguém. Não tenho saudades de fingir. Não tenho saudades.

Chorei tanto, Sol... Tanto...

O Cláudio abraçou-me com imensa força. Nunca pensei que fosse gostar tanto dele, mas a verdade é que se não fosse ele, não sei como é que iria aguentar. Desde que ele admitiu que é meu padrinho que tem sido muito protetor. Sempre foi, mas sinto que tem medo de que me aconteça alguma coisa. Já tentei trazer este assunto à baila, mas ele desvia sempre a conversa. Ele não gosta de ser vulnerável à minha frente, e acho que o seu maior receio seja que eu venha a ter certos pensamentos suicidas, tal como o meu pai.

Depois de transmitir aos meus pais tudo o que sentia, dirigimo-nos ao segundo sítio pelo qual mais ansiava: a tua casa. Ele estava capaz de me comer, mas, felizmente, a neura passou-lhe num instante.

Eu não tencionava bater à tua porta e gritar que voltei, apesar de essa ser a minha vontade. Queria apenas deixar-te uma carta. Queria explicar-te, minimamente, as coisas. Queria que soubesses que estou bem... Não podia e não conseguia esquecer-me de que hoje é o teu aniversário...

Aquele local provocou-me alguma nostalgia. Vieram-me à memória certas recordações. Tão felizes. Recordações que não poderei voltar a viver de forma alguma.

Lembrei-me perfeitamente da fase em que andámos viciadas nos baloiços e de como competíamos para vermos quem conseguia chegar mais alto.

Lembrei-me do momento em que estivemos com o André, a andar de bicicleta, por aquela zona. De repente, as minhas calças ficaram presas à corrente e caí no meio da estrada. Em vez de me ajudarem, riram-se e seguiram em frente. A pessoa que conduzia o carro que vinha na minha direção parou e ajudou-me. No final do dia,

sentiram-se mal com o que aconteceu e acabámos por fazer as pazes. Sempre foi assim.

Lembrei-me de várias maratonas que fizemos à volta da tua casa, porque, sim, o teu casarão é um autêntico palácio. A minha casa, ao pé dela, era uma formiga, mas sempre fui muito feliz em ambas. Os teus pais sempre me trataram bem.

Lembrei-me. Lembrei-me muito.

E continuo a lembrar-me, Sol.

Sempre.

Quando subi as escadas da entrada para me aproximar, reparei nos gritos que vinham da zona da sala. Vocês estavam a rir-se às gargalhadas. Consegui ouvir o André a contar uma das suas piadas, como era costume, e ninguém conseguiu evitar. Portanto, todos demonstraram a felicidade que sentiram ao ouvi-lo.

Os teus cães começaram a ladrar e eu apanhei um dos maiores sustos da minha vida. Deixei a carta em cima do tapete e corri até deixar de haver ar nos meus pulmões. Comecei a gritar-lhe para nos irmos embora e, uma última vez, olhei para trás para observar o teu castelo.

Estava uma pessoa, à porta, a olhar-nos.



Quarta-feira, 19 de outubro de 2011

Sol...

O que pensas sobre mim?

Achas-me uma pessoa esquisita?

Sei que se tivesses a capacidade de ler estas perguntas, irias achá-las muito estranhas. Perguntas para as quais não tenho resposta, pois não sei o que pensar sobre este assunto, sobre estas palavras que acabei de escrever.

Às vezes, existem momentos em que começo a pensar que não sou normal, mas depois ganho consciência e percebo que, na verdade, somos todos normais, mesmo quando nos sentimos estranhos, esquisitos, diferentes.

Pergunto-me se tudo isto surgiu devido às saudades que sinto das minhas pessoas. Será que me sinto assim pela falta que elas me fazem? Será que me sinto assim pela falta que tu me fazes?

Não me conheço e nunca me conheci, na verdade, mas espero, com o tempo, vir a aprender o que tenho de aprender sobre mim. Tenho noção de que o sofrimento destes últimos anos foi uma grande distração, para esquecer o que sempre senti.

Desabafei com o Cláudio sobre o meu descontentamento, sobre este vazio, e ele disse que se continuar assim durante muito mais tempo, ele irá procurar um psicólogo capaz de me compreender como muitas outras pessoas não conseguem.

Espero não vir a precisar.

Espero resolver-me sozinha.

Mas, lá no fundo, tenho a sensação de que o que sinto dentro de mim está cada vez mais forte.



Sexta-feira, 19 de outubro de 2012

Sol,

Hoje foi um dia muito importante para mim.

Além de ser o dia em que completei os meus 16 anos, também foi o dia em que tomei a minha decisão. Finalmente, sei o que quero, sei do que preciso para ser feliz. E não podia ter recebido melhor notícia do que esta.

O Cláudio mostrou-se muito ansioso por saber como correu a minha sessão com a psicóloga. Nestes últimos tempos, tenho andado a preocupá-lo bastante. Sempre que termino uma sessão com ela, ele fica com uma espécie de nervosismo e pergunta-me como estão a correr as coisas. Deve sentir-se culpado, porque sempre achou que era o responsável por eu me sentir desta forma. Quando lhe contei que não era nada disso, quando ficou a saber o que se passava verdadeiramente comigo, sentiu-se aliviado e, ao mesmo tempo, preocupado por o futuro ser tão incerto, e por ter receio de deixar de estar presente para me apoiar todos os dias da minha vida.

Eu prometi que, se algum dia lhe contasse esta grande decisão, acabaria também por contar tudo à Filipa. Tudo, tudo, tudo. E foi o que eu fiz. Tenho uma enorme sensação de alívio a pairar sobre mim. É tão bom. Já sofri muito, tu sabes, por isso também mereço sentir algum tipo de lealdade com outras pessoas, não achas?

Mereço conseguir partilhar algo com os outros.

Saber que as pessoas confiam em nós é bom. Muito bom, aliás.

Mas conseguir confiar nos outros é ainda melhor.



Sábado, 19 de outubro de 2013

Sol,

O que hei de fazer?

Eu sei que não sabes a que me refiro, mas estou sempre a pensar no mesmo, até já começa a enjoar.

Não consigo parar de pensar em ti... Sinto mesmo a tua falta...

Já começaste a pensar no que queres fazer depois de acabares o secundário? Eu ainda não sei, mas tenho de pensar muito bem nesse assunto. A Filipa, por outro lado, já sabe que quer seguir Gestão na universidade. Gostava de me decidir tão bem como ela, pois acredito que facilitaria muito mais a minha vida, mas ainda tenho tempo de decidir o meu futuro.

Não quero ficar aqui para sempre, Sol. Vou querer, um dia, mais tarde, voltar às minhas origens. Quero voltar a ver a minha família... E quem quero eu enganar? O maior motivo és tu.

Quando terminar o décimo segundo ano e sair daqui, quero ir à tua procura. Na verdade, tenho tentado procurar-te pelas redes sociais, mas não tenho tido muita sorte. Será que não tens Facebook? Vou fazer de tudo para te encontrar, e para isso tenho de colocar o meu plano em prática, e já arrastei a Filipa para me ajudar.

Espero mesmo que venha a surtir o efeito desejado.



Segunda-feira, 20 de outubro de 2014

Sol,

Desde que me lembro, sempre fui uma pessoa que gosta de acordar cedo. Hoje não foi um desses dias. Hoje acordei ainda mais cedo do que o costume. Hoje, para minha grande admiração, acordei com as galinhas.

Os meus braços nunca tremeram tanto.

Apesar de tentar expulsar os demónios que me possuem, a verdade é que o receio

que sinto dá cabo de mim.

Nas últimas noites, não consegui dormir nada. Passaram-me muitas dúvidas pela cabeça. E se eu me arrependei? E se, um dia, for tarde demais? Dúvidas existenciais sem qualquer sentido, porque o meu coração sabe bem daquilo que precisa para se sentir realizado e feliz.

Não há palavras para descrever a bondade e o carinho do Cláudio. A nossa relação tem vindo a tornar-se cada vez mais forte. Sei que a minha vida nunca mais será a mesma sem ele. É o meu apoio. É o meu ombro amigo. A pessoa que me acalma todos os dias, especialmente nestes últimos que passaram.

Quem me dera que a minha mãe estivesse aqui para me ouvir. Qual seria a reação dela?

Será que estou a fazer o suficiente para tentar lutar por aquilo que desejo? Imagino a quantidade de pessoas que sonham com o mesmo que eu e que, por medo, não conseguem avançar com esta grande decisão, por isso quero acreditar que estou a fazer tudo o que está ao meu alcance.

Hoje, o Cláudio disse-me algo que nunca mais esquecerei, algo que me guiará, e talvez a todos aqueles que têm receio de avançar, até ao fim dos meus dias: «Não te esqueças de que é a partir de agora que a tua vida começa.»



Segunda-feira, 19 de outubro de 2015

Sol,

No último ano, tanta coisa mudou.

Eu mudei.

Ainda não acredito que dei este passo e que estou aqui.

Depois de se terem passado tantos anos, voltei, finalmente, à terra que me viu nascer e crescer, e agora, felizmente, ninguém me reconhece.

Senti-me reticente durante o dia todo, porque não tinha a certeza se deveria entrar ali, mas sabia que os meus receios não podiam sobressair relativamente a tudo o resto. Não podia voltar atrás, de maneira nenhuma.

Quando entrei por ali dentro, no café Certeiro, reparei nos homens, com barriga de cerveja, que estavam lá sentados. Naquele momento, senti-me como o Harry Potter. Assim que ele entra naquela taberna com o Hagrid, começa a ser observado por todos

os que se encontram lá dentro, e posso dizer que, relativamente ao meu caso, senti exatamente o mesmo.

Foi tão bom recordar aquele local, acreditas? Costumava ir ali com os meus pais, principalmente ao domingo. Sempre gostei imenso daquele ambiente tranquilo.

Depois de pedir um café, de me dirigir à sala dos matraquilhos e de reparar na quantidade de jovens que ocupavam o espaço, observei aqueles que tencionava, a todo o custo, abordar, por mais estranho que parecesse. Perguntei-lhes se eles precisavam de mais um jogador para a partida seguinte de matraquilhos, e mesmo não me conhecendo, afirmaram logo que sim.

Após algumas partidas, já estavam podres de bêbedos. Era a minha oportunidade. Podia não dar em nada, mas tinha de aproveitar o máximo que desse.

O Bruno não parava de pedir cervejas, cervejas e mais cervejas. Acredito que se estivesse a ler isto neste momento, estarias a revirar os olhos, sem perceber porque fiz este caminho todo para conseguir apenas obter informações da parte dele. Quero que saibas que, de certo modo, já estava a entrar em pânico, porque tinha receio de ele ficar muito desorientado com tudo o que estava a ingerir.

Ele disse que a bebida era a melhor forma de esquecer momentaneamente os seus problemas e eu tentei perceber porquê. E acredita, Sol, nunca mais me esquecerei da conversa que se desenrolou entre mim, o Bruno e os outros dois amigos que lá estavam:

«— O que me atormenta aconteceu há uns anos... Hoje é o aniversário de uma pessoa de quem gostava bastante...

— Bruno, tens de parar com essas lamechices! A Luana foi-se. E, aliás, vocês eram uns putos. Como é que te consegues lembrar do que sentias por ela, quando eras tão novo?

— Então, mas o que é que aconteceu? Isto é, para estares a falar no passado, é porque já não faz parte do presente... Certo?

— Só não faz parte do presente, porque ela desapareceu. Logo ela. A melhor pessoa que já conheci. Tenho a certeza de que se ela ainda estivesse viva, estaríamos juntos... Tenho a certeza... Isto se não ma tivessem levado...

— Como assim?

— A Luana desapareceu. Ninguém sabe como, mas desapareceu. Da sua própria casa. Os pais dela faleceram, infelizmente. E a única pessoa que se conseguiu safar foi aquela cabra... A Solange.

— Solange? Quem é essa Solange?

— É a rapariga mais estúpida à face da terra. Foi por causa dela que a Luana foi levada.

— Se te sentires à vontade, explica-me o que aconteceu... Com calma.»

Depois de ele me contar tudo o que eu já sei de trás para a frente, tentei acenar-lhe com a maior compreensão do mundo. Sei que pode parecer muito estranho ele abrir-se desta forma, de um momento para o outro, mas, no fim, os amigos admitiram que fica assim quando bebe em demasia. Não é bom, mas não posso deixar de negar que tive sorte.

«— Não é só pelo facto de a Luana ter desaparecido... que sinto uma raiva tremenda pela outra...

— Bruno, para de estar sempre a bater no ceguinho. Nós sabemos que te custou para caraças, mas a vida é para seguir em frente...

— O que é que aconteceu?

— Houve um dia em que a maltrataram lá na escola. E uma pessoa com bastante importância para mim teve o descaramento de a salvar... Porque é que aquele filho da mãe não continuou na vida dele? Acontece que ele, ao tentar salvá-la, também acabou por ficar em maus lençóis...

— Como assim, em maus lençóis?

— Ele morreu... dentro de um poço... afogado... Aquele caralho não sabia nadar...

— Então, mas quem era essa pessoa?

— Era o meu irmão.»



Quinta-feira, 19 de outubro

O David é a Luana... A Luana é o David.

Pode parecer estranho, mas para mim não é. Sempre soube, bem lá no fundo, que havia qualquer coisa familiar no David. Algo muito mais do que uma simples atração. Algo que me atraía na direção dele e gritava com todas as forças: *Vem ter comigo, sou eu.*

Afinal, a minha outra metade sempre esteve ali. Não é que não estivesse antes de saber toda a verdade, mas não há forma de explicar o que sinto, o que sentimos.

A grande conversa que tivemos, o momento em que fiquei a saber toda a verdade, deixou-me de rastos. Zangada. Frustrada. Desiludida. O seu diário, em certa parte, ajudou-me a sentir-me melhor comigo mesma, diminuindo as emoções conflituosas e as dúvidas existenciais que existiam dentro da minha cabeça.

Durante as primeiras semanas, não consegui, praticamente, dirigir-lhe a palavra. Não conseguia encarar tudo o que descobri com a leveza que gostaria de ter. Precisei de tempo para assimilar toda a informação.

O David foi incrível comigo, porque respeitou o meu espaço, estando, ao mesmo tempo, sempre lá para mim. Tentou conversar comigo, diversas vezes, e nunca me pressionou a seguir em frente como se nada se tivesse passado.

Todas estas ações levam-me a crer que, independentemente dos seus defeitos e qualidades, o David é a pessoa mais importante da minha vida.

Não estava nada à espera de que ele e a Catarina se conhecessem há tanto tempo, e agora começo a perceber todas as atitudes que ela teve comigo. Inicialmente, achava que era excesso de interesse na minha vida, depois comecei a achar que ela não gostava da minha relação com o David sem sequer o conhecer. Afinal, ela sempre soube quem eu era e custava-lhe fingir que não, e tinha receio de estragar a sua amizade com o David. Também só voltei a falar com ela quando a minha cabeça arrefeceu. Ela surpreendeu-me, porque, ao contrário das outras vezes, nunca veio ter comigo, nunca pediu

para falar comigo. Deu-me espaço, o espaço de que eu precisava para respirar fundo e refletir sobre o que era mais importante para mim: deveria ficar chateada com uma das poucas pessoas que provou, de alguma forma, ser minha amiga, e seguir com a minha vida em frente sem ninguém, sozinha e triste, ou dar-lhe uma oportunidade para demonstrar que estava arrependida? Quando decidi falar com ela, ficou muito emocionada, levando a nossa conversa a terminar da forma mais bonita e embaraçosa possível: com lágrimas a deslizarem pelas nossas caras abaixo. Aí percebi que ela é muito mais importante na minha vida, muito mais do que eu queria crer.

Já tive a oportunidade de ir jantar com o Cláudio. O David estava ansioso por que nos conhecêssemos oficialmente. Sem dúvida que estar com ele num contexto escolar é muito diferente de estar com ele num contexto mais pessoal. Fez-me sentir muito bem recebida, como se fizesse parte da família. Adorei saber que a menina que o acompanhava naquela noite em que estava a jantar com o David era a sua sobrinha. Acho que a partir desse instante, a minha vontade de me deslocar até à casa dele aumentou, só para poder usufruir, muito mais, da companhia dela. A minha adoração por crianças não desapareceu. Ele partilhou comigo, enquanto estávamos a sós, num momento em que o David foi à casa de banho, que nunca quis intrometer-se na nossa relação e que já somos adultos o suficiente para sabermos o que queremos para as nossas vidas. Só tive ainda mais a certeza de que temos mais uma pessoa a torcer por nós. Estarei eternamente agradecida por tudo aquilo que ele fez naquela noite fatídica.

O David gosta muito do Bruno. É algo que fui percebendo ao longo destes meses, e consigo entender perfeitamente o seu ponto de vista, sobretudo porque ele consegue obter o seu lado bom, meigo e afetuoso. Por isso, ainda tentou juntar-nos, de certo modo, para que pudéssemos fazer as pazes, colocar todos os nossos problemas em pratos limpos. Nem eu nem ele estávamos satisfeitos, e não tínhamos o mínimo interesse em que isso acontecesse ou viesse a acontecer algum dia. Ainda me custa muito pensar o que podia, ou não, ter feito. Tenho a consciência pesada e tenciono continuar a fazer o luto devagarinho, passo a passo. Eu sei que o David ficou triste com a nossa decisão, mas, acima de tudo, respeitou-nos. Eu cortei relações com o Bruno e é assim que prefiro que as coisas se mantenham.

O que me deixou mais triste foi perceber que um dos homens que eu mais admirava foi a razão para o nosso afastamento: o pai dele, o Joel. É triste pensar que conhecemos uma pessoa, mesmo eu sendo tão nova naquela altura, e perceber que afinal não era bem assim. Acho ainda mais triste o facto

de ele se ter arrastado para uma situação daquelas, levando a família com ele.

Também me sinto triste porque quero ajudar o David a sentir-se mais aliviado, embora repare que quanto menos este assunto for puxado para cima da mesa, melhor. Noto que ele quer o seu espaço e que precisa de estar sozinho. Só gostava de ter sido capaz de fazer mais naquela altura, mas tal como ele, era apenas uma miúda. Gostava de ter defendido a mãe dele, mas gostava de ter salvo, acima de tudo, o seu pai.

— Será que continuarás a querer estar comigo depois de enfrentares o que terás de enfrentar?

Os meus pais. Hoje é, finalmente, o dia em que ele ficará a conhecer os meus pais, ainda que, na realidade, eles tecnicamente já se conheçam.

— Estou mais do que pronto! — tenta dizer com a convicção que acredito que tenha ficado no seu quarto, porque ele não me convenceu nem um bocadinho e, por isso, desato a rir-me às gargalhadas.

Este é um grande passo na nossa relação. Os meus pais vão receber três notícias. A primeira é que tenho namorado. A segunda é que ele é trans. A terceira é que ele já foi a Luana. Será, sem dúvida, um dia repleto de emoções... Mal posso esperar que acabe.

Será que eles vão aceitar? Não acredito que isto seja um conto de fadas em que tudo corra às mil maravilhas, mas também não quero acreditar que o pior deles venha ao de cima. Porque eu sou a sua filha e sei que eles me querem feliz. É por isto que tento sempre viver um dia de cada vez, sem pensar muito no amanhã. E quando isso já começa a ser demasiado, tento viver uma hora ou um minuto de cada vez.

Não consigo conter-me, mesmo estando no sítio em que estamos, e encosto os meus lábios aos dele para o beijo mais intenso que já senti. Por fim, digolhe, finalmente, aquilo que tenho tanto medo de partilhar em voz alta:

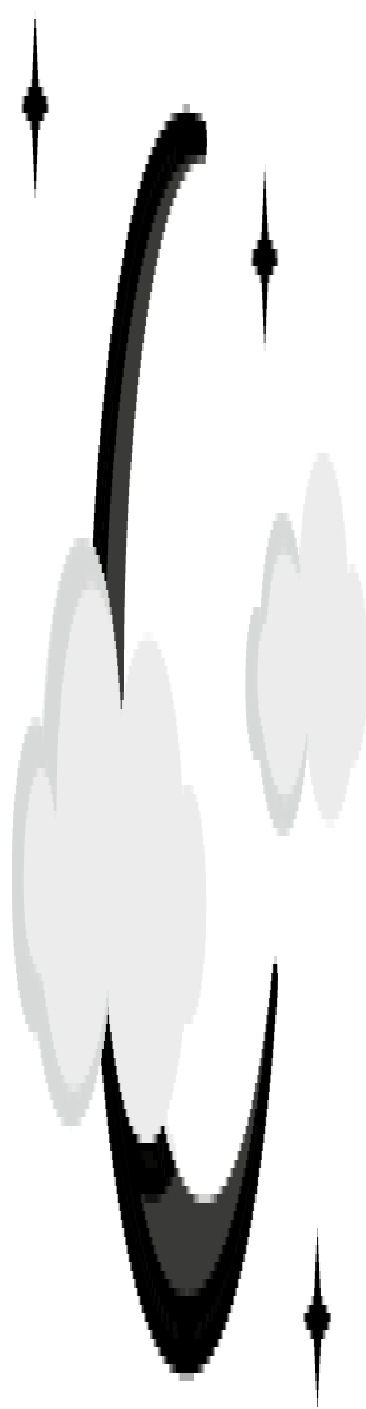
— Amo-te, David.

Uma palavra tão minúscula para demonstrar tudo o que sinto por ele.

Ele olha-me nos olhos da forma mais prazerosa possível. Ele sabe. Sabe desde sempre. Sabe que nunca tive problemas em demonstrá-lo.

— Amo-te, Sol.

Sabe-me tão bem ouvi-lo. É genuíno, é o sentimento mais puro que alguém pode sentir. Essa sensação faz-me seguir o que me faz feliz, e o David é a pessoa que mais me faz feliz.



Domingo, 3 de maio

Epílogo

Já passaram três anos desde que tudo aconteceu. Três anos desde que tudo se desvendou. Três anos desde que contei a verdade à Sol.

Enquanto caminho atrás dela, neste exato momento, reavivo várias memórias do que aconteceu nestes últimos tempos.

O dia em que me apresentei aos pais dela como David foi o dia mais angustiante da minha vida. Lembro-me perfeitamente de estar numa pilha de nervos e, ainda hoje, não tenho ideia nenhuma de como não caí para o lado com tanto nervosismo.

Não houve um abraço ou aperto de mão por parte deles. Não houve qualquer sinal de afeto. Naquela sala, naqueles segundos, que mais pareceram uma vida inteira, o ambiente estava de cortar à faca.

Sem dúvida que o ato de nos deslocarmos a casa deles para contar toda a verdade foi algo que deixou muito a desejar, essencialmente por os pais dela acharem, desde o primeiro minuto, que a filha não deveria namorar com uma pessoa da minha «laia». Passados uns meses, admitiram-me que erraram ao dizer-me algo assim, sem sentido, sem escrúpulos. Disseram-me que foi um choque descobrir várias coisas ao mesmo tempo.

Acho que o maior choque não foi descobrir que eu era trans. O choque maior foi descobrir que eu era a Luana, a miúda que era adorada, como uma filha, por eles, quando as nossas vidas ainda não tinham mudado.

Tem sido uma relação muito agri-doce, pois ainda não aceitam tudo isto a cem por cento, embora já me permitam ir jantar lá a casa. Foi um grande passo e fiquei tremendamente feliz quando isso começou a acontecer.

E tenho a dizer que também é desafiante a relação que me esforço constantemente por ter com a minha família. Andei muito indeciso se deveria ir com isso em frente ou não, porque não tinha a mínima ideia de como poderia ser a sua reação. A Sol foi definitivamente importante para eu ganhar coragem e tomar esta decisão. Houve más e boas reações, mas, no fim, todos

ficaram felizes por eu estar vivo.

A Filipa começou a namorar com a Dilívia, a colega de quarto da Sol. Neste momento, namoram à distância, porque a Dilívia teve de regressar para o seu país, assim que o seu ano de Erasmus terminou. A minha amiga sente-se triste, mas, ao mesmo tempo, confiante de que conseguirão, unidas, realizar os seus sonhos. E um deles é viverem juntas. Já estão a planear para que, no fim da licenciatura da Dilívia, ela possa voltar para Portugal, e, desta vez, para ficar. Eu e a Sol estamos muito felizes por elas.

Infelizmente, já não mantenho qualquer tipo de relacionamento com o Bruno. A sua obsessão pela Lua tornou-se excessivamente desagradável. Ele acreditava que ela andava por aí, desorientada, pela rua, à sua procura, à espera do seu apoio. Começou a afirmar que todas as raparigas que lhe passavam pela frente eram ela. A sua saúde mental não estava bem, o que me deixou preocupado, e, na altura, pedi-lhe que procurasse ajuda, mas ele não quis saber. Na sua cabeça, o doido era eu. Por isso, não pude continuar a ser seu amigo. Não pretendo partilhar o meu passado com ninguém, para além das pessoas que já sabem a verdade. Pode parecer egoísta da minha parte, mas é o que me ajuda a manter a minha sanidade mental minimamente intacta.

O orgulho que sinto da minha Sol não tem fim. Ela teve tomates para enfrentar os seus pais e admitir que tomou a decisão de abandonar o seu curso de Gestão para tentar lutar pelo seu verdadeiro sonho: Medicina Veterinária. Apesar de terem tentado arranjar motivos para se opor, ela nem lhes deu a oportunidade de opinar, porque, no final de contas, a sua determinação era maior do que tudo o resto, e já tinha tratado de se matricular na licenciatura que lhe permitira concretizar o seu maior desejo: cuidar dos animais.

Atualmente, sinto-me melhor com quem sou e, essencialmente, com o tipo de pessoa que quero ser, tanto agora como no futuro. Voltei à terapia e ando a trabalhar na minha autoestima. Ela tem conseguido chegar até mim, tem sido firme e empática, desconstruindo todas as barreiras que eu criei.

Sei que é um processo longo, mas farei de tudo para me amar ainda mais e aprender a viver em paz com tudo o que aconteceu.

Hoje posso dizer que sou muito feliz. Estou a trabalhar onde quis trabalhar em toda a minha vida: numa prisão-escola para jovens. Todos os dias existem desafios novos, mas é mesmo por isso que decidi seguir esta área: para ajudar aqueles que não se permitem ser ajudados.

O que mais me deixa ansioso nesta fase da minha vida é saber que o dia da minha cirurgia de redesignação sexual está mesmo aí à porta. Foram anos,

anos e anos à espera do momento em que irei renascer.

Gostaria que esta história, *que a minha história*, tivesse um final feliz. A vida é incerta, os dias são incertos. Não sei o que acontecerá amanhã, mas tenho duas certezas: desde que me lembro que sei que a Sol é a minha pessoa e que o fim da minha jornada, *da nossa jornada*, não acaba com «felizes para sempre».

Talvez esses finais nem sequer existam. A verdade é que a realidade é bem mais conturbada do que a ficção, mas nunca perderei o foco de batalhar diariamente pelo final que tanto desejo e que tanto mereço.

Nota de Pedro Duarte

Olá.

O meu nome é Pedro, tenho vinte e quatro anos e sou um homem trans. Passei dezasseis anos da minha vida preso a um corpo que não me pertencia. Passei dezasseis anos a usar uma máscara, a fingir ser alguém que não era. Pensei, durante muito tempo, que era um anormal, porque não me encaixava na sociedade, não tinha amigos e sofria de *bullying* psicológico e físico por ser diferente do que era suposto.

Inicialmente, não tinha a mínima ideia de que era possível fazer uma transição destas. Só descobri no dia que uma figura pública contou e assumiu a sua história para o país inteiro. Nesse momento, senti-me salvo. Senti esperança. Algo que não sentia em certas fases que tive de ultrapassar. Fases que me levaram a querer acabar com a minha própria vida. Com esta pessoa, descobri que podia ser quem estava destinado a ser. Descobri que podia sentir-me completo e feliz.

Assumir-me perante a minha família foi a decisão mais difícil e, ao mesmo tempo, a mais fácil que já tomei. O meu maior medo era a falta de compreensão, de aceitação e que não abraçassem o meu verdadeiro «eu». Felizmente, acabei por ser surpreendido e recebido de braços abertos.

Não é fácil passar por um processo destes. É lento, demorado, e por mais que as coisas não tenham sido fáceis, tive de manter a calma, a paciência e não desistir de mim mesmo. Deparei-me com muitos obstáculos pelo caminho, mas tive de os derrubar para conquistar a minha liberdade total, embora ainda esteja a lutar por isso mesmo.

Quando a Lara me abordou e referiu que tencionava escrever um livro sobre uma personagem trans e que se queria inspirar na minha própria história, foi muito importante para mim. E ser convidado a escrever-vos isto, uma mensagem de esperança, é algo que me deixa sem palavras. Tudo isto me emociona.

Por fim, caso leiam este livro e se identifiquem de alguma forma com esta história, estou à vossa disposição para qualquer esclarecimento, dúvida e/ou ajuda de que necessitarem, por isso deixo-vos o nome da minha página de Instagram: @giantduarte.

Nota da autora

Quando disse em voz alta, pela primeira vez, que queria escrever esta história tinha apenas dezassete anos. Recordo-me perfeitamente de estar a poucos meses de terminar o secundário. Encontrava-me sentada, em cima da cama, com o portátil por cima das pernas, como era hábito, e tinha pesquisado no Google: *O que é que eu quero ser quando for grande?*

Eu sabia que não iria obter uma resposta, mas o verdadeiro intuito desta procura era encontrar alguém como eu. Alguém que se sentisse igualmente perdido na vida. Eu não sabia o que queria fazer, não sabia o que gostaria de estudar. Só sabia que queria fazer algo por mim.

Nesse instante, a minha mãe entrou no quarto e perguntou-me o que eu não sabia e a que, principalmente, não queria responder. Até que decidi contar-lhe algo que, até então, nunca partilhara com ninguém. Disse-lhe que gostaria de, um dia, escrever um livro. Mais do que um, se fosse possível. E, como qualquer outra pessoa, ela perguntou-me que assunto gostaria de abordar.

Falei-lhe, então, sobre esta história.

É verdade que todos nós temos muitas parecenças, tendo em conta as fases pelas quais passamos na vida. Nascemos, crescemos e morremos. Mas, na verdade, somos todos diferentes.

Eu sou diferente.

Tu és diferente.

O David é diferente. É especial.

Todos os Davides que existem por aí são especiais.

Só tenho a dizer que foi um gosto enorme pegar nesta história e, de alguma forma, tentar que alguém se sentisse compreendido. É impossível chegar a todos, é impossível agradar a todos, mas se estiveres a ler isto e se em alguma palavra, ou em alguma frase, te sentiste compreendido, sei que fiz o meu trabalho.

Adorava ter o poder de fazer desaparecer o preconceito, mas sei perfeitamente que não é possível. No entanto, acredito que, se todos juntos, nos esforçarmos, todos os dias, mais um bocadinho, poderemos desconstruir cada vez mais aquelas ideias que não trazem alegria a ninguém.

Se um dia conheceres algum *David*, peço-te que não te retraias. Ajuda-o a perceber que não está sozinho e que o mais importante nisto tudo é ele ser a pessoa que é, a pessoa que nasceu para ser.

E se tu, caro leitor, fores um *David*, por favor, nunca desistas de viver a tua vida. Nunca desistas de lutar pela tua felicidade.

Agradecimentos

Apesar de as minhas mãos terem sido as únicas a passar esta história, com tanto significado para mim, para o papel, acredito piamente que o consegui devido ao apoio de inúmeras pessoas.

Às pessoas pelas quais ligo o despertador, todos os dias, à mesma hora, no meu telemóvel, para que não me esqueça de lhes fazer um telefonema: os meus pais. Sem vocês não seria, com toda a certeza, a pessoa que sou hoje. Obrigada por me terem passado o mau feitio que tanto vos define e que me faz amar-vos ainda mais. O «amor» é uma palavra tão pequenina para um significado tão grande. E acho que nem essa palavra consegue fazer justiça ao que sinto realmente por vocês. Obrigada por me apoiarem e por me perguntarem sempre: «Então, o livro já está pronto?»

Ao meu namorado, por toda a paciência que teve, que tem e que terá de ter para me aturar até ao fim dos nossos dias. Obrigada por não virares costas às minhas mudanças de humor, às minhas inseguranças. Obrigada por não me deixares cair. Obrigada por nunca teres deixado de me dar a mão.

À família do meu namorado, por todas as vezes em que se mostravam mais ansiosos do que eu. Agradeço-vos por todo o apoio que me deram.

Às *bookfluencers*, que aceitaram aventurar-se nestes meus devaneios, sem saberem exatamente ao que iam. As minhas *beta readers*. Quando vos pedi para lerem o que escrevi, com o intuito de receber um *feedback* honesto da vossa parte, quero que saibam que não foi apenas pelo facto de pensar que fazem a diferença nesta comunidade. Foi por sentir que também fazem diferença na minha vida. Obrigada por me lerem, por me compreenderem e, principalmente, pela vossa amizade.

Ao Pedro Duarte, por não me ter considerado uma doida varrida logo na primeira vez em que entrei em contacto com ele. Podes ter a certeza de que esta história não seria a mesma sem ti. Obrigada por todas as conversas pessoais e menos pessoais que tivemos. Sei que nem toda a gente conseguiria

abrir-se comigo da forma que o fizeste. Agradeço-te por todos os esclarecimentos que me deste, por toda a paciência e, sobretudo, por todo o carinho. ÉS GRANDE.

Ao Grupo Infinito Particular, por me dar a maior das alegrias e por me deixar a chorar desalmadamente no momento em que manifestou interesse no meu manuscrito. Nunca conseguirei agradecer o suficiente por esta oportunidade, pela oportunidade que não me permitiu baixar os braços, pela oportunidade que me fez ganhar coragem, mais uma vez, de seguir o meu caminho. Obrigada por confiarem, cada vez mais, nos autores portugueses. Obrigada por confiarem em mim.

E a ti, caro leitor, agradeço-te por teres chegado à última página. Não existem palavras para expressar a minha gratidão. Por isso, quero que sintas o que te estou a transmitir: um grande chi-coração. E não te esqueças: coração com coração.

Contents

1. [Prólogo](#)
2. [Primeira Parte](#)
 1. [Segunda-feira, 19 de setembro](#)
 2. [Minha Lua,](#)
 3. [Segunda-feira, 19 de setembro](#)
 4. [Lua,](#)
 5. [Segunda-feira, 19 de setembro](#)
 6. [Minha Lua,](#)
 7. [Segunda-feira, 19 de setembro](#)
 8. [Lua,](#)
 9. [Segunda-feira, 19 de setembro](#)
 10. [Lua,](#)
 11. [Segunda-feira, 19 de setembro](#)
 12. [Lua,](#)
 13. [Querida Lua,](#)
 14. [Segunda-feira, 26 de setembro](#)
 15. [Segunda-feira, 26 de setembro](#)
 16. [Lua,](#)
 17. [Terça-feira, 27 de setembro](#)
 18. [Luana,](#)
 19. [Quinta-feira, 29 de setembro](#)
 20. [Quinta-feira, 29 de setembro](#)
 21. [Sexta-feira, 30 de setembro](#)
 22. [Sexta-feira, 30 de setembro](#)
 1. [David](#)
 23. [Quinta-feira, 6 de outubro](#)
 24. [Querida Lua,](#)
 25. [Quinta-feira, 6 de outubro](#)
 26. [Sexta-feira, 7 de outubro](#)
 27. [Domingo, 9 de outubro](#)
 28. [Terça-feira, 11 de outubro](#)
 29. [Quinta-feira, 13 de outubro](#)
 30. [Quinta-feira, 13 de outubro](#)
 31. [Terça-feira, 18 de outubro](#)
 32. [Terça-feira, 18 de outubro](#)
 33. [Segunda-feira, 24 de outubro](#)
 34. [Quinta-feira, 27 de outubro](#)
 35. [Domingo, 30 de outubro](#)
 - 36.

37. Domingo, 30 de outubro
 1. David
38. Domingo, 30 de outubro
 1. David
3. Segunda Parte
 1. Domingo, 23 de abril
 2. Sinto-me como se um camião...
 3. Segunda-feira, 24 de abril
 4. Terça-feira, 25 de abril
 5. Terça-feira, 25 de abril
 6. Terça-feira, 25 de abril
 1. David
 7. Terça-feira, 25 de abril
 8. Segunda-feira, 1 de maio
 1. David
 9. Domingo, 7 de maio
 10. Domingo, 7 de maio
 11. Domingo, 7 de maio
 12. Domingo, 7 de maio
 13. Domingo, 7 de maio
 1. David
 14. Terça-feira, 24 de maio de 2011
 15. — Que barulho foi esse, querida?...
 16. Domingo, 7 de maio
 1. David
 17. Segunda-feira, 8 de maio
 1. Domingo, 19 de outubro de 2008
 2. Segunda-feira, 19 de outubro de 2009
 3. Terça-feira, 19 de outubro de 2010
 4. Terça-feira, 24 de maio de 2011
 5. Quarta-feira, 19 de outubro de 2011
 6. Sexta-feira, 19 de outubro de 2012
 7. Sábado, 19 de outubro de 2013
 8. Segunda-feira, 20 de outubro de 2014
 9. Segunda-feira, 19 de outubro de 2015
 18. Quinta-feira, 19 de outubro
4. Domingo, 3 de maio
 1. Epílogo
5. Nota de Pedro Duarte
6. Nota da autora
7. Agradecimentos

1. [Cover](#)